Livros no Parque e futebol na TV: quem ganha?

Hoje no Ler Escrever

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 062 Quinta-feira. 15 de Maio de 1986 Preço 40$00

Guimarães mobilizada no "contra"

VIZELA OCUPOU RUAS DA CAPITAL

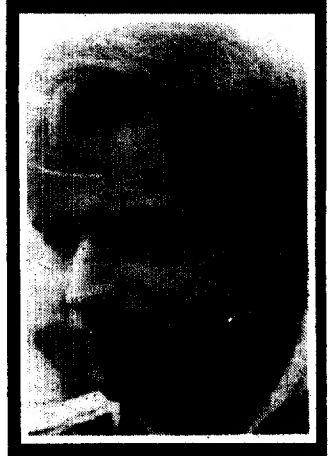
A elevação de Vizela a sede de concelho deverá ser discutida esta tarde pelo plenário da Assembleia da República. Há expectativa em torno desta matéria. Expectativa que «aquecerá» o Parlamento se o PRD se mantiver dividido sobre a posição final a tomar, caso a questão se coloque à votação. A maioria dos deputados do PRD ter-se-á pronunciado contra a criação do concelho de Vizela.

Entretanto, muitos foram os vizelenses que em camionetas e carros particulares viajaram para Lisboa, «invadindo» esta man ã zonas como o Rato, a Estrela e S. Bento, trajando capas com as cores da vila (azul e amarelo) ou empunhando bandeiras com as mesmas cores.

Pág. 9

Despiste a 270 km/hora

De Angelis em estado de coma



Pag. 17

Futebol em alvoroço

Elvas sobe à 1.ª divisão

Águeda travado na competência

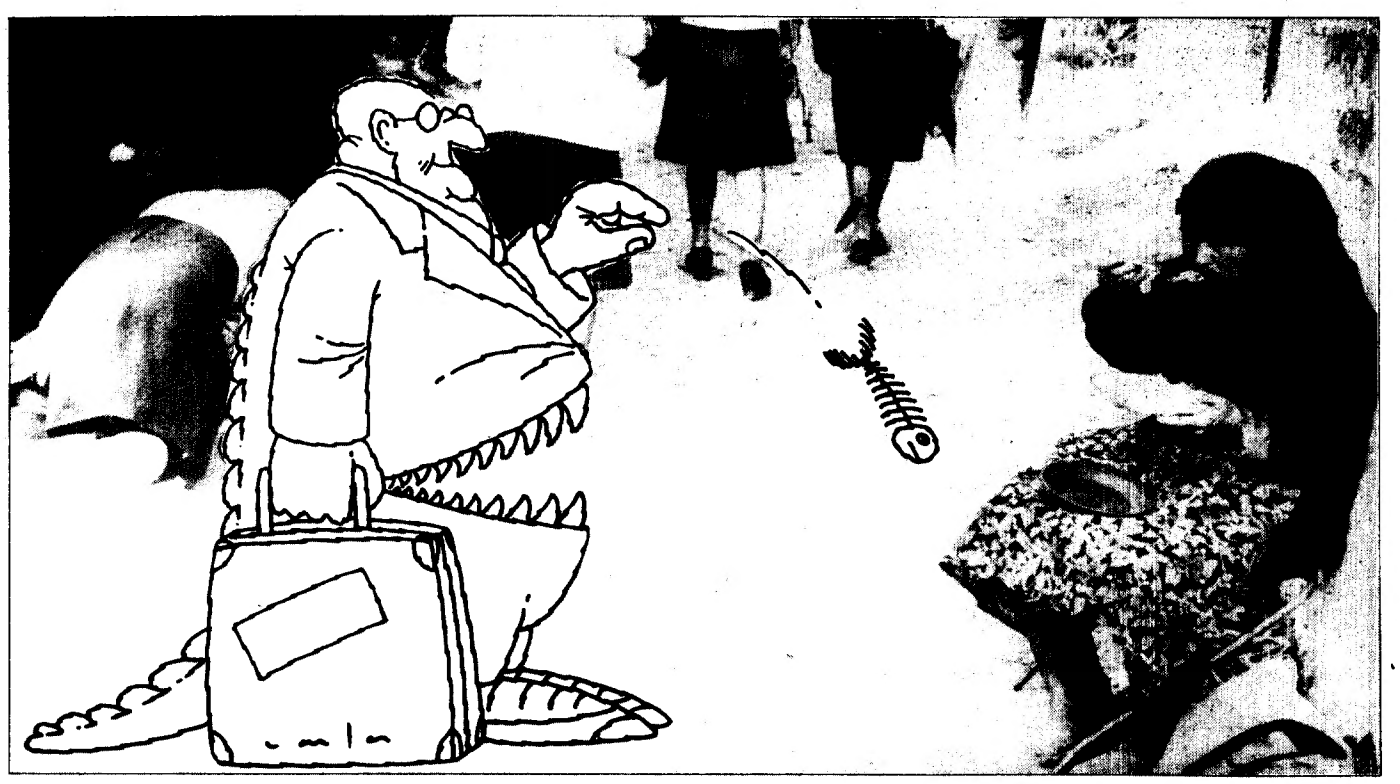
Pag. 18

As espinhas da pobreza

Salário mínimo é padrão da desgraça

Em 1986 quantos de nós somos pobres? Os dados disponíveis não permitem um retrato actual da pobreza, mas para usufruir dos programas europeus de luta contra aquele fenómeno, Portugal necessita de apresentar números à escala nacional e realidades bem definidas. Esta manhã, na Gulbenkian, o responsável pelo Seminário Europeu Sobre a Pobreza em Portugal, inaugurado por Cavaco Silva, afirmava que existem hoje «indivíduos, grupos e comunidades em situação de uma «nova pobreza», quando não em situações de miséria».

Pág. 10 e 11



Feira do Livro reforça posição

A partir de amanhã, as «casinhas» de metal que se encontram no Parque Eduardo VII voltam a abrir as suas portas. Trata-se da 56.ª edição da Feira do Livro de Lisboa, que, espera-se será visitada por 600 mil pessoas.

Quando se chega a esta época do ano as listas de livros, autores e editores começa a ser preparada. Há quem rebusque nas livrarias qual a editora que publicou o tal livro, do tal escritor, e porque preço ele está à venda. Calcula-se por que preço ficará com um desconto de vinte ou trinta por cento e fica-se ansiosamente à espera da Feira do Livro.

Este ano a Feira do Livro terá 110 pavilhões — menos quatro que no ano passado, pois o Centro do Livro Brasileiro, a Livraria Boa Leitura, a Liquidadora do Livro e a Pórtico (todas editoras de Lisboa) não estarão presentes. No entanto os seus livros podem ser à mesma encontrados na Feira, pois apesar de não estarem representadas com o seu pavilhão próprio entregaram as suas obras a outras editoras.

Apesar de se ter começado por recear o êxito da Feira por coincidir com o período do Campeonato do Mundo de Futebol, José Vieira, da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros refere: «estou convencido que a Feira vai atrair muita gente. Há quatro anos atrás também houve Mundial de Futebol (e, como era em Espanha, a diferença horária até era menor) e as pessoas não deixaram de aparecer. Calculamos que afluam à mesma, pois há um período de funcionamento bastante diversificado».

Tal como nos anos anteriores, a Associação está à espera que os pavilhões sejam visitados por cerca de 600 mil pessoas, pois o número de potenciais compradores é muito pouco oscilante. Por duas vezes já se fizeram estatísticas — em 1980 e 1983 — e o resultado ronda sempre esse número.

Literatura estrangeira

Ainda segundo o sr. José Vieira, apesar do livro estar cada vez mais caro realiza-se mais dinheiro. Tal não quer dizer que se vendem mais livros, mas mesmo assim as transacções não têm caído e, como prova, salienta que «o editor português não tem deixado de editar».

«Por exemplo — diz — a Europa América e os Livros do Brasil vão numa percentagem de edições de 1,8 livros por dia. E não me consta que os armazéns estejam cheios, logo é porque se vende».

«Neste País não há um único mês em que não apareça uma nova edição. O problema é que a taxa de crescimento de venda não acompanha a taxa de despesas».

A julgar pelos anos anteriores, espera-se que também nesta 56.ª edição da Feira do Livro de Lisboa os livros mais procurados sejam os de literatura contemporânea estrangeira (traduzidos, claro).

«É natural que o livro traduzido seja o mais vendido porque há muitos autores e editores estrangeiros a combater os portugueses. Chegam quase os dedos dos pés e das mãos para dizer quantos escritores portugueses têm uma produção literária regular», afirma ainda o membro da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

Dos escritores portugueses mais procurados salientam-se Vergílio Ferreira, Fernando Namora, José Saramago, António Lobo Antunes e Alice Vieira.

Os descontos

O grande atractivo da Feira do Livro são os descontos. Este ano eles vão de 20 por cento, no mínimo, a 60 por cento, o máximo, praticado nos «livros do dia». No entanto nem todas as editoras têm nos seus pavilhões essa modalidade. Os livros publicados depois do dia 30 de Abril não podem ser vendidos com desconto, para não prejudicar as livrarias.

Visitada por uma população bastante heterogénea, a Feira do Livro tem no entanto os seus maiores compradores nas pessoas de profissões liberais, nos jovens (sobretudo nos livros de banda desenhada ou de ficção científica) e nos pequenos livreiros.

A 56.ª edição da Feira do Livro abre amanhã pelas 18 horas e encerra 23 dias depois, a 8 de Junho, e pode ser visitada num horário bastante diversificado: de segunda a sexta-feira abre às 16 horas; aos sábados, domingos e feriados às 15 horas. O fecho é de segunda a quinta-feira às 23 horas; às sextas, sábados e vésperas de feriados às 24 e aos domingos também pelas 23 horas.

Manifestações paralelas

Tal como é habitual, também nesta edição haverá as tradicionais sessões de autógrafos. Presenças já confirmadas são os escritores Alçada Baptista, António Lobo Antunes, José Saramago e Alice Vieira.

Novidade, este ano, é a realização de uma exposição organizada pelo Instituto Português do Livro e onde vão estar presentes a quase totalidade dos livros publicados em Portugal, de Maio de 1985 a Maio de 1986. Assim, podem ser observadas, entre outras, reedições e traduções de obras estrangeiras publicadas desde o certame do ano passado.

Ainda sem confirmação, a direcção da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros está a tentar levar até ao recinto grupos de bonecreiros e de teatro infantil.

Uma feira animada promete ser a deste ano. Mas se não for, também não tem grande importância. O que conta mesmo são os descontos nos livrinhos.

Mercado português: "um livro por habitante"

A oferta de livros no mercado português, em 1984, foi 26 vezes inferior à do mercado espanhol, tendo como base estatísticas garantindo que a Espanha lançou mais de 30 mil títulos, enquanto Portugal se ficou pelos 1504.

Com as estatísticas portuguesas que revelam o estado do mercado livreiro, pode tentar-se uma aproximação do panorama, tendo como ponto de partida dados recolhidos pelo relatório da Comissão do Livro, apresentado à Secretaria de Estado da Cultura.

A diferença entre os dois países vizinhos torna-se mais evidente, ao sublinharmos que a Espanha é, desde 1981, o quinto país do mundo da lista dos «maiores» em títulos publicados, estando à frente da França, e somente atrás dos Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e Japão.

A posição espanhola sobe para quarto lugar na lista das exportações livreiras, correspondendo estas ao décimo lugar de todo o sector exportador espanhol. Se tivermos em conta a relação produto interno bruto/exportações, então a Espanha passa a ocupar o primeiro lugar do mundo.

O relatório da Comissão do Livro sublinha que «não é novidade para ninguém dizer que o problema do livro e da leitura em Portugal é de ordem estrutural».

Apesar de os dados disponíveis serem «demasiado fragmentários e assistemáticos para um diagnóstico socio-cultural rigoroso», sabe-se que o mercado do livro correspondeu, em 1983, à reduzida dimensão de «um livro por habitante».

Analisando a intervenção do Estado, independentemente do seu volume e estrutura organizativa, a referida comissão aponta-lhe dois «defeitos básicos».

O primeiro por não atacar o problema dos dois lados — oferta e procura — contentando-se, na prática, por uma acção em favor dos editores, enquanto «agentes culturais» e, assim, pontualmente, facilitando a venda de «mais livros aos mesmos leitores».

O segundo defeito apontado pela comissão é a «orientação culturista» do Estado, acentuando o privilégio ao livro definido como «cultural» pela própria «elite produtora».

A comissão aponta como política estatal do livro e da leitura, que se encare a edição como «actividade industrial», que se promova «a propensão geral para a leitura» e que se confie à «escolha do consumidor a orientação qualitativa do mercado».

A Comissão do Livro, no relatório, defende «uma política integrada da produção, distribuição e consumo do livro» para alterar os dados da situação portuguesa, mas dirigida «por um só organismo».

Dadas as enormes carências e os parcos recursos, o relatório estabelece um regime de prioridades, fazendo sobressair em primeiro lugar «o alargamento do mercado do livro».

Tal alargamento não passaria apenas pelo apoio à produção em moldes industriais, mas sobretudo por «uma acção absolutamente prioritária no domínio da leitura pública a todos os níveis — bibliotecas infantis, escolares, municipais, de empresas, prisões, hospitais, quartéis, universitárias e eruditas».

Por isso, a comissão defende, como «passo decisivo», a médio prazo, a criação de estruturas que possibilitem a «existência e funcionamento regular, coerente e eficaz de uma rede de leitura pública à escala nacional».

A mesma Comissão considera, ainda, preferível responsabilizar as entidads interessadas, nomeadamente os editores, «criando instrumentos que lhes permitam agir de acordo com os seus programas» em vez de estimular «o recurso pontual a uma espécie de medicância para a publicação deste ou daquele título».

Prioritária também a penetração do livro editado em Portugal nos seus mercados naturais externos: Brasil, países africanos de expressão portuguesa, e comunidades de emigrantes no estrangeiro.

Uvas verdes (ou o projecto de Sines)

Luís Manuel Vasques Ramalhete

«A Espanha está prestes a tornar realidade uma das suas maiores ambições industriais: transformar o porto de Algeciras no Roterdão do Sul da Europa. O Citibank e a empresa americana Bechtel Civil & Minerals vão realizar nos próximos meses um estudo sobre um gigantesco projecto abrangendo sectores de «shipping», indústria e agricultura da área.

O porto de águas profundas de Algeciras, estrategicamente localizado à entrada do Mediterrâneo, pode receber embarcações até 130 000 toneladas.»

Quando lemos esta notícia e pensamos na propaganda interna com que temos sido bombardeados nos últimos anos sobre as desgraças e inconvenientes do projecto de Sines, não podemos deixar de lembrar a velha fábula de La Fontaine...

As uvas verdes

Num período que abrange a década de 70 e parte dos anos 80 foram instalados em Sines um porto de águas profundas, uma refinaria de grande capacidade e um complexo petroquímico, além de outras unidades ligadas directa ou indirectamente a este conjunto industrial. Foi criada uma nova cidade para albergar os trabalhadores necessários ao preenchimento dos quadros das novas empresas e Sines mudou progressivamente o seu cariz de vila piscatória e turística semiadormecida para o de activo centro industrial.

No entanto...

A refinaria de Sines trabalha normalmente a 60% da sua capacidade; o porto de Sines, construído para receber barcos até 500 000 toneladas, sofreu grandes avarias pouco depois de ser concluído e teria perdido parte do interesse devido às crises do petróleo de 1973 e 1979; a petroquímica local debate-se com dificuldades de viabilização económica: a Cidade Nova de Santo André, cuja população ultrapassa a da sede do concelho respectivo, sofre problemas de adaptação social.

Teria na realidade todo o projecto de Sines sido um grande erro?

Os resultados

É ainda difícil encontrar indicadores que consubstanciem os resultados do projecto duma forma não subjectiva, mas alguns valores começam já a surgir.

Foi recentemente publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, um excelente trabalho apresentando os valores das contribuições e impostos pagos pelos diversos concelhos do continente entre 1971 e 1980.

Os valores dos impostos pagos por uma determinada região constituem um excelente indicador da riqueza local, desde que se tenham em consideração as limitações decorrentes da concentração do pagamento de alguns impostos em determinadas cidades, da não afectação real de certas actividades económicas pelos impostos e da deslocação temporal dos pagamentos em relação ao período real da actividade correspondente.

Verifica-se em Portugal, na realidade, uma relação quase matemática entre a evolução do volume total de contribuições e impostos liquidados anualmente e o correspondente produto interno bruto nacional.

Julga-se pois ser possível com todas as reservas necessárias, relacionar para uma determinada área e para um determinado período, a variação do valor dos impostos com o desenvolvimento relativo da área em questão, e o valor médio de impostos pagos por habitante com o PIB per capita local.

Nesta base, os valores de 1980 apontam para Lisboa, S. João da Madeira e Porto como os concelhos mais bem colocados, e Ribeira de Pena, Terras do Bouro e Vila de Reis como aqueles que mais baixo se encontram na escala da renda interna por habitante.

Sines, que antes da industrialização estava bastante abaixo da média nacional, evoluindo entre 1971 e 1980 a uma taxa quatro vezes superior ao conjunto do continente, subiu muito rapidamente nesta escala de riqueza local, localizando-se em 1980 entre os concelhos de topo, imediatamente a seguir a um grupo de doze centros que incluem Lisboa, S. João da Madeira, Porto, Vila Franca de Xira, Coimbra Aveiro e Setúbal, mas acima de concelhos muito favorecidos pelo turismo como Albufeira e Faro.

Consequências sociais e regionais

Neste momento julga-se ser já possível afirmar que o projecto de Sines teve consequências sociais e regionais muito positivas.

O desenvolvimento de toda a área é evidente e só uma visão pré-formada e tendenciosa pode defender opinião contrária.

Se bem que pertencendo administrativamente ao distrito de Setúbal, que no seu todo apresenta aumentos regulares de população, Sines está inserido num contexto tipicamente alentejano, caracterizado por um despovoamento progressivo e por rendimentos muito baixos dos habitantes.

Durante a década de 70 a tendência local de esvaziamento foi travada e mesmo invertida. Entre 1970 e 1981 a população do concelho de Sines aumentou de 60%, influenciando positivamente os concelhos vizinhos de Santiago de Cacem e Grândola, que também apresentaram, ao contrário das restantes zonas circundantes, incrementos de população. Em 1981, Sines, inserido numa zona cuja densidade média de população não ultrapassava os 20 habitantes por quilómetro quadrado, apresentava um valor de 60h/km2.

Em poucos anos surgiram na região mais de 500 novas actividades, bancos, empresas de serviços, despachantes, transitários, agências de transportes marítimos, oficinas, pequenos centros comerciais, restaurantes, escolas, garagens, minimercados, tabacarias, cabeleireiros.

O rendimento por habitante de Sines, que, em 1970, era menos de metade da média geral do País, ultrapassou, em 1980, o valor médio do continente, colocando-se entre os 20 concelhos de maior PIB per capita do País.

Sines constitui já um núcleo vitalizador indiscutível capaz de, a longo prazo, suster e inverter a tendência de progressivo despovoamento e estagnação de uma área muito vasta do Alentejo.

Quem paga Sines

Nos anos que decorreram entre 1971 e 1980 Sines multiplicou por 38 a sua contribuição para o Estado português (sob a forma de contribuições e impostos), valor ímpar no País, quatro vezes superior à média do continente ou do distrito em que está inserido.

Uma análise dos índices de desenvolvimento verificados nos concelhos limítrofes e nos concelhos do distrito de Setúbal leva a admitir que, sem o complexo industrial, não seria de esperar para Sines uma evolução superior à média nacional.

Mesmo que se considere a hipótese optimista de um intenso desenvolvimento turístico, o exame da evolução de concelhos como Sesimbra, ou mesmo Albufeira e Portimão, fazem crer que em 1984 o valor das contribuições e impostos pagos pelo concelho de Sines não teria ultrapassado muito a centena de milhar de contos. Na realidade, nesse ano, aquele quantitativo foi superior a 470 mil contos.

Se considerarmos o facto de as principais novas empresas instaladas em Sines terem pago nesse ano, em Lisboa e em Setúbal, impostos que ultrapassaram largamente as três centenas de milhares de contos, pode concluir-se que **já em 1984 o projecto de Sines rendeu ao Estado cerca de 700 mil contos**.

Isto significa afinal que o concelho está a contribuir fortemente para a amortização dos investimentos ali realizados. **Não é pois totalmente exacto dizer que quem paga Sines é o povo português: neste momento quem está a pagar Sines é principalmente a população e as empresas locais**, aliás principais usufruidoras das obras ali realizadas.

Perigo ecológico

A instalação de um grande complexo industrial numa zona piscatória não pode deixar de levantar protestos e não seria de admirar o aparecimento em Sines de algumas perturbações ecológicas resultantes desta evolução.

Ora constata-se ali um fenómeno extraordinário: num País onde a quantidade de peixe descarregado tem vindo sucessivamente a decrescer nos últimos dez anos (baixou de cerca de 30% entre 1970/73 e 1980/83) os pescadores de Sines conseguiram aumentar as suas capturas de 35% no mesmo período.

O perigo ecológico parece não afectar demasiado o eficiente meio piscatório local que, em 1983, mantinha em actividade 92% das embarcações disponíveis num período em que se encontravam imobilizadas, no resto do País, 40 em cada 100 unidades de pesca existentes.

As uvas que não comemos

Apesar de todos os percalços, o porto de Sines, assegurando já mais de 30% do movimento do País e com condições únicas na península Ibérica, é insubstituível no contexto nacional.

A produção da refinaria local é capaz de cobrir, em condições muito económicas e com rendimentos óptimos, a totalidade do consumo nacional de produtos petrolíferos.

A petroquímica alimenta já uma parte importante das indústrias portuguesas de têxteis e de transformação de plásticos e era em 1984 o sexto exportador nacional com mais de 16 milhões de contos vendidos para os mais diversos mercados internacionais. O problema de viabilidade económica da empresa parece poder ser ultrapassado a médio prazo tendo em conta o valor dos resultados comparado com o movimento anual global (cerca de 30 milhões de contos) e as possibilidades de optimização existentes.

Os nossos vizinhos espanhóis estão a fazer ampliações de algumas das suas unidades petroquímicas, análogas a fábricas existentes em Sines, e vão avançar com o seu porto de águas profundas.

Todos os países europeus estão empenhados em lutas sem mercê para ganharem a instalação de novas indústrias, oferecendo vantagens que incluem não só a localização geográfica, a capacidade dos recursos humanos, o clima e a qualidade de vida, mas também doações de capitais, isenção de impostos, subsídios de investigação, comparticipações na formação de pessoal e baixas taxas de juro bancário (ou mesmo isenção de taxas de juro).

Portugal dispõe em Sines de um parque industrial em condições de competir com as grandes áreas de investimento no estrangeiro e de se transformar num futuro centro nacional de alta tecnologia.

A evolução que se verifica actualmente no contexto mundial de energias e matérias-primas poderá vir a confirmar em poucos anos o enorme erro feito ao parar e denegrir o projecto industrial de Sines.

Neste momento Portugal não tem nenhum outro grande projecto capaz de actuar como incubador de desenvolvimento industrial e a reçuperação do projecto de Sines e a reactivação (e remodelação) do complexo ali existente parecem acções indispensáveis ao relançamento da economia do País.

Ou vamos deixar que os outros comam de novo as nossas uvas?

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
Comissão Liquidatária

AVISO

• NOVA FORMA DE PAGAMENTO DE RENDAS •

1. – Avisam-se **todos** os moradores de habitações do FFH/C.L. de que deverão abrir CONTA em qualquer Agência da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS **até final do corrente mês de MAIO.**

2. – Como foi divulgado, deixarão de ser emitidos os tradicionais recibos de rendas e prestações, passando a utilizar-se uma nova forma de cobrança dos valores respectivos através de meios computarizados, com vantagens para todas as partes.

3. – Facultar-se-á prova complementar do pagamento a quem dela careça.

4. – Para evitarem incómodos e despesas desnecessárias, TODOS OS MORADORES deverão proceder como indicado.

DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE PATRIMÓNIO,
2 de Maio de 1986.

O CHEFE DO DEPARTAMENTO
António Augusto Serralha Ferreira

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES ANTÓNIO BRITO ALMAS, LDA.

Faço público que, por escritura de 11 de Abril corrente, exarada de fl. 72 a fl. 73 v.º do livro de notas n.º 318-C do 16.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Fernando Lopes Correia Semedo, foi constituída entre António Brito Almas e Laura Maria de Almeida Fernandes Almas uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Comércio e Indústria de Produtos Alimentares António Brito Almas, Lda., tem a sua sede em Lisboa, na Rua de Alexandre Ferreira, 21, rés-do-chão, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º

O seu objecto social é a indústria e comercialização de produtos alimentares.

3.º

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de 2 000 000$, correspondente à soma de duas quotas iguais, de 1 000 000$, pertencente uma a cada um dos sócios.

§ único. A sociedade pode exigir aos sócios prestações suplementares de capital nos termos e condições a estabelecer, por unanimidade, em assembleia geral.

4.º

A cessão, total ou parcial, de quotas entre sócios é livremente permitida, assim como a divisão de quotas entre herdeiros de sócio. Porém, a cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade, à qual fica reservado o direito de preferência e em seguida aos sócios não cedentes.

5.º

A gerência e administração da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado pela assembleia geral, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, obrigando-se a sociedade em todos os actos e contratos com a assinatura de um gerente.

§ 1.º A gerência da sociedade pode constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo 256.º do Código Comercial.

§ 2.º Os sócios gerentes poderão entre si delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, assim como em pessoas estranhas.

§ 3.º É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, designadamente sacando e aceitando letras de favor, prestar fianças, cauções e abonações e outros semelhantes.

6.º

A sociedade pode amortizar a quota de qualquer sócio, desde que:

a) Seja arrestada, arrolada, apreendida ou sujeita a qualquer outro procedimento cautelar ou administrativo;

b) Seja cedida com desrespeito do estabelecido no artigo 4.º;

c) Por acordo com o seu titular.

§ único. O valor da quota para efeitos de amortização será o que resultar do último balanço aprovado em assembleia geral e será pago em quatro prestações trimestrais, iguais e sucessivas, sem vencimento de juro, vencendo-se a primeira na data da deliberação.

7.º

Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com antecedência não inferior a oito dias, pelo menos.

Está conforme.

16.º Cartório Notarial de Lisboa, 14 de Abril de 1986 — A Escriturária Superior, **Maria Beatriz Reis Costa.**

"Negócio" quase consumado

Portugal vai pagar dezenas de milhões para fragatas da NATO

Portugal terá de pagar um quarto dos custos da construção das três fragatas Meko, da RFA, para utilização da nossa Armada no âmbito da NATO.

Para o vice-almirante Serpa e Vasconcelos, responsável pela delegação portuguesa que na madrugada de ontem chegou a acordo com os representantes da RFA para a construção das referidas fragatas, «é difícil estimar o montante preciso do valor total do projecto, já que tem componentes de vários países».

Uma fonte do Ministério da Defesa, citada pela Anop, entende que o valor total do projecto está avaliado em, cerca de 134 milhões de contos, «cabendo a Portugal o pagamento de 25 a 30 por cento desse total».

O projecto, registe-se, tem sofrido discreta, mas profunda, contestação de importantes sectores da Armada, nomeadamente do Gabinete de Estudos que — segundo apurou o «DL» — defendia a construção de outro tipo de barcos, mais de acordo com as necessidades nacionais, nomeadamente de fiscalização da Zona Económica Exclusiva e de protecção da frota piscatória.

O projecto, com orçamento feito em 1984, portanto, ainda não actualizado e em princípio, já mais dispendioso (fala-se em 200 milhões de contos), envolveu vários países da NATO. O Canadá fornecerá os sonares (radares submarinos), a França artilharia, a Noruega o material de plataforma, os EUA mísseis e torpedos (através da ajuda militar corrente), e o luxemburgo e a Inglaterra participarão financeiramente.

Um projecto inicial, que previa a aquisição do modelo holandês «Cortenair» e a utilização de estaleiros portugueses na construção, foi posteriormente afastado. O modelo «Meko» será construído nos estaleiros de Hamburgo (há alguns anos em situação difícil e a depender de apoios financeiros estatais) e de Kiel.

As contrapartidas para Portugal da construção das três fragatas «atingirão os 100 por cento» da participação portuguesa, informou ainda o chefe da delegação de Lisboa, nas negociações. Segundo Serpa e Vasconcelos, uma empresa portuguesa, a Centrel, «contribuirá com 90 por cento do material de telecomunicações» com que serão providas as três unidades navais.

«Depois do acordo ser assinado pelas autoridades portuguesas, a primeira fragata terá de ser entregue dentro de quatro anos, a segunda seis meses depois e a terceira ao fim de cinco anos», acrescentou.

Deputados em Lamego

A comissão parlamentar de Defesa, presidida por Jaime Gama, visitou ontem o Centro de Instrução de Operações Especiais de Lamego e algumas das suas subunidades.

A visita teve lugar no âmbito de uma série de deslocações programadas pela comissão com o objectivo de «ver no local» quais as dificuldades das unidades militares tendo em vista a reestruturação das Forças Armadas.

Depois de prestar uma homenagem aos «mortos pela Pátria» a comissão parlamentar de Defesa (que inclui Ângelo Correia como vice-presidente) assistiu à passagem de diaporamas sobre a Região Militar Norte e a uma demonstração no aquartelamento de Penuda.

Instado a pronunciar-se sobre as verbas que o Orçamento do Estado destinou às Forças Armadas, Jaime Gama declarou que «o Parlamento não tem culpa da sua insuficiência».

Debate Constâncio-Gama tornado público

Tema central o papel do Estado na sociedade portuguesa

O frente-a-frente entre Vítor Constâncio e Jaime Gama, moderado por Raul Rego, foi tornado público pelo «Acção Socialista» num caderno destacável daquelae semanário do PS, que assim «espera contribuir para uma melhor preparação dos militantes» com vista ao próximo Congresso.

O papel do Estado na sociedade portuguesa e a política de alianças a seguir pelo PS foram os temas mais debatidos pelos dois candidatos à liderança socialista.

Os dois candidatos reivindicam para si apoios diversificados entre as diversas sensibilidades socialistas, mas, por fim acabam por atribuir um ao outro apoios específicos.

Segundo Jaime Gama, o candidato Vítor Constâncio dispõe do apoio do «aparelho do ex-secretariado» e nomeadamente de «alguns sindicalistas que instrumentalizaram a logística sindical».

A isto responde Constâncio não dispor, por exemplo, de «nenhuns aparelhos poderosos» nem ter tido acesso aos ficheiros do PS «para mandar cartas» do tipo das enviadas pela candidatura de Gama.

Mas foi a discussão sobre o papel do Estado na sociedade portuguesa que ocupou grande parte do debate. Gama afirma que este é o «problema central» e que Constâncio recusa que o PS assimile «uma certa moda neoliberal».

«Não somos liberais», afirma Gama. «Eu quero, como a minha proposta de programa claramente demonstra, eliminar do programa do partido todos os arcaísmos e sobretudo os arcaísmos marxizantes, mas não quero tratar o próprio socialismo como um arcaísmo».

Em contrapartida, na opinião de Vitor Constâncio, o PS tem agora que demarcar a fronteira à sua direita «e isso passa por recusarmos as ideias que vêm hoje do puro liberalismo». Afirma que o Estado tem um papel «incentivador, impulsionador» na sociedade nomeadamente no sentido de proporcionar «uma maior justiça social e sublinha que é isso que os faz diferentes dos liberais «que querem reduzir o Estado ao mínimo, que querem esvaziar o Estado».

Constâncio defende igualmente «a existencia de um sector público nos sectores-base da vida económica».

Para Gama «o combate ao leberalismo, que o socialisno democrático assume, não tem em Portugal um domínio de aplicação tão extenso como deve ter o combate ao conservadorismo, ao autoritarismo ou ao populismo, porque em Portugal o liberalismo não é o denominador político central da direita portuguesa, que nunca foi liberal».

Gama diz que temos «Estado a mais» em áreas como a propriedade da terra, na titularidade de certas empresas e na comunciação social, mas haverá «Estado a menos», por exemplo, na investigação científica, na educação, na defesa ou na justiça.

Este candidato propõe uma «oposição mais viva», mas condena «uma qualquer solução (de acesso ao poder) oriunda do actual quadro parlamentar que viabilizasse um Governo PS-/PRD».

Por seu turno, Vítor Constâncio defende «uma reunificação de toda a esquerda democrática no PS», que faça descer o PC à semelhança do que aconteceu em Franca.

Considero que «nõ faria sentido» uma aliança do PS com o PRD que serviria para consolidar o seu peso eleitoral actual e que o que deve haver é «diálogo e acolhimento» face aos militantes renovadores para os recuperar para o PS. «O PRD nunca deveria ter nascido se o PS tivesse sido um pouco mais fiel a si próprio», Constâncio recusa igualmente alianças com o PCP e o PSD que diz «se deslocou mais para a direita».

Jovens socialistas

Em comunicado enviado à ANOP, Júlio Costa, do grupo promotor do «Projecto L» dos jovens socialistas para o Congresso Nacional do PS,afirma que ainda não escolheram um candidato próprio a secretário geral daquele partido e que «essa hipótese apenas se colocaria se fosse condição de igual tratamento por parte da comissão organizadora do Congresso e da própria comunicação social».

Aquele grupo saúda ainda o deputado José Apolinário «pela posição assumida na Assembleia da República ao votar contra todos os projectos de lei de bases do sistema educativo».

Pinto Machado já é governador de Macau:

"Vou por bem, vou para servir"

«Vou por bem», «vou para servir», foram duas das frases sublinhadas pelo novo governador de Macau, prof. Pinto Machado, na sua intervenção ao fim da manhã, no Palácio de Belém, ao ser empossado pelo Presidente da República, Mários Soares.

Pinto Machado prometeu «lealdade impoluta» ao chefe de Estado, frisando que será «fiel no cumprimento das orientações» que constitucionalmente lhe serão transmitidas por Mário Soares; saudou as entidadespresentes, particularmente o Primeiro-Ministro (serei «um governador ou gestor», disse); saudou também a população de Macau («vou por bem, vou por vós, contem comigo, quero conhecer-vos para poder ser para todos vós o que devo ser») e garantiu, em referência à sua equipa governativa, que «será a cabeça de um grupo de homens diferentes em muitos aspectos mas iguais na lealdade infissurável de cada um para com os outros, na adesão firme ao programa do Governo...»

PR

Do programa do Governo falou o PR. Disse Mário Soares ter-se habilitado com as opiniões da delegação oportunamente enviada a Macau (Gomes Mota, Sá Machado e Correia Gago) para nomear «uma figura de grande prestígio nacional», cuja posição «está acima das polémicas e das divisões» e cujo «rigor e experiência, abertura e visão humanista» contribuirão para «a prosperidade de Macau num quadro de maior equilíbrio e de crescente participação da população na vida do território».

Quanto ao programa a defender por Pinto Machado, sublinhou Mário Soares os problemas da Educação, com destaque para a difusão do ensino do português e do chinês e para a formação de quadros «que assegurem o progresso económico e social de Macau no respeito pelas suas características culturais e civilizacionais»; o reforço das infra-estruturas do território, nomeadamente das suas redes de comunicações que facilitem uma maior abertura dos territórios contíguos aos benefícios da ciência e da tecnologia ocidentais; uma maior atenção aos problemas sociais e a adopção de uma política cultural que valorize a especialidade de Macau como «ponto de encontro de culturas e como uma cidade em que a convivência de duas civilizações se faz há séculos em ambiente de perfeita harmonia e de respeito mútuo».

Brasil interessado em Macau

Empresários brasileiros que se deslocaram a Portugal por ocasião da visita do Presidente Sarney estabeleceram contatos com vista a investimentos industriais em Macau — disseram fontes empresariais, citadas pela NP.

Os projectos dos empresários brasileiros incluem ainda a perspectiva de utilização de Macau como plataforma para a concretização de investimentos nas zonas económicas especiais chinesas adjacentes aos territórios de Macau e Hong Kong.

A Petroquímica e a indústria ligeira em geral são os sectores em que os empresários brasileiros pretendem investir, tanto no território de Macau como nas zonas económicas chinesas.

Para uma avaliação inicial das perspectivas de investimento, os empresários brasileiros que estiveram em Portugal quando da visita de Sarney convidaram a deslocar-se a Lisboa empresários chineses de Macau, com quem abordaram a possibilidade de constituição de «joint-ventures».

Os empresários brasileiros deverão agora deslocar-se proximamente a Macau e às zonas económicas especiais chinesas, por forma a avaliarem «in loco» as possibilidades de concretização de projectos de investimento industrial — adiantaram as mesmas fontes.

Recentemente, deslocou-se a Portugal, para uma visita de 10 dias patrocinada pela CEE, uma delegação oficial chinesa, constituída por responsáveis económicos centrais e regionais, que fizeram uma pré-selecção de áreas de tecnologia intermédia em que Portugal poderá ter participação.

Na ocasião foi focada a utilização das potencialidades de Macau como plataforma para a intervenção de empresas portuguesas interessadas em investir nas zonas do Sul da China.

Também foi abordada a perspectiva de terceiros países virem a utilizar as potencialidades de Macau, tal como de Hong Kong, para explorarem o mercado das zonas económicas especiais chinesas.

Nomes para um gabinete

Segundo apurou o «DL», Pinto Machado terá uma equipa governativa constituída basicamente pelos seguintes nomes (na sua maioria já referidos em primeira mão pelo «DL»): **Nuno Delerue,** assessor, ex-mandatário de Soares para a Juventude; **Carlos Monjardino,** secretário coordenador (amigo pessoal do PR), **Diamantino Marques** (substitui o eng. Amílcar Marques que regressa hoje a Lisboa e deverá aderir ao PS): **Mário Cardoso,** para a Educação e Cultura; **Rui Oliveira e Costa,** UGT e apoiante de Soares, que terá o pelouro dos Assuntos Sociais e Sena Fenrnades, dirigente da ADIM (associação ligada ao CDS), figura de prestígio em Macau mas com perfil polémico. Um seu irmão está detido por envolvimento na questão dos passaportes.

Negociação com a China

As negociações luso-chinesas sobre o futuro de Macau poderão ter início no final do corrente mês — revelou em Macau o jornal de expressão chinesa «Ou Mun».

Aquele jornal, tido como o veículo das posições chinesas, adianta que a delegação de Pequim será chefiada por Zhou Nam, vice-ministro dos Negócios Estraneiros, que já conduziu as negociações sobre Hong-Kong com a Grã-Bretanha.

A comitiva portuguesa deverá ser chefiada por Rui Medina, antigo embaixador nas Nações Unidas.

Jardim sobre candidatura de Freitas

Foi uma traição ao pensamento de Sá Carneiro

Alberto João Jardim afirmou hoje que a candidatura de Freitas do Amaral à Presidência da República foi uma traição ao pensamento de Sá Carneiro.

Em entrevista à Anop, o presidente do Governo Regional da Madeira disse que confundir a fundação «Século XXI» com o «projecto autónomo do PSD» é uma «heresia» e uma «traição» ao antigo líder do PSD.

«Sá Carneiro, em 1980, defendia que o general Soares Carneiro era o candidato destinado a aprovar uma nova Constituição pela via do referendo e para o professor Freitas do Amaral o sistema serve muito bem, a Constituição cstáa óptima, a revisão constitucional de 1982 foi excelente e, portanto, o problema é de gestão do sistsema», prosseguiu. Sobre o actual Presidente da República considerou que, no pouco tempo de exercício do cargo, «Mário Soares desdramatizou o papel presidencial e atribuiu-lhe maior normalidde institucional». Ao fazer isto, confirmou, «prestou um serviço ao País visto que o País precisa de normalidade».

Quanto à moção que as regiões autónomas vão apresentar em Congresso, «são muito ténues» as diferenças com a da Comissão Política Nacional do partido, o mesmo não acontecendo em relação às propostas de estratégia da Comissão Política Distrital de Lisboa. Esta que, recorde-se, é dirigida por José Miguel Júdice, um dos maiores entusiastas da candidatura do ex-líder do CDS subscreve um documento em que «aparece quatro vezes o nome de Freitas do Amaral e uma vez só o de Cavaco Silva, enquanto a moção da Comissão Polfica Nacional nem fala em Freitas do Amaral, nem na fundação «Século XXI», nem nas conjecturas para as próximas eleições presidenciais». Admitiu, todavia, «um grande ponto de divergência» com a moção de Cavaco Silva: «que as pessoas tenham como dado adquirido que o Presidente da República dissolveria a Assembleia da República se este Governo caísse».

«Vocação maioritária»

Segundo Jardim, «não há garantias de que o PSD se possa apresentar neste momento com vocação maioritária» e a não dissolução do Parlamento, com a formação de um novo Governo no actual quadro da Assembleia da República, seria uma «estratégia suicida».

«Se o PSD se apresenta como discordante de qualquer tipo de aliança no actual quadro parlamentar e se é formado outro Governo nesse mesmo contexto, ese Governo será forçosamente um Governo de frente popular, com o apoio parlamentar do PC e isso tem um preço».

O chefe do Governo da Madeira defende uma estratégia que aponta para uma aliança com o PS, «sendo o PSD maioritário» e com o PRD na oposição, «que assim pode ir crescendo paralelamente ao PS», mantendo o Partido Social-Democrata «a sua situação de primeiro partido nacional».

A expulsão de militantes sociais-democratas na sequência do seu apoio à candidatura de Mário Soares «afecta o prestígio do PSD», disse João Jardim, e acrescentou que «não foram cumpridos os princípios éticos do direito».

«O problema não é o de ser estar com a maioria, mas de se estar com o direito, com a verdade, com a razão e com a moral e mesmo que um congresso inteiro se levante a dar palmas a um conselho de jurisdição que agiu desta maneira, nem por isso, aos olhos do povo português, deixaram de ser violados princípios fundamentais da ética».

Abordando a sucessão interna do Partido Socialista, João Jardim co siderou que «uma vitória de Jaime Gama poderia permitir, sem dúvida alguma, um entendimento entre todos aqueles uue pensam que o País não é uma simples questão de gestão e que tem de passar por mudanças de fundo, coisa que os políticos vêem mas que os tecnocratas não querem ver».

Estabelecendo um paralelo com o CDS, disse que a vitória de Adriano Moreira «foi mais uma derrota do freitismo» e referiu «Morais Leitão à direita e Vítor Constâncio à esquerda» como exemplos de «políticos que apenas querem gerir de forma diferente aquela coisa desgraçada em que vivemos».

Terrorismo

Instado a pronunciar-se sobre o fenómeno terrorista, disse que uma tentativa desse tipo na Madeira «seria absolutamente suicida, não só porque a região tem fronteiras naturais muito definidas, como qualquer indivíduo que tentasse qualuqer acção desse tipo seria imediatamente apanhado».

Sobre a mesma questão, sublinhou que «o Governo da Madeira não consente que nenhum aeroporto do arquipélago seja utilizado para acções contra povos árabes».

«Doa a quem doer, a nossa posição não é de hostilidade ao mundo árabe, é uma posição de amizade» — disse o presidente do Governo madeirense, e frisou a propósito que «a posição da Madeira está mais perto de Casablanca do que de Lisboa».

Mais processos no PSD

O presidente do conselho de administração «Diário Popular», Moreira da Cruz, o pianista Adriano Jordão e 14 dirigentes sindicais receberam notas de culpa por terem apoiado a candidatura de Mário Soares sendo militantes do PSD — disse o deputado Rui Oliveira e Costa.

Foi o Conselho de Jurisdição da distrital de Lisboa do PSD qem instaurou os processos áqueles militantes — acrescentou.

Os referidos militantes sociais-democratas que se manifestaram a favor de Soares nas presidencias receberam terça-feira as suas notas de culpa — explicou ainda.

7.º acampamento do MDP em Coruche de 29 de Maio a 1 de Junho

O MDP/CDE vai realizar de 29 de Maio a 1 de Jnho, no Monte da Barca, a 4 quilómetros de Coruche, o seu 7.º Acampamento Nacional.

Em conferência de imprensa aquele partido sublinhou o facto deste acampamento se realizar no Ano Internacional da Paz e de coincidir com o Dia Mundial da Criança (1 de Junho) e com a realização, em Coruche, da segunda Feira do Livro, considerando estes factos como «incentivo para os campistas».

No dia 31 de Maio está prevista uma intervenção políticade José Manuel Tengarrinha, coincidindo com o final do Conselho Nacional do MDP/CDE que aí se reúne.

O programa do acampamento inclui actividades desportivas e culturais como pescas, judo, concertos «rock», de música popular portuguesa, bandas musicais, fado e poesia.

Foram feitos convites a nível local ao PS, PRD e PCP.

Parlamentares-jornalistas: encontro frente ao espelho

O primeiro encontro entre jornalistas parlamentares e parlamentares jornalistas realizou-se ontem no auditório de S. Bento.

O presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, e representantes da Associação dos Jornalistas Parlamentares — que promoveu o encontro em colaboração com os serviços de Relações Públicas da Assembleia — estiveram presentes.

Na reunião, José Manuel Tengarrinha falou da história do Parlamento português desde 1820, tendo recordado nomeadamente que a primeira lei eleitoral parlamentar que Portugal teve (para as Cortes de 1820) era espanhola.

Tengarrinha recordou que no passado algumas vezes o Parlamento invadiu a esfera de competências do Governo e lembrou que a eloquência (que distinguiu da oratória), desenvolveu-se sobretudo com o romantismo durante o século XIX, época em que era mais acentuado que hoje o carácter mundano e espectacular do Parlamento — explicou.

O historiador e deputado do MDP fez uma síntese da evolução dos sistemas eleitorais ao longo deste século e meio e também a importância do público das galerias nos debates, que foi no passado muito mais determinante do que é hoje.

Entretanto, os jornalistas António Capinha (Rádio Comercial), Fernando Antunes («O Jornal») e Hélder Freire (RTP) fizeram também intervenções sobre as especificidades da cobertura das actividades parlamentares para os respectivos «medias».

Entre os presentes encontrava-se Raul Rego e outros deputados cuja profissão é o jornalismo, entre eles António Paulouro, Dias Lourenço, Alexandre Manuel e José Carlos de Vasconcelos.

Cavaco no regresso:

Governo é que decidirá sobre moção de censura

«Só ao Governo cabe decidir se deve apresentar ou não uma moção de confiança na Assembleia da República», considerou o Primeiro-Ministro, ao ser instado ontem, à sua chegada de Londres, sobre declarações suas feitas durante a visita oficial ao Reino Unido.

Depois de classificar a visita de «muito positiva», o Prmeiro-Ministro considerou «um facto normal» a contestação de que o seu Governo tem sido alvo no Parlamento.

«É normal que a oposição critique o Governo, mas julgo que os principais objectivos do executivo têm sido cumpridos com êxito», disse Cavaco Silva que referiu a baixa dos preços como demonstrativa das suas palavras.

Relativamente às «firmações suas sobre a instalação de centrais nucleares em Portugal, Cavaco Silva esclareceu que o Governo «está a proceder à análise de um estudo feito pelo executivo anterior» sobre essa matéria.

«O que posso dizer, neste momento — acrescentou — é que não existem em Portugal armas nucleares e que não está autorizada a sua passagem pelo território português».

Explicou depois que a sua deslocação a Londres se revestiu de «três aspectos fundamentais».

«O primeiro desses aspectos foram as crerimónias comemorativas dos 600 anos da aliança entre Portugal e a Inglaterra, nas quais participei com o Presidente da Reppública».

Depois, foi o encontro que manteve com a primeiro-ministro inglês, durante o qual foram analisados diversos temas da situação internacional e ainda problemas decorrentes da adesão de Portugal à CEE.

«Finalmente, o terceiro aspecto que considero importante foi o encontro que tive com empresários ingleses» — disse.

Antes do concelho de Vizela

AR votará amnistia e Lei-Quadro dos Municípios

Dois temas «quentes» estão inscritos na agenda da AR para esta tarde: a lei da amnistia e a criação do concelho de Vizela.

A lei da amnistia, aprovada ontem na especialidade pela Comissão de Assuntos Constitucionais está agendada para votação final global, mas fontes parlamentares indicaram que o Partido Socialista vai propor a sua vocação ao plenário o que, a acontecer, implicará que a votação na especialidade da Lei da Amnistia se efectua no hemiciclo.

O texto foi aprovado por maioria e inclui a amnistia de crimes por ofensas corporais, injúria, difamação e ameaça.

A Lei da Amnistia exclui os crimes de abuso de liberdades de Imprensa e de injúria e de difamação à memória de pessoas falecidas. Também não são contemplados os casos de reincidências e homicídio involuntário.

Quanto à criação do concelho de Vizela — para a qual existem projectos de lei do PCP, deputado independente, Lopes Cardoso e do deputado Ribeiro Teles — poderá não ficar decidida ainda hoje, já que os deputados só vão entrar neste ponto da agenda após a discussão de dois projectos sobre a Lei-Quadro de Municípios, apresentados pelo PS e pelo PCP.

De qualquer modo, fontes parlamentares adiantaram que o PSD e o CDS se vão manifestar contra a criação do concelho de Vizela, enquanto o PCP, o PS e o MDP/CDE, a vão votar favoravelmente.

O PRD — segundo fontes partidárias — vai utilizar a liberdade de voto, prevista nos estatutos do partido, já que no interior do grupo parlamentar dos renovadores democráticos não há consenso quanto à questão da criação do concelho de Vizela.

Cavaco visita Guarda e C. Branco

O Primeiro-Ministro visita, amanhã e sábado, os distritos da Guarda e de Castelo Branco, onde terá encontros com autarcas e procederá à inauguração de obras públicas iniciadas no mandato do Governo a que preside.

A visita ao distrito da Guarda está prevista para amamnhã, devendo Cavaco Silva visitar o Instituto Politécnico, a ponte do Coa a vila de Trancoso e as nova escola secundária de Seia.

No sábado, o Chefe do Executivo assiste na Covilhã á entrega de 184 casas de habitação social e visita a Universidade da Beira Interior. Mais tarde, irá à barragem da Marateca (Castelo Branco), seguindo-se a visita a Alcains onde inaugurará a nova escola secundária. Cavaco tem igualmente prevista, uma deslocação a Cernadas e à capital do distrito.

1886 1986 CENTENÁRIO DO MUNÍCIPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO EDIFÍCIO 17-3.° PISO — LETRA J — CIDADE NOVA — SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — LOURES»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto **CONCURSO POR SORTEIO,** em conformidade com o Decreto Regulamentar n.° 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 15 de Maio a 29 de Maio de 1986), para atribuição por venda, de 1 fogo T3, sito Edifício 17-3.° Piso — Letra J — Cidade Nova, Santo António dos Cavaleiros, pelo preço de 2 991 425$50.

1. O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
2. Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:

N.° de pessoas do agregado familiar	Rendimento mínimo mensal (percapita)	Rendimento máximo mensal (percapita)
1	33 750$00	90 000$00
2	22 500$00	56 250$00
3	18 000$00	39 375$00
4	16 200$00	33 750$00
5	13 500$00	28 125$00
6	12 375$00	27 000$00
7	11 250$00	24 750$00

3. O Programa do Concurso donde constarão todas condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

Loures, 8 de Maio de 1986
O Vereador do Pelouro
(assinatura ilegível)

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa
possível

METROPOLITANO DE LISBOA, E.P.

RETORNO À REGULARIDADE DE SERVIÇO DE TRANSPORTE

— Terminou na segunda-feira dia 12 um laborioso período de negociações entre o conselho de gerência e as associações sindicais representativas dos trabalhadores do Metropolitano de Lisboa.

— Muito embora deplorando todo o incómodo que as interrupções do serviço público de transporte causaram aos nossos passageiros e ao público em geral, é-nos grato registar o regresso à actividade normal.

— Com efeito, graças ao estabelecimento de um acordo consagrando aumentos de 17% da tabela e de 17,5% da massa global, foi possível garantir a adequação dos custos salariais ao nível de inflação previsto, salvaguardando uma evolução positiva dos salários reais.

— Esperamos pois estar em condições de continuar a oferecer o serviço público de transporte nas habituais condições de rapidez e segurança.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Gobern Lopes garante no Tribunal de Monsanto

Juiz Martinho violou segredo de justiça

Gobern Lopes acusou ontem o juiz de instrução do processo das FP-25, Martinho de Almeida Cruz, de ter «violado» o segredo de justiça e entregue alguns «dossiers» a um jornalista.

Dada a gravidade da acusação, o juiz-presidente, Adelino Salvado, mandou-a ditar para a acta da sessão — a 120.ª neste julgamento e decidiu extrair certidão da mesma para «adequada investigação e instrução».

Ontem, sexto dia do interrogatório de Gobern Lopes, este réu disse também que Martinho de Almeida Cruz foi designado instrutor do processo das FP-25 por estar «suficientemente comprometido com a Polícia e ter até uma imagem de esquerda».

O mesmo réu voltou por outro ldado a afirmar qeu alguns dos documentos existentes no processo foram «forjados» pela Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da Polícia Judiciária para corroborar a tese da acusação segundo a qual as FP-25 e a FUP são duas componentes do mesmo «Projecto Global».

Gobern Lopes referiu-se nomeadamente a um documento dactilografado que teria sido encontrado numa mala abandonada no Barreiro em Abril de 83 e que, salientou, só cerca de dois anos depois foi incorporado no processo.

«A incapacidade da Polícia leva-a a montar provas».

Gobern Lopes reconheceu no entanto não ter «provas irrefutáveis para contrariar uma série de documentos» apensos aos autos.

Além disso, acrescentou, há dados que tenho mas que não posso dar aqui»...

Depois foi o habitual rosário de afirmações tipo «as acções das FP-25 enquadram-se nas lutas dos trabalhadores, independentemente das organizações políticas», as FP-25 defendem «um socialismo de base que ainda não existe em nenhuma parte do mundo», etc., etc.

Após ter respondido ao juiz-presidente, Gobern Lopes começou a ser interrogado pelo juiz primeiro vogal.

O procurador da República, por sua vez, não fez qualquer pergunta ao réu, considerando que este confessara o crime por que está acusado («associação terrorista»).

«O réu confessou o crime, mas em vez de colaborar no esclarecimento da verdade tentou levar à prática uma das estratégias da defesa» — afirmou aquele magistrado.

«O senhor procurador não faz perguntas não sei porquê» — retroquiu, algo desiludido, Gobern Lopes.

O julgamento prossegue esta tarde, ainda com Gobern Lopes a depor.

Cena de pancadaria à porta da Universidade Livre

Universidade Livre

Projecto de cooperativa nasce entre descontentes

Alunos da Universidade Livre envolveram-se ontem em confrontos à porta das instalações daquele estabelecimento de ensino superior privado. Tinha sido convocada uma reunião geral de alunos pelos dirigentes da associação de estudantes recentemente eleita e posteriormente proíbida pela administração da Sogelivre de se reunir no interior das instalações e de lá entrar. A RGA começou no pátio da UC, mas após o comportamento de alguns alunos que cuspiam na cara dos oradores e por fim desligaram os fios dos altifalantes, os responsáveis pela convocação da RGA decidiram continuar a reunião no Largo Camões.

De acordo com dirigentes estudantis, as provocações terão partido de alunos convocados pela administração, alguns dos quais se deslocaram propositadamente do Porto. Um aluno do curso de História de Lisboa propõe-se apresentar queixa em tribunal contra um professor, chefe do departamento de Imprensa da UL, que o aluno acusa de o ter agredido nos confrontos.

Alunos e professores da UL estão empenhados na criação de uma cooperativa de ensino que constitua uma alternativa válida à Universidade Livre. Um dos professores envolvido no projecto foi saneado em Dezembro último após ter dado o seu aval à criação da cooperativa.

No Largo Camões os alunos participantes no plenário decidiram continuar a luta. Os dirigentes estudantis, por seu turno, vão forçar a entrada nas instalações da UL.

Seguro Obrigatório Automóvel

Os garagistas e todas as pessoas que exercem actividade no fabrico, montagem ou transformação de veículos, bem como na venda, reparação ou desempanagem, são obrigados a segurar a responsabilidade civil em que incorrem quando utilizem veículos no âmbito da sua actividade profissional.

Quem não efectuar o referido seguro, para além de ser penalizado pela sua falta, responde ainda, de sua conta, por todos os danos que causar em caso de acidente.

O seguro obrigatório — cujo valor mínimo actual é de 5.000 contos —abrange o Território Continental e o das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Consulte a sua Seguradora ou o seu Mediador para evitar situações passíveis de criar graves problemas de ordem moral e social.

Fundo de Garantia Automóvel

Ao apresentar apenas seis casos de violência da PSP

"Aritmética tecnocrática" de Eurico de Melo posta em causa por Provedor de Justiça

Manuel Geraldo

«É uma fantasia aritmética do engenheiro Eurico de Melo. Porque a minha «aritmética» é diferente. Eu sou jurista e o senhor engenheiro é um tecnocrata. Aí está a diferença», afirmou o provedor de Justiça, dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, ao comentar para o «DL» as afirmações do ministro da Administração Interna ao programa «Nem mais nem menos», da «Antena Um», no qual referiu que o relatório mandado elaborar pelo Governo, em Agosto último, «apenas detectou seis casos de violência, praticada pela PSP, uma corporação que tem 18 mil agentes».

Ora recorde-se que o relatório a que Eurico de Melo se referiu e cujos resultados foram divulgados em 15 de Abril deste ano pelo provedor de Justiça, teve como origem um despacho conjunto dos ministros da Administração Interna e da Justiça, na altura respectivamente Eduardo Pereira e Mário Raposo, a partir de 166 casos, resultantes de queixas apresentadas pelos ofendidos ou de relatos saídos nos jornais entre 1 de Janeiro e 8 de Agosto de 1985.

Para o provedor de Justiça, a «fantasia aritmética» do eng. Eurico de Melo, ao apresentar apenas seis casos de violência policial no período em causa, fundamenta-se tão-só num erro de «aritmética tecnocrática» em detrimento da «aritmética jurídica», pois tenta reduzir os 166 casos detectados no inquérito aos que na altura já tinham sido alvo de procedimento disciplinar (quatro e de procedimento criminal (dois), quando é sabido, frisou «que muitos dos cidadãos atingidos, por medo de represálias ou por desconhecimentos de trâmites judiciais ainda não tinham oficializado as suas queixas». «Ora se multiplicarmos os 166 casos de violência policial, praticados por norma, passiva ou activamente, em cada caso por três elementos da PSP, temos — alertou o dr. Almeida Ribeiro que neles estiveram envolvidos, no mínimo 488 agentes e graduados da instituição. Número que se torna bastante representativo se tivermos em conta que o inquérito apenas diz respeito a um curto período de sete meses».

O dr. Ângelo de Almeida Ribeiro mostrou-se depois surpreendido pelo facto do eng. Eurico de Melo tecer tais considerações, e avançar com números irreais, poucos dias após ter elogiado publicamente a Comissão que investigou, e elaborou, o inquérito, incluindo o membro destacado pela própria Provedoria de Justiça.

Outro ponto que continua a causar surpresa ao antigo bastonário da Ordem dos Advogados é o facto de membros responsáveis de sucessivos governos insistirem em acusar o provedor de Justiça de se assumir como contra poder. «Ao procederem assim — disse ao «DL» o dr. Almeida Ribeiro — até parece esquecerem que ao ser criado, no pós-25 de Abril, o cargo que ora ocupo, foi precisamente para que ele pudesse abanar a Administração Pública, pois de contrário a sua existência e manutenção, não teria qualquer significado».

A finalizar as suas declarações ao nosso jornal, o provedor de Justiça recordou o discurso do eng.º Eurico de Melo, proferido há dias no Corpo de intervenção da PSP, ao referir-se à «campanha, que alguns têm alimentado contra a PSP, por leviandade, diletantismo, deficiente informação ou cumprimento de missão, de forma a criar graves sentimentos de insegurança nos cidadãos e atingir as bases em que assenta o Estado». E as dúvidas apresentadas em 1985 pelo eng. Eduardo Pereira, ao colocar sob suspeição os jornalistas e os órgãos da Comunicação Social que nas suas páginas se referiam a casos de violência policial, afirmando «não poder excluir-se liminarmente a hipótese de, na profusão de notícias e referências através das quais se critica a actuação da PSP, haver uma certa dose de exagero ou de exploração sensacionalista, pelo menos na forma como os acontecimentos são relatados».

A «auto-crítica» de Eduardo Pereira

Em relação ao eng.º Eduardo Pereira, o provedor de Justiça disse-nos que «o tiro lhe saiu pela culatra», ao ter que reconhecer publicamente, na sua intervenção de nateontem na

Eurico de Melo e Almeida Ribeiro: interpretações numéricas diferentes ao inquérito sobre agressões na PSP

Assembleia da República, que «os relatos da Comunicação Social foram feitos com rigor e objectividade, correspondendo, no essencial, à realidade dos factos averiguados no inquérito, não se encontrando indícios de exagero e de aprcialidade ou mesmo de exploração sensaionalista. Não existindo, por outro lado, indícios de se estar perante uma campanha organizada e orientada no sentido de diminuir o prestígio da PSP e de destruir a confiança que deve existir entre a comunidade e a Polícia e entre os cidadãos e os agentes policiais, para além de não se ter notado má vontade dos órgãos da Informação em relação à PSP».

Assim confrontados com a «autocrítica» do eng.º Eduardo Pereira, aliás motivo de elogio por parte do provedor de Justiça, há que aguardar no futuro a posição do eng.º Eurico de Melo, enquanto Poder ou já na Oposição, sobretudo na parte em que se refere, de forma dúbia, fora da clareza democrática e sem a precisão requerida a um cultor da «aritmética tecnocrática», àqueles que na sua óptica pretendem «em cumprimento de missão, criar graves sentimentos de insegurança nos cidadãos e atingir as bases em que assenta o Estado». O provedor de Justiça, os jornalistas, ou, em última instância, as próprias vítimas da violência policial. Quem, senhor ministro?...

Matou a mulher e alvejou a sogra

O Tribunal de Cascais condenou a 18 anos de prisão, um indivíduo, José Vitorino, acusado de, em Fevereiro de 1985, ter assassinado a mulher em Carcavelos, tendo ainda disparado sobre a sogra, a quem procurou na sua casa em Manique de Baixo. Clara Maria Monteiro Malheiro, de 20 anos, de quem o réu se encontrava separado há vários meses, embora saíssem ás vezes juntos, foi atingida com um tiro na nuca, e Maria Alice Patrício Malheiro, de 45, a sogra, foi alvejada por uma bala que lhe entrou pelas costas, tendo estado hospitalizada algumas semanas. Ao ser ouvido em tribunal, José Vitorino, de 31 anos justificou o seu acto, por lado devido a desentendimentos com a sogra.

Dois operários soterrados na construção de estádio

Um operário morreu e outro ficou em estado grave ao ficarem soterrados nas obras de construção do Estádio Municipal de Santa Marta de Penaguião, no distrito de Vila Real. O acidente ocorreu quando uma brigada de trabalhadores procedia à abertura de caboucos para os muros de suporte do futuro recinto desportivo. O desabamento de terras provocou a morte de Manuel Carvalho Ferreira, de 46 anos, e ferimentos graves em Francisco Fraga Carvalho, de 49 que já está livre de perigo no Hospital da Régua.

Sindicato da PSP pede substituição de chefe de esquadra

A Associação Pró-Sindical da PSP pediu quarta-feira a substituição do chefe da primeira esquadra do Comando Distrital de Coimbra, acusando-o de «não saber conduzir homens».

Em comunicado, a Associação salienta que o chefe Franco «tem tido um comportamento desumano que não corresponde à atitude que deveria ter um digno superior hierárquico policial».

Salienta que, em várias reuniões de serviço, o chefe Frnco «não aceitou as reclamações, pretensões ou questões dos subordinados, respondendo em tom agressivo e incorrecto».

Referiu ainda que tem recebido manifestações de descontentamento por parte de cerca de 80 por cento dos seus simpatizantes e activistas, em que se incluem alguns subchefes.

O chefe Franco disse à Anop que as acusações da Associação Pró-Sindical «não correspondem à verdade» e que constituem «uma difamação contra uma pessoa com 30 anos de serviço, um passado digno e uma carreira sem reparos».

«Isto insere-se numa campanha lançada recentemente contra mim por razões que desconheço porque sempre fui cordato e afável no tratamento com os meus subordinados, exigindo apenas que cumprissem as suas obrigações», disse.

GF apreende relógios em Lisboa e tabaco em Caminha

Elementos do Batalhão da Guarda Fiscal sediado em Lisboa apreendeu na última segunda-feira, num estabelecimento comercial da capital, 1513 relógios de várias marcas estrangeiras que se encontravam em ilícito aduaneiro, e cujo valor se estima em cerca de 2400 contos.

Também em Caminha, distrito de Viana do Castelo, a Guarda Fiscal do Porto viria a apreender tabaco contrabandeado de origem americana avaliado em mais de doze mil contos, bem como uma embarcação com motor fora de bordo e equipamento electrónico de comunicações usados para ludibriar as autoridades e lesar o fisco.

Segundo o chefe do Estado-Maior daquela corporação, durante o mês de Abril a GF apreendeu no continente e na Madeira contrabando no valor de 150 mil contos.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

REAGAN acusa Kadhafi: os alemães acusam os líbios. A França acha que os líbios é que, opinião aliás partilhada pelos ingleses. Estes acham que é preciso acabar com o terrorismo. Franceses, espanhóis, ingleses e alemães vão no mesmo sentido. Reunião em Bruxelas, cimeira em Londres, Encontro em Paris. Acordo em Madrid. **Fine!,** *exclama Reagan ao subir para o autogiro que o levará para o iquend no seu* **rancho.** *Tudo marcha bem, no combate ao terrorismo fomentado pelos líbios. Reagan esfrega as mãos. Tem os amigos com ele. Mais um fossado sobre Tripoli e o caso arruma-se. Talvez nem seja necessário. Os próprios italanianos já consideram que de facto na base do terrorismo estão os líbios, se não fossem os líbios não havia terrorismo. Terrorismo: produto* **made in** *Tripoli, brindemos à unanimidade! E foi quando se descobriu que os serviços secretos franceses estavam por detrás de um grupo terrorista espanhol, os ingleses não gostaram, começaram a mandar vir. O quê!, disseram-lhe os franceses, vocês já se esqueceram do auxílio que deram à ETA? É vulgar, comentaram os serviços secretos ingleses, veja-se a Itália, com membros do Governo implicados na rede terrorista, na Loja Maçónica, etc, etc, e não nos obriguem a falar muito se não...os italianos reagiram prontamente e lembraram que os governantes alemães foram acusados de fomentarem o terrorismo, o quê, o quê (ripostam os alemães) vejamos o caso de Aldo Moro, isso foi uma salada com italianos, americanos, franceses, suiços. Sem falar dizem os espanhóis, daquele grupo terrorista apanhado na fronteira e de que faziam parte franceses, ingleses, americanos, até um português. Vejamos o caso do banco italiano e as mãozinhas inglesas metidas nisso, e as tentativa de assassinar Fidel?, acodem os ingleses, e acrescentam: acaso também não foram os americanos que...*

...então a cimeira votou as sanções contra os líbios.

AR "aquece" esta tarde com o PRD dividido

Vizela "invade" Lisboa apenas para ser concelho

A criação do concelho de Vizela poderá, uma vez mais, marcar passo e não ser hoje definitivamente decidida, como se esperava e os vizelenses anseiam. Ao pronunciar-se contra a criação do novo concelho, a maioria dos 45 deputados do PRD pode ter desferido o «golpe mortal» nas aspirações das gentes de Vizela que esta manhã «invadiram», pacificamente, a capital.

Ninguém prevê o que se venha esta tarde a passar no próprio edifício parlamentar nem as conversas de bastidores que eventualmente possam apressar ou alterar o rumo dos acontecimentos. De qualquer modo, só muito tarde, na melhor das hipóteses, os deputados discutirão — se de facto discutirem — a criação do concelho de Vizela. Porque, antes, terão de votar a lei da amnistia e dois projectos sobre a Lei-Quadro de Municípios.

A grande maioria dos 45 deputados do PRD, partido que define qualquer sentido de voto no Parlamento sempre que de um lado estejam PS e PCP e do outro PSD e CDS, ao pronunciar-se esta madrugada, segundo a NP, contra a criação do concelho de Vizela, veio modificar o quadro previsto e os cálculos dos principais animadores do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela (MRCV), em particular Manuel Campelos que declarou há dias ao «DL» haver «todas as condições no seio do Parlamento para que Vizela se eleve a concelho.

Para além desse «caso» no seio da AR, o quadro é este: vizelenses em Lisboa, vimaranenses em Guimarães. Era esta, pois, de forma liminar, a situação ao fim da manhã, a escassas horas da Assembleia da República começar a discutir os projectos de lei do PCP e dos deputados independentes Lopes Cardoso e Ribeiro Teles sobre a criação do concelho de Vizela. As zonas do Rato, Estrela e S. Bento apresentavam-se esta manhã animadas por nentenas e centenas de vizelenses, vindos do Minho ao princípio da madrugada. Com eles viajou uma esperança, um anseio: Vizela passar a concelho.

Bem ao contrário, na cidade-berço, os vimaranenses, que não querem que Vizela lhes seja retirada, ficaram em Guimarães. «A Assembleia da República deve resolver este conflito com a maior serenidade e isenção», afirmou no termo de uma manifestação, ontem à noite, o presidente da CM de Guimarães, António Xavier. Durante a manifestação foram gritadas palavras de ordem tais como «Guimarães tem na mão a força da razão» e «Guimarães e mais nenhum», concelho só há um».

É uma velha guerra, esta que opõe Guimarães a Vizela por causa da elevação desta última a concelho, deixando de pertencer a Guimarães e indo alargar as suas fronteiras a freguesias dos concelhos vizinhos de Lousada, Felgueiras e Guimarães, obviamente. A luta dura há um século, havendo pessoas que estão nela há mais de um quartel, como é o caso de Manuel Campelos — que se bate pela elevação de Vizela a concelho há 26 anos.

Querem reunir-se com Cavaco Silva

Os membros do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela (MRCV) estão desde esta madrugada em Lisboa e, independentemente de assistirem ao debate que lhes interessa, na Assembleia da República, admitiam esta manhã serem recebidos por Cavaco Silva.

Centenas e centenas de vizelenses começaram, por outro lado, a concentrar-se na Assembleia da República, como aconteceu — de resto — por ocasião da sua última «invasão» de Lisboa. Uma visita marcada pela chuva, mas que, mesmo assim, os não fez arredar pé. Idêntica ameaça pairava esta manhã sobre a capital, sem os esmorecer nem descoroçoar.

«Desta vez vai ser mesmo, vamos conseguir», disseram alguns vizelenses de um grupo que ao princípio da manhã «ocupava» uma pastelaria do Rato, enquanto outros se dispersavam, já, pelas imediações de S. Bento e da Estrela. Havia os que empunhavam a bandeira de Vizela e outros que envergavam uma espécie de capa — um tecido azul e amarelo (cores da bandeira de Vizela), com o brasão da vila nele desenhado.

À volta de S. Bento e nas artérias que desaguam na Assembleia da República o movimento era esta manhã diferente: vivo, garrido, cheio de cor, animado. Era também de esperança. Com interesses diferentes, antagónicos, os vimarenenses foram esta manhã convocados para se concentrarem, à tarde, no Largo do Toural, encerrando o comércio, a indústria e as escolas e todos os estabelecimentos de ensino.

MRCV tem mais de vinte anos

O MRCV (Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela) tem mais de vinte anos. Foi, com efeito, criado em 1964, vindo a oficializar-se dez anos depois — com o 25 de Abril.

Não deixou- desde então de chamar a atenção para a justiça e necessidade de Vizela ser elevada a sede de concelho, a principal aspiração dos seus cerca de doze mil habitantes, mas onde trabalham diariamente mais de 25 mil pessoas.

Na área do poder, foi o PPM a primeira força a manifestar-se no sentido da elevação de Vizela a sede de concelho. Foi em 1981 que a questão, de facto, foi pela primeira vez levantada, e pelo PPM, na AR, que avançou com um projecto de lei de criação do concelho de Vizela, a constituir por 12 freguesias do concelho de Guimarães, Lousada e Felgueiras.

Malgrado o primeiro projecto, o PPM volta a apresentar, quase um ano depois, uma proposta idêntica, o que traz a Lisboa cerca de dois mil vizelenses que pretendiam assistir ao seu debate no Parlamento.

O debate é adiado para um mês mais tarde (Maio de 82), mas o projecto de lei acaba por baixa à Comissão Parlamentar de Poder Local, aguardando a elaboração da Lei-Quadro dos Municípios que permita a criação de concelho.

No dia seguinte ao adiamento do debate, a população manifesta o seu descontentamento, destrói uma dependência da Câmara Municipal de Guimarães e levanta várias centenas de metros da linha férrea que liga Vizela a Guimarães, cujo município sempre se opôs à criação do concelho de Vizela.

Um novo adiamento da discussão de Vizela no Parlamento leva a população, em 28 de Julho de 1982, a concentrar-se junto da estação ferroviária local. Em seguida, levanta dois quilómetros de carris, destrói um abrigo e vira uma automotora da linha Fafe-Porto, provocando a paralisação da circulação de comboios naquela via.

No dia seguinte, uma bomba de fabrico artesanal e de fraca potência explode junto à Câmara Municipal de Guimarães, provocando ligeiros danos materiais.

PSD e CDS sempre contra Vizela

A tensão sobe em Vizela quando a população em 1 de Agosto, impede as brigadas da CP de consertar os dois quilómetros de carris destruídos. Quatro dias mais tarde registam-se confrontos entre população e a GNR, destacada para proteger as equipas da CP. Neste incidente verificam-se alguns feridos e a GNR dispersa os manifestantes com gases lacrimogéneos.

A 23 de Agosto milhares de vizelenses assistem ou participam num cortejo alegórico, reconstituindo os incidentes ocorridos 18 dias antes. Uma nova manifestação se realiza em Vizela, quando a 12 de Novembro são detectados nas ruas da freguesia dois agentes da judiciária, que realizam um inquérito sobre o levantamento da via férrea.

A 12 de Dezembro a população impõe o fecho das sete secções de voto da vila, impedindo a realização de um acto eleitoral autárquico, facto que se repete oito dias depois, apesar da intervenção da GNR.

O projecto de elevação a concelho de Vizela, apresentado pelos monárquicos é votado no Parlamento em 18 de Janeiro de 1983, e rejeitado por 113 votos (PSD/CDS) contra 102 (PCP/PS/PPM). Os vizelenses presentes nas galerias da Assembleia protestam e alguns deputados são agredidos.

A 19 de Abril a Comissão Directiva do MRCV apela à participação da população nas eleições legislativas de 25 de Abril, eleições que são ganhas nas duas freguesias de Vizela pelo PS que deste modo suplanta os partidos da AD em Guimarães.

Eduardo Pereira «cidadão honorário»

Em 12 de Outubro de 1983, a AR agendou o debate da Lei-Quadro dos Municípios e, com esta um projecto do CDS e do PCP para a criação do concelho de Vizela, facto este que não agrada a Guimarães, que entra «em greve». Nesse dia, milhares de vimaranenses desfilam pelas ruas da cidade, protestando contra a criação do concelho de Vizela.

A 18 desse mês, o Parlamento aprova na generalidade a proposta de Lei-Quadro apresentada pelo Governo, rejeitando a do CDS, mas a proposta baixa a uma comissão especializada por três semanas. O Grupo Parlamentar do PCP adia para a segunda quinzena de Novembro o debate em torno do seu projecto de lei, a pedido do MRCV.

A 20 de Outubro a Câmara de Guimarães levanta a greve, reabrindo as suas portas. O MRCV proclama Eduardo Pereira, a 31 de Outubro, «Cidadão Honorário de Vizela». Mas, a 16 de Novembro, a Comissão Parlamentar da Administração Interna e Poder Local decide adiar para o ano de 1984 o debate e a aprovação da Lei-Quadro da Criação de Novos Municípios.

Canas de Senhorim quer que se lembrem de si

Canas de Senhorim deseja que a alteração da Lei-Quadro dos Municípios, a discutir esta tarde no Parlamento, «contemple a possibilidade» da sua elevação a concelho — disse Edgar Figueiredo, do Movimento para a Recondução a Concelho daquela freguesia.

Falando em nome daquele Movimento, das Junta e Assembleia de Freguesia de Canas de Senhorim, Edgar Figueiredo indicou que a população local «exige o agendamento imediato do projecto-lei número 189/4 a fim de se proceder à discussão e votação do mesmo».

«Qualquer outra deliberação aprovada que não contemple» a pretensão dos habitantes de Canas de Senhorim — segundo Edgar Figueiredo — a população «desvincula-se de qualqur compromisso assumido e tomará em suas mãos a atitude que tiver por mais conveniente».

PARTIDO RENOVADOR DEMOCRÁTICO

PRD

1.º TEMPO DE ANTENA

RTP

HOJE

5.ª-FEIRA — DIA 15
ÀS 20.30 H

COM:
HERMÍNIO MARTINHO
MAGALHÃES MOTA
SILVA LOPES
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Três dias de debate na Gulbenkian

Quem é pobre em

Clara Viana
Fotos de Carlos Gil

É a crise de identidade no seu cúmulo: a CEE quer saber com exactidão quem e quantos são os pobres em Portugal, mas nós só sabemos que a «linha de carência absoluta» já absorveu os antigos «remediados»

Em 1981, mais de metade da população portuguesa vivia num estado de «pobreza relativa».

Em 1986 torna-se difícil, no entanto, saber quantos de nós somos pobres. Os dados disponíveis não permitem um retrato actual da situação, mas a título de exemplo pode-se talvez afirmar que os que hoje, vivendo apenas do seu trabalho, recebem os diferentes salários mínimos nacionais continuam abaixo da linha que, em 1981, separava os pobres dos que o não o eram. Mas, por cá, existe quem queira ir mais longe na quantificação e avaliação da pobreza. Este é, pelo menos, o principal objectivo do seminário que entre hoje e sábado decorre na Gulbenkian, sob a égide da CEE, e organizado pelos Serviços de Assistência Ordem de Malta (S.A.O.M.).

Um relatório publicado em 1981 pela Comunidade Económica Europeia calculava em cerca de trinta milhões o número de pobres existente nos então nove Estados membros. Aos pobres «estruturais» juntavam-se os afectados pela «crise económica, pela perturbação industrial ocasionada pela reestruturação e pelo ritmo do progresso tecnológico, e ainda pela alteração das estruturas e dos costumes familiares que se manifesta na multiplicação de famílias monoparentais».

O alastramento da pobreza na Europa trouxe consigo uma nova «divisão» do globo onde, a par de um Terceiro Mundo, passou a figurar um quarto, albergado no seio dos que alinham entre os «mais ricos». Pela primeira vez na sua história, a CEE viu-se obrigada, há doze anos, a aprovar um plano integrado de luta contra a pobreza já não destinado à África ou à Ásia, mas sim aos seus Estados membros.

Mas em 1974 ainda a Comunidade era um exclusivo do Norte. De então para cá, a Grécia, Espanha e Portugal passaram a figurar entre os países comunitários, fazendo prever que o próximo cômputo da pobreza nas nações da CEE atinja picos bem mais elevados do que os calculados em 1981. Basta referir que, nesse mesmo ano, 40 por cento dos portugueses viviam abaixo da linha de pobreza absoluta, que atingia ainda 35,5 por cento dos lares nacionais.

Dissemos já que os dados disponíveis em Portugal sobre o assunto são escassos. Na verdade, só recentemente a pobreza passou a figurar na lista de temas com interesse para estudos globais ou estatísticas. Antes do 25 de Abril, ela enfileirava entre os «atributos» típicos que faziam do nosso país um território exótico para os cidadãos do mundo desenvolvido que nos visitava. Depois, foi o tempo em que a terminologia revolucionária se impôs enquanto lugar-comum: o sentido caritativo da palavra pobre foi substituído pelo sentido de classe do termo explorado. Mais tarde, Portugal tornou-se candidato à CEE. O que antes fora «atributo» passou a ser anátema. Mas foi a própria Comunidade que reconheceu ter entrado na década de 80 com um número superior de pobres ao detectado nos anos 70. Começou-se então a falar, abertamente, de fome em Portugal. País no limiar da CEE, Portugal tinha, como os outros Estados, uma crise económica e desemprego, mas apresentava ainda a particularidade de ser a única nação onde existiam trabalhadores com salários em atraso: mais de 100 000 em Janeiro deste ano, segundo os sindicatos; 78 000 na mesma data, segundo o Governo.

Medidas de pobreza

Entretanto, sociólogos, economistas e outros técnicos começaram a virar as suas atenções para o fenómeno da pobreza em Portugal.

Coincidindo com a realização do seminário sobre este tema na Gulbenkian, foi esta semana posto à venda um estudo da autoria de A. Bruto da Costa, Manuela Silva, J. Pereirinha e Madalena Matos institulado «A Pobreza em Portugal». Nele se analisa, sobretudo, o período que vai de 1973 a 1981, num percurso que revela ser uma visão de choque para a democracia portuguesa.

Para a aferição dos estados de pobreza, os autores basearam-se em dois conceitos: **pobreza relativa** no caso de famílias cujo rendimento anual «per capita» seja inferior a 75 por cento de o rendimento médio do Estado; e **pobreza absoluta**, apurada na base do custo de uma dieta diária alimentar, comparando-a com despesas não alimentares, de modo a obterem-se os custos anuais mínimos que teriam de suportar para sobreviver em condições normais.

Com base nos conceitos citados, os autores deste estudo chegaram à conclusão de que em 1973/74, duas de cada cinco famílias portuguesas viviam em situações de pobreza relativa. Sete anos depois, em 1980/81, esta atingia 48 por cento dos lares e 4,6 milhões de indivíduos, isto é, mais de metade da população.

No mesmo período de tempo, verificou-se, por outro lado, um aumento das famílias que se encontravam abaixo da linha de pobreza absoluta: 34,3 por cento pouco antes do 25 de Abril contra 35,5 por cento em 1980/81. Neste ano, a pobreza absoluta atingia 40 por cento dos portugueses.

À laia de amostra sobre a situação actual, aparece no livro um inquérito realizado em Fe-

FRISANTOS, COMÉRCIO DE ELECTRODOMÉSTICOS E MOBILIÁRIO, LIMITADA

Certifico, narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de folhas 31 v.° a 33, do livro de notas para escrituras diversas n.° 170-F, do 12.° Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que com esta se compõe de quatro folhas e vai conforme o original. — Lisboa e Décimo Segundo Cartório Notarial, aos oito de Maio de mil novecentos e oitenta e seis.

O 3.° Ajudante
(Maria do Carmo Ramalho Branco Dias dos Santos)

PRIMEIRO
A sociedade adopta a denominação FRISANTOS, Comércio de Electrodomésticos e Mobiliário, Limitada, tem a sua sede em Lisboa, na Rua da Graça, números trinta e quatro e trinta e seis, freguesias da Graça e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO
A sociedade tem por objecto a venda de todos os artigos de electrodomésticos e mobiliário.

TERCEIRO
O capital social é de quinhentos mil escudos, está inteiramente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas, uma de trezentos mil escudos, pertencente ao sócio José Joaquim dos Santos, e outra de duzentos mil escudos, pertencente à sócia Maria Fernanda Gomes Vaz dos Santos.

QUARTO
É livre a cessão de quotas a estranhos.

QUINTO
As assembleias gerais, excepto quando a Lei o não permita, serão convocadas por simples cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias.

SEXTO
O sócio José Joaquim dos Santos, é desde já nomeado gerente, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral. O gerente pode delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, na outra sócia ou em terceira pessoa, mediante procuração.

PARÁGRAFO PRIMEIRO
A sociedade fica validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, designadamente a compra e venda de bens móveis, com a assinatura do gerente ou do procurador mas, quanto a este, dentro dos limites dos poderes que lhe forem conferidos ou delegados.

PARÁGRAFO SEGUNDO
A sociedade pode constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis, do Código Comercial.

SÉTIMO
A Sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio.

«DL» — 15/5/1986

+

SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA
"A VOZ DO OPERÁRIO"
ARMANDO COSTA MENDONÇA

A direcção de "A VOZ DO OPERÁRIO" participa o falecimento do membro dos seus Corpos Gerentes e endereça à família o seu mais profundo pesar.

Lamenta a perda de um dos seus mais competentes e íntimos colaboradores que durante 50 anos trabalhou abnegadamente em prol da Instituição.

O corpo fica depositado em câmara ardente na Sociedade «AVO" sendo o funeral realizado hoje às 10.30 para o cemitério do Alto de S. João.

TEM PROBLEMAS COM A BEBIDA?

Precisa de ajuda? Venha falar connosco.
Venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.ªs 4.ªs 6.ªs às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Três dias de debate na Gulbenkian

Portugal? Um diagnóstico reservado

vereiro de 1985, no âmbito do universo dos incluídos na designação de pobreza relativa, e no qual se apura que 39 por cento das famílias inquiridas consideravam que se alimentavam pior do que em 1981. Um inquérito à alimentação realizado pelo Instituto Ricardo Jorge, e publicado o ano passado, precisava que, em 1980, os distritos de Bragança e de Viana do Castelo eram aqueles onde o consumo de alimentos era menor. Nesse ano, Setúbal figurava entre os distritos privilegiados. Em 1985, passava, no entanto, para o «top» dos mais carenciados no que respeita à alimentação.

Mas nem todos os indicadores de pobreza são tão objectivos quanto os citados. O acesso aos bens culturais, por exemplo, passou, recentemente, a ser um elemento tido em conta pela CEE nos estudos por ela elaborados sobre este fenómeno. Sabe-se, contudo, que são vários os pontos de cruzamento entre a pobreza «material» e a «cultural» e que frequentemente se estabelece entre elas uma relação de causa-efeito. Isso mesmo é reafirmado no estudo de Bruto da Costa e Manuela Silva quando estes afirmam que em mais de metade dos lares em que o chefe de família é analfabeto reina a pobreza, passando-se o mesmo em 44,7 por cento dos casos em que este apenas sabe ler e escrever, mas não tem qualquer grau de escolaridade.

Plano europeu

São estes alguns dos dados que, em princípio, serão comunicados ao Seminário Europeu sobre a Pobreza em Portugal por Manuela Silva e Alfredo Bruto da Costa, a quem compete abrir o segundo dia dos trabalhos. No entanto, os indicadores por eles utilizados diferem um pouco dos que se encontram em vigor na CEE, onde é considerado pobre todo aquele que tenha um rendimento anual inferior a metade (e não a 75 por cento) do rendimento médio do Estado respectivo.

Nesta perspectiva, seriam pobres, em Portugal, todos os cidadãos que em 1980 tivessem como rendimento anual uma quantia inferior a 236,3 contos e, em 1981, os que estivessem abaixo dos 279,4 contos. A partir desse ano entram uma vez mais no vazio, já que para estes cálculos é necessário o conhecimento das contas nacionais, que estão atrasadas.

Esta situação poderá, aliás, constituir um entrave ao usufruto, por parte de Portugal, da segunda acção comunitária específica de luta contra a pobreza, aprovada em Novembro de 1984, e que conta com um programa de 25 milhões de ECU's para quatro anos (1985-88).

Para entrar na corrida aos ECU's, Portugal necessita, segundo os organizadores do Seminário da Gulbenkian, de apresentar um diagnóstico completo da sua pobreza. «Só com números à escala nacional e realidades bem definidas, Bruxelas aprovará futuras ajudas», alertam. Nesse sentido, os três dias do seminário serão preenchidos por intervenções que «visam contribuir para a quantificação e avaliação da situação geográfica e demográfica da pobreza em Portugal», e também para a «criação de uma vontade de mudança».

Michel Tournier dizia que o que mais o incomodava na pobreza era a sua capacidade de resignação. Mas o «quarto mundo» europeu é hoje mais do que os pobres por ele visados: desempregados, emigrantes, refugiados e os sempre presentes idosos são quatro dos seis alvos prioritários estabelecidos nas acções de luta contra a pobreza. Em Portugal, juntam-se a estes os trabalhadores com salários em atraso. Deles falaremos amanhã e depois.

PRONTO A COZINHAR

Frangos, galinhas, coelhos, codornizes, perus e derivados

ASSADOS NA BRASA

Frangos-espeto e churrasco

CASA DOS FRANGOS DE MOSCAVIDE

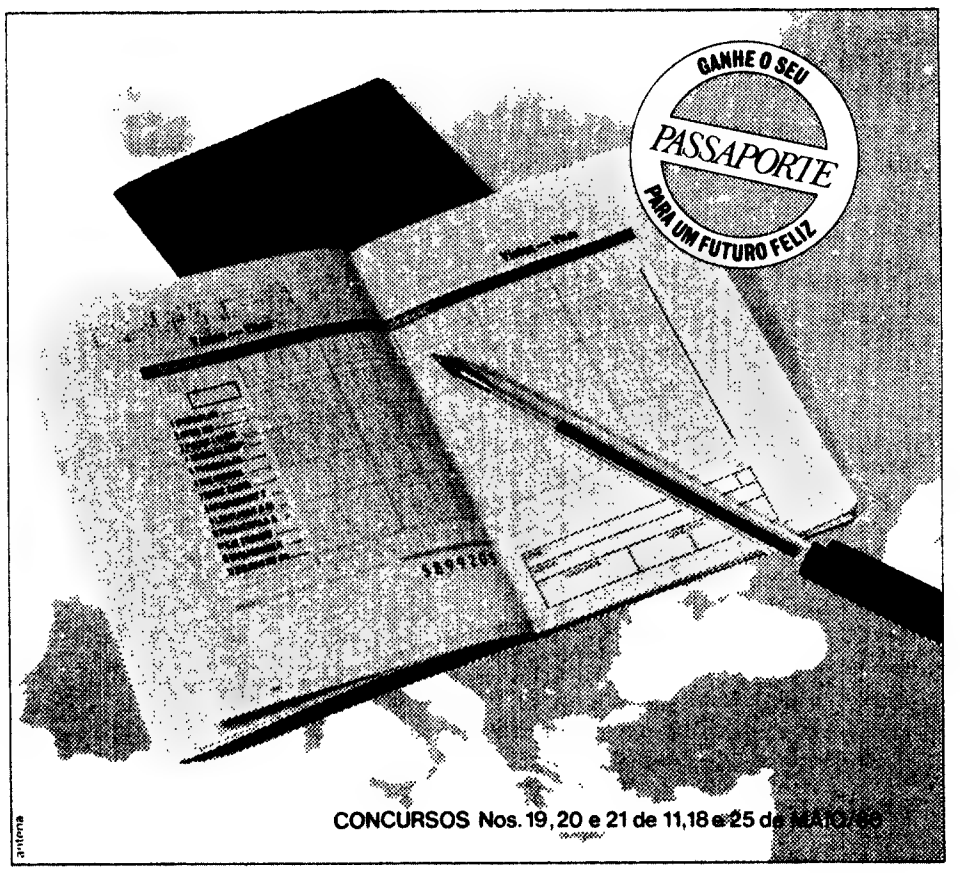
Símbolo de qualidade no comércio de aves

Loja 1 — R. Artur Ferreira da Silva, 19-A — MOSCAVIDE
Loja 2 — R. António Maria Pais, 45-A — MOSCAVIDE
Loja 3 — Praça Cidade do Luso, 206 — OLIVAIS SUL
Loja 4 — R. Major Caldas Xavier, 22-A — ODIVELAS

Armazém de Revenda e Distribuição na Grande Lisboa

R. Francisco Marques Beato, 21-A — Telf.: 252 06 19 — MOSCAVIDE

COM OS JOGOS EUROPEUS SEMPRE NOVOS MILIONÁRIOS



JOGUE FORTE NO SEU FUTURO, JOGUE FORTE NO TOTOBOLA

totobola

Contratos antigos abrangidos

Baixou a taxa de juro para compra de habitação

● *Diplomas já foram publicados*

Os cerca de 300 mil agregados familiares que adquiriram casa própria através do crédito à habitação e os potenciais interessados neste tipo de crédito têm, a partir de hoje, novas regras estipuladas em três portarias.

O «Diário da República» de hoje publica três diplomas respeitantes aos empréstimos contraídos ao abrigo do 435/80, outro dos contraídos ao abrigo do 459/83, e um outro respeitante ao crédito jovem.

Quanto aos «contratos antigos», como comumente são referidos os anteriores à legislação de 1983, os cerca de 50 mil agregados familiares que contraíram empréstimos para aquisição de casa própria ao abrigo do Decreto-Lei 435/80 verão as prestações líquidas reduzidas.

Os reajustamentos das taxas de juro que têm sido feitos nos últimos meses, devido ao abaixamento do ritmo de inflação, têm provocado uma certa confusão no crédito à habitação, já que os regimes existentes são dificilmente harmonizáveis.

Quanto aos contratos ao abrigo do 459/83, as harmonizações são mais fáceis, havendo uma redução de **um ponto percentual** nas taxas de juro contratuais.

Para este regime é ainda alterada a taxa de progressividade das prestações, ajustando-se ainda os incentivos financeiros decorrentes da recente redução da taxa de juro.

Mas, e pela primeira vez, os cerca de 50 mil contratos anteriores ao 459/83 verão as suas prestações líquidas harmonizadas o mais possível com as do regime actualmente em vigor.

Assim, e segundo outra portaria agora publicada, os contratos de empréstimo celebrados no âmbito do 435/80, às taxas de 30 e 32,5 por cento é também aplicável o regime de incentivos constante do diploma anteriormente referido.

Aos contratos de empréstimo celebrados à taxa de 26 por cento, no âmbito do mesmo decreto-lei, para aquisição de fogos inseridos na classe C, a bonificação de juros a cargo do Banco de Portugal é reduzida de 1,5 por cento para 1 por cento.

Segundo a Caixa Geral de Depósitos, o esquema para os contratos ao abrigo do Decreto-Lei 435/80 deverá ser o seguinte:

— Quem tem uma taxa de juro contratual de 22.25 por cento, verá essa taxa de juro reduzida, para entre 17 e 22.25 por cento, conforme os escalões considerados (A, B, C, ou D).

— Quem contratou a 26 por cento, a taxa de juro passa a ser entre 20.75 e 24.50 por cento, também conforme os escalões.

— Quem contratou a 30 ou a 32.5 por cento terá a sua taxa de juro reduzida entre 22 e 24.5 por cento, ainda conforme os escalões considerados.

Ontem, na inauguração da FIL

Chá soviético para o Presidente Soares

«Um grande estímulo para os diversos sectores de actividade da economia portuguesa» foi como o Presidente da República, Mário Soares, classificou a Feira Internacional de Lisboa, O Presidente esteve ontem na inauguração do certame e falou aos jornalistas, no estúdio que a Antena Um tem na FIL, num intervalo da visita.

O Presidente da República visitou demoradamente o pavilhão da URSS, o mais importante da 27.ª edição da FIL e, para além do chá, experimentou um barrete do Uzbequistão

Mário Soares frisou que não se deslocou à FIL apenas por tradição, mas também pelo «interesse que põe no desenvolvimento da economia portuguesa» e pela grande importância que a 27.ª edição do certame tem, a avaliar, nomeadamente, pelo grande número de expositores presentes, cerca de 200.

Ainda no estúdio da Atena Um e antes da abertura dos microfones, o ministro da Indústria e Comércio, Santos Martins, num curto diálogo com o Presidente, regozijou-se com o facto de Mário Soares ter visitado demoradamente a FIL, o que considerou «um importante estímulo para os agentes económicos representados no certame».

Durante cerca de hora e meia, Mário Soares visitou praticamente todos os stands de expositores instalados numa área de aproximadamente 14 mil metros quadrados.

O Presidente da República recebeu diversos presentes durante a visita, entre os quais o de um cidadão anónimo, que ali se deslocou expressamente para lhe oferecer um quadro.

No stand da União Soviética

Numa recepção oferecida pela Embaixada em Lisboa da União Soviética, país que nesta edição da FIL se fez representar em força, Mário Soares encontrou-se, nomeadamente, com um ex-Chefe de Estado, um antigo primeiro-ministro e dois ex-candidatos à presidência da República, respectivamente, o marechas Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Octávio Pato e Salgado Zenha.

Na visita ao stand onde estão representadas diversas actividades económicas, culturais e recreativas de duas repúblicas soviéticas, Letónia e Urbequistão, o Presidente assistiu a uma passagem de modas de uma estilista letã e à exbição de danças tradicionais daquelas duas regiões.

Na companhia de Rocha de Matos, presidente da AIP, e do ministro da Indústria e Comércio, Santos Martins, Mário Saores teve ainda oportunidade de saborear um chá e biscoitos típicos daquelas duas repúblicas soviéticas.

A CEE ao jantar

Após a visita, o Presidente da República participou num jantar com a Direrção da Associação Industrial Portuguesa (representada pelo seu presidente, Rocha de Matos, e pelos directores Silva Pinto e Omar Karim) e com expositores da FIL.

«Menosprezar o potencial transformador e as oportunidades de progresso» na adesão à CEE «é tão estulto e negativo como ocultar os riscos e perigos que este processo envolve» — disse. Mário Soares, ao discursar no final do jantar, indicou que a adesão as Comunidades Económicas Europeias coincidiu «com a melhor combinação de condições conjunturais dos últimos dez anos».

«Seria grave se de tudo isto não fôssemos capazes de retirar mis do que meros ajustamentos de circunstância, porque dificilmente poderia encontrar-se momento mais favorável à mudança profunda que a sociedade exige», sublinhou.

Para o Chefe de Estado, «é preciso que a modernidade esteja presente na própria atitude mental que preside à condução e organização da modernização económica».

O desenvolvimento económico e social exige, de acordo com Mário Soares, «estabilidade da vida política e normalidade do funcionamento das instituições, factos estes que, na sua opinião, são os indispensáveis «a uma visão de médio prazo na acção governativa».

A anteceder o discurso do Presidente da República, falou Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa, que se referiu às sucessivas feiras internacionais, como «símbolo da internacionalização da ndústria portuguesa».

Rocha de Matos sustentou que a internacionalização da indústria portuguesa se deve fazer «para lá do próprio espaço europeu».

Para aquele empresário, este objectivo somente pode ser realizado conjuntamente com o Estado, a quem caberá dar «a justa e necessária liberdade» para tal, cumprindo «a parte que lhe cabe num contrato social, que sem ser escrito não deixa por isso de ser cumprido».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$00	56$00
ALEMANHA FED. (marco)	66$25	67$25
ÁUSTRIA (xelim)	9$35	9$55
BÉLGICA (franco)	3$094	3$294
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	105$75	108$25
(notas de 5 a 1000)	106$25	108$75
DINAMARCA (coroa)	17$90	18$30
ESPANHA (peseta)	1$017	1$137
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	145$75	149$25
(notas de 5 a 1000)	146$25	149$75
FINLÂNDIA (marka)	29$10	29$70
FRANÇA (franco)	20$80	21$50
HOLANDA (florim)	58$90	60$00
IRLANDA (libra)	202$95	206$95
ITÁLIA (lira)	$088	$098
JAPÃO (iene)	$865	$900
NORUEGA (coroa)	19$40	19$90
REINO UNIDO (libra)	224$45	228$95
SUÉCIA (coroa)	20$550	21$05
SUÍÇA (franco)	79$85	81$35
VENEZUELA (bolívar)	6$55	7$55

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Bruno Kreisky falou em Lisboa:

Desemprego é a principal preocupação até ao final do século na OCDE

O ex-chanceler austríaco Bruno Kreisky afirmou ontem que os países europeus da OCDE gastarão, até ao final do século, 83 000 milhões de dólares por ano em medidas de protecção do ambiente.

Bruno Kreisky falava no seminário «Relações económicas entre Portugal e a EFTA — Associação Europeia de Comércio Livre — no quadro da adesão à CEE», salientando que 25 anos após a criação desta associação se pode falar «em sucesso histórico».

Atestam-no o valor das importações dos seus Estados membros, que em 1960 atingiam os 945,4 milhões de dólares e das exportações que se cifravam em 940,5 milhões de dólares, passando em 1985 a ser de 15 000 e 16 000 milhõesde dólares, respectivamente, disse Kreisky.

Penso, acrescentou o ex-chanceler austríaco, que em matéria de intercâmbio comercial «o saldo é sem dúvida positivo».

Kreisky saudou Mário Soares por ter «assumido a Presidência».

O seminário teve como oradores o secretário adjunto da EFTA, Norbert Faustenhamer, da directora-geral da Indústria, Maria José Constâncio, do vice-presidente do Banco de Fomento Nacional, António Marta, e pelo Instituto de Investimentos Estrangeiros, o director, Mário Negrão.

O ex-chanceler da Áustria Bruno Kreisky, na intervenção que proferiu, referiu que a cooperação entre a CEE e a EFTA ocorrera «dentro de uma integração organizada e aberta, privilegiando-se os acordos de comércio livre».

Considerou que a corrente comercial entre os países europeus e os de Leste se deve incrementar, apoiada um clima político de «détente».

Kreisky caracterizou o desemprego nos países da OCDE, considerando-o um dos principais problemas que se colocam às autoridades governamentais até ao fim do século, frisando que cerca de 20 milhões de pessoas estarão desempregadas nos países da OCDE no ano 2000.

O secretário-adjunto da EFTA, Norbert Faustenhamer, afirmou que as relações comerciais dos países membros da CEE e em particular Portugal, «serão melhores no domínio dos têxteis e do vestuário».

O saldo da balança comercial portuguesa com os países da EFTA é positivo: a EFTA absorve 10 por cento do total das exportações portuguesas e importa 5 por cento de mercadorias desses Estados.

Norbert Faustenhamer disse entretanto à Anop que existem boas perspectivas de investimento sueco e suíço em Portugal, dadas as intenções manifestadas nesse sentido.

24 HORAS

A soberania das Falkland

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, afirmou ao secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, não estar preparada para negociar com a Argentina a soberania das ilhas Falkland, segundo um porta-voz de Downing Street. A recusa britânica em discutir a soberania das ilhas e a insistência argentina na questão têm impedido a normalização de relações entre Londres e Buenos Aires depois da guerra que os dois países travaram no arquipélago em 1982.

Juan Carlos em Estrasburgo

O Parlamento Europeu acolheu pela primeira vez o rei de Espanha, que proferiu um discurso perante os 518 eurodeputados. Juan Carlos homenageou o Parlamento Europeu, em relação ao qual o povo espanhol tem um profundo reconhecimento em razão da atitude aberta adoptada em relação a Espanha». A paz e a segurança foram outros temas desenvolvidos pelo rei, nomeadamente o papel da Europa.

A guerra Irão-Iraque

O rei Hussein da Jordânia regressou a Amã após uma visita a Bagdad, onde manteve conversações com o presidente iraquiano Saddam Hussein. Ao mesmo tempo, o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Farouk Al-Chaaa, chegou à estância de Verão saudita de Taif, depois de se ter deslocado a Teerão, onde se encontrou com o presidente iraniano Ali Khadami e com o primeiro-ministro, Hossein Musavi. As boas relações que a Síria e a Jordânia mantêm, respectivamente, com o Irão e o Iraque estão a ser utilizadas para aproximar as duas nações beligerantes, referem diplomatas árabes.

Pastora pede asilo

EDEN Pastora, ex-líder das forças rebeldes nicaraguenses, pediu asilo às autoridades da Costa Rica, tendo-se entregado com 450 guerrilheiros das suas forças — anunciou um porta-voz dos rebeldes. O presidente costa-riquenho, Óscar Árias Sanchez, disse apenas que «iria considerar» o pedido de Pastora, recentemente demitido da chefia dos grupos que se opõem ao regime sandinista da Nicarágua. «Se Pastora decidir abandonar toda a sua actividade militar, podemos considerar o seu pedido de asilo político» afirmou o presidente Sanchez.

Mercenários norte-americanos

OITO mercenários dos Estados Unidos, ex-combatentes da guerra do Vietname, encontram-se detidos no Brasil, acusados de contrabando de armas, confirmaram fontes policiais brasileiras. Os oito mercenários foram detidos a 14 de Março no porto de Niteroi, a bordo do navio «Nobistor» de bandeira panamiana, que, em 10 de Março, entrou ilegalmente em águas brasileiras.

Acordo de paz de Contadora

O ministro panamiano dos Negócios Estrangeiros afirmou que a Nicarágua concordou em assinar o acordo de paz elaborado pelo Grupo de Contadora, referem notícias divulgadas em Lima. Jorge Abadia, o ministro panamiano, declarou que a Nicarágua concordou em juntar-se à Guatemala, El Salvador, Honduras e Costa Rica na assinatura de um acordo de paz em 6 de Junho, noticiou a agência noticiosa peruana «Andina».

Contactos China-Formosa

DELEGAÇÕES da República Popular da China e da Formosa reúnem proximamente em Hong Kong, território sob administração britânica, para negociar a devolução de um avião comercial recentemente desviado para a China Popular, informou um porta-voz da companhia aérea «CAL». Este será o primeiro contacto oficial directo entre Pequim e Taipé desde que os comunistas tomaram o poder na China, em 1949.

Em discurso televisivo

Gorbachev prolonga moratória e propõe organismo de controlo nuclear

O dirigente soviético Mikhail Gorbachev afirmou que o seu país vai prolongar a moratória unilateral de testes nucleares até 6 de Agosto e convidou o presidente Ronald Reagan a encontrar-se com ele para debater uma proibição permanente.
«O acidente (nuclear) de Chernobyl mostrou de novo que abismo se abrirá no caso de uma guerra nuclear se abater sobre a Humanidade», declarou Gorbachev em discurso transmitido pela Televisão.

Na sua declaração, anunciada com um dia de antecedência, o dirigente soviético afirmou: «Uma tragédia abateu-se sobre nós — o acidente na central de energia nuclear de Chernobyl.»

«Pela primeira vez encontramos na realidade uma força tão sinistra como a energia nuclear que escapou ao controlo.»

Mikhail Gorbachev deu novos números sobre o desastre de 26 de Abril, afirmando que morreram nove pessoas e 299 foram hospitalizadas.

«É ainda cedo para fazer um julgamento final sobre as causas do acidente», indicou, mencionando porém um súbito aumento de energia durante um encerramento programado para uma manutenção de rotina.

«Em condições em que a atenção para questões relacionadas com o nuclear aumentou, o governo soviético (...) decidiu prolongar a sua moratória unilateral de testes nucleares até 6 de Agosto deste ano», disse.

Moscovo interrompeu os seus testes nucleares em Agosto mas suspendeu a moratória há dois meses depois de os Estados Unidos terem ignorado o apelo para se juntar à União Soviética. Mickail Gorbachev, quebrando um silêncio de 18 dias, renovou o apelo ao presidente Ronald Reagan para um encontro na Europa ou em Hiroxima, no Japão, a fim de debater uma proibição de testes.

O «número um» do Kremlin desmentiu que a União Soviética tivesse demorado a fornecer informações sobre o desastre, comunicado 48 horas depois de ter ocorrido, e propôs um novo mecanismo para trocar informação sobre acidentes nucleares.

Sugeriu ainda a criação de «um regime internacional de desenvolvimento seguro da energia nuclear com base numa cooperação estreita entre todos os países» que a utilizam.

«Um sistema de aviso e fornecimento de informações rápido no caso de acidentes e falhas em centrais de energia nuclear (...) devia ser estabelecido no ñbito deste regime», acrescentou.

Gorbachev, que falou durante 25 minutos, disse que medidas tomadas logo após o acidente de Chernobyl não conseguiram proteger muitas pessoas.

«Graças às medidas eficazes tomadas, é possível afirmar hoje que o pior passou. As consequências mais graves foram evitadas. Claro que o fim ainda não chegou, ainda não é hora de descansar».

Mikhail Gorbachev atacou os Estados Unidos e a Imprensa ocidental pelo lançamento de «uma campanha anti-soviética sem limites» a propósito do desastre.

«O acidente (...) e a reacção a ele tornaram-se uma espécie de teste à moralidade política. Mais uma vez, houve duas posições diferentes, duas linhas de conduta reveladas a toda a gente», disse.

Os Estados Unidos e «os seus aliados mais zelosos», incluindo a Alemanha Federal, viram o sucedido «apenas como outra possibilidade para colocar obstáculos adicionais» ao diálogo Leste-Oeste, disse.

Em contraste, Gorbachev manifestou gratidão a dois médicos norteamericanos, Robert Gale e Paul Terasaki, que se deslocaram a Moscovo para ajudar a tratar doentes atingidos por radiações, bem como a «círculos financeiros» ocidentais que forneceram ajuda.

Comentário de Washington

A Casa Branca saudou as propostas de Mihail Gorbachev no sentido de uma melhor cooperação internacional para a segurança nuclear, mas lamentou as críticas do líder soviético às posições norte-americanas sobre o desastre de Chernobyl.

O primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, por seu turno, respondeu aos jornalistas que não comentava» a sugestão do líder soviético, Mikhail Gorbachev, de a cimeira com o presidente norte-americano, Ronald Reagan, se realizar em Hiroxima, no Japão.

Nakasone disse que as duas superopotências deviam continuar as conversações sobre desarmaemnto em Genebra.

Entretanto, um relatório hoje apresentado à assembleia parlamentar da NATO, em Bruxelas, recomenda ao Ocidente que reconsidere a proposta de Gorbachev de um tratado proibindo os testes nucleares, já recusada por Reagan.

«Muitos dos aliados da América continuam confusos com a feacção negativa permanente de Washington quanto às propostas de Gorbachev sobre verificação dos testes. Nunca se saberá se o secretário-geral soviético se mostra ou não sério nas suas propostas, se Washington não começar a reagir de maneira mais positiva a elas» — afirma-se no relatório.

O relatório vai ser debatido na sessão da Primavera da Assembleia Parlamentar da NATO, a realizar na próxima semana no Luxemburgo.

Cinco mortos na África do Sul

Milhares de negros entraram em fúria num bantustão, enquanto em Joaanesburgo uma equipa da Commonwealth tenta reconciliar os governantes brancos da África do Sul com os seus opositores negros.

Testemunhas oculares no Bantustão de Kwandebele, a norte de Pretóri, disseram que cinco pessoas morreram ontem, quando forças de Polícia usaram gás lacrimogéneo para dispersar milhares de negros que protestavam contra um plano apoiado pelo governo para declarar o seu bantustão independente.

Cerca de 25 000 residentes em Kwandebele desconhecendo aparentemente que a manifestação convocada tinha sido proíbida durante a noite, reuniram-se num campo na capital do bantustão, Siyabusa.

Os organizadores da manifestação tencionavam pedir a demissão das autoridades do bantustão e exortar a intensificação da oposição ao plano para declarar Kwandebele independente em Dezembro.

NATO vai examinar programa de armas químicas dos EUA

O secretário da Defesa dos Estados Unidos desloca-se a Bruxelas na próxima semana para uma reunião dos ministros da Defesa dos países da NATO destinada a debater o novo programa de armas químicas do Pentágono.

O secretário-adjunto da Defesa, Richard Perle, declarou ao jornal «Washington Times» esperar que o programa da «arma química binária» seja aprovado pelos ministros da Defesa dos 14 países da NATO.

A discussão deste programa de armas químicas pela Comissão de Planeamento de Defesa da NATO — em 23 de Maio — resulta de uma exigência de membros do congresso que consideram que os aliados dos Estados Unidos na Aliança Atlântica devem assumir parte da responsabilidade de avançar com o novo programa de armas químicas.

As armas químicas binárias são compostas de dois produtos químicos relativamente inofensivos, que se tornam venenosos quando combinados numa granada de artilharia.

Essas novas armas destinam-se a substituir outras armas químicas para eventual utilização na Europa pelas forças norte-americanas e europeias.

Peritos crêem que 10 por cento do total de armas químicas norte-americanas — até 10 000 toneladas de gás letal — está depositado na RFA, além dos Estados Unidos, que tem armas químicas norte-americanas.

Durante a recente cimeira de Tóquio dos sete países mais industrializados, o chanceler Kohl e o ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, conseguiram levar o presidente norte-americano, Ronald Reagan, a aceitar que os depósitos actuais de armas químicas sejam retirados até 1992.

Diplomata dos EUA expulso da URSS

A União Soviética ordenou a expulsão de um adido de Defesa da Embaixada norte-americana em Moscovo, depois de o apanhar numa «importante acção de espionagem», anunciou a agência Tass.

Jaroslav Verner, porta-voz da Embaixada, declarou que o diplomat Erik Sites, partiu da União Soviética no sábado, recusando-se a comentar as informações feitas pela Tass a partir de um relatório do KGB.

Sites foi o segundo diplomata norte-mericano expulso da União Soviética este ano. Em Março, os soviéticos ordenaram a saída do país de Michael Sellers, segundo secretário da Embaixada.

Que mais estará para acontecer?

Para 'uns toques': monges nas alturas queriam fazer negócio com os 'Infantes'

Tal como estava planeado por José Torres, os «infantes» passearam e correram ontem na montanha, mas não treinaram porque os monges locais pediram 400 dólares (cerca de 60 contos) pelo aluguer de um campo pelado. A intenção de treinar no «pelado», propriedade de um convento situado no cimo da montanha vizinha de Saltillo, acabou num simples passeio, a 2300 metros de altitude, apesar de os monges ainda terem baixado o preço para 200 dólares. Vendo que os dirigentes da Federação se mantinham firmes na sua posição, resolveram reduzir para 120 dólares e depois para 100 dólares, como quem negoceia uma mercadoria.

«Não pagamos por uma questão de princípio», explicou o coordenador da selecção, Amândio de Carvalho.

Perante o desinteresse de Portugal, os responsáveis mexicanos ofereceram o pelado grátis, mas qual o seu espanto quando Amândio de Carvalho disse um «não» bem alto, dando uma bofetada de luva branca no espírito mesquinho e especulativo de alguns mexicanos.

Entretanto no treino da tarde José Torres fez alinhar duas equipas, já com Carlos Manuel recomposto e os «infantes» **verdes** começam, a julgar pela insistência do técnico, a ganhar forma de esqueleto da selecção mundialista. Os «infantes» **verdes** foram: Bento; João Pinto, Morato, Frederico e Inácio; Diamantino, Jaime Pacheco, Carlos Manuel, Sousa e Futre; Gomes. Os «brancos» alinharam com os restantes: Damas; Banderinha, José António, Oliveira e Álvaro; Jaime Magalhães, André, Ribeiro, e Sorbinho, Jorge (guarda-redes) e Rui Águas.

Passeio a Monterrey

Em cerca de 50 minutos de jogo, os «verdes» venceram por 2-1, golos de Dimantino e Gomes, contra o de Ribeiro. Carlos Manuel alinhou durante todo o treino e pareceu recomposto da lesão na coxa.

Entretanto a selecção marroquina defronta hoje à tarde, à porta fechada, uma equipa amadora de Monterrey. A selecção portuguesa, que treinará sempre com a porta aberta, espera hoje conhecer finalmente o nome dos seus adversários mexicanos da próxima semana, uma vez que a realização dos encontros-treino está já confirmada. Os dirigentes da Federação, Em Saltillo, afadigam-se para confirmar os jogos com a equipa portuguesa, com César Grácio e Amândio de Carvalho a efectuarem diversos contactos telefónicos. Enquanto as restantes selecções do «México-86» têm vindo a disputar jogos de preparação em vários países, a selecção portuguesa não joga desde Fevereiro passado.

Por outro lado, os testes e as eventuais lesões dos «infantes», já podem ser realizadas e tratadas em La Torre, em cujo apartamento 142, foi montada uma sofisticada clínica, dirigida pelos dr.s Camacho Veira e Maldonado Vieira.

Ao princípio da tarde de ontem e depois do regresso da montanha, a selecção portuguesa foi a Monterrey para a 1.ª visita dos «infantes» à cidade-sede do grupo «F».

O teste das alturas

Enfim: o coração dos «infantes» foi testado a 2300 metros de altitude, nas montanhas que rodeiam Saltillo. Um sofisticado e portátil desfibrilhador permitiu aos médicos da selecção, drs. Maldonado Simões e Camacho Vieira) **munitorizar durante o esforço o ritmo e freqsência cardíacos, bem como a tensão,** dos jogadores. Os resultados são reservados, mas foi possível saber (por exemplo) que Gomes está em excelente forma física, enquanto alguns dos seus companheiros se apresentam em condições menos boas.

Os testes foram realizados a cerca de (20) km de Saltillo, no Centro Teotepec (instalações pertencentes a uma congregação religiosa de Saltillo, «os legionários de Cristo») que, encaixado numa colina agreste, pedregosa e escaldante, serve para retiros espirituais e estágios.

A chegada da selecção ao local, inevitavelmente escoltada pelo aparatoso cortejo policial de segurança, foi ruidosa e alegremente saudada pela equipa infantil de futebol de um colégio de Saltillo. Espera-se que os miúdos, encantados por tirarem fotografias ao lado de «ídolos» do Mundial, sirvam de mascote aos «infantes»: e que eles constituem uma equipa que desde há um ano não perde um jogo e são campeões de Saltillo, na categoria de «cascarones» (6 a 8 anos).

Depois de passearem 10 minutos pela encosta, os futebolistas portuguesestrocaram a bola num pelado, entre as corridas com a bola e os «sprintes», o cardiologista dr. Maldnado Simões mediu, no local, antes e depois dos esforços, os indicadores cardíacos dos jogadores. Aquele especialista afirma que estes testes vêm na sequência do trabalho com mais de um mês e que permite obter um diagrama do estado físico dos jogadores.

— **Este trabalho serve para dar indicações ao técnico e ao preparador físico, quanto ao tipo de treinos que cada jogador deve ter indivialmente, para compensar ou melhorar aspectos da sua condição física»**, explicou o dr. Maldonado Simões. A continuidade dos testes também serve para que o técnico da selecção saiba, no decorrer do campeonato, a condição física dos seus jogadores: «O **técnico poderá saber qeu este ou aquele jogador não estão fisícamente em cindições de fazer 90 minutos de jogo, e que, do ponto de vista da condição física do momento, um jogador é preferível a outro»**, especificou o cardiologista dos «infantes»

Segurança será segura?

A segurança no Motel La Torre que deixa transparecer muitas deficiências (sobretudo no que se refere à idoneidade dos guardas) proibiu um grupo de jornalistas de entrar de madrugada no complexo turístico. Quando as pessoas em causa se preparavam para retorceder de carro e abandonar o local, a segurança resolveu deter a viatura e interrogar o condutor, massacrando-o com as perguntas mais díspares que se possam imaginar.

O mais espantoso é que o chefe da segurança (um homem de grande porte) abriu a porta da viatura, agarrou um jornalista, impedindo-o de sair do Motel quando este se preparava para regressar a Saltillo e dormir distante da segurança.

O controlo e segurança montado em redor do Motel La Torre é um autêntico absurdo, sendo a falta de coordenação entre os seus diversos elementos por de mais evidente. Muitos dos membros da segurança são rapazes com menos de 20 anos, muitos dos quais com aparência de quem desconhece totalmente as regras mínimas de educação. O Motel, sem dúvida um lugar belo e aprazível de dia, com os seus relvados e piscinas, torna-se à noite quase um campo de concentração, onde não há lugar para a mínima privacidade, com o guarda a dormir junto ao canteiro da porta.

É tudo a sacar!

As relações entre a Imprensa e os do Motel La Torre têm conhecido alguns atrictos, sobretudo em virtude da especulação e da caça ao dólar por parte da unidade hoteleira. Para além do preço exorbitante cobrado pelas chamadas telefónicas, o Motel tem exagerado nos preços que pratica, pois além do «IVA» inclui sempre uma conta de «despesas» de serviço.

Comer em La Torre é muito mais caro do que comer num bom restaurante de Saltillo: e só oito quilómetros de terreno árido e de cactos levam os jornalistas a se conformarem em ficarem na «penitenciária» de La Torre.

Cada vez é mais frequente ouvir os jornalistas a queixarem-se dos prços praticados pelo Motel que, por um simples postal, cobram 200 pesos. Uma «coca-cola» custa 220 pesos, mas se tivermos o atrevimento de atravessar a estrada e entrarmos numa tenda-bar do bairro pobre e vizinho é possível beber o mesmo refrigerante em troca de 45 pesos.

Sem culpa da crise económica do México e do seu défice externo, os jornalistas portugueses têm fugido (sempre que possivel do Motel em busca de lugares menos explorados pela gula do lucro fácil, e num raid rápido a Saltillo, é possível encontrar na rua «Guadalupa Vitória» cintos, «sombreros» mantos e peças de artesanato a um preço acessível.

Segundo um habitante de Saltillo, ainda há índios autênticos nesta região: e não é difícil visualizar em cada rosto as feições rasgadas e os traços de sangue índio ou mestiço.

Nas modernas discotecas (que abundam em Saltillo) os jovens bebem «tequilla» e «vodka» com tomate, numa escolha que traduz o choque entre a tradição e a civilização: **Aqui los hombres soy mui machos e no gustam que se metam com as suas namoradas** — disse um membro do Comité Organizador do Mundial, numa conversa informal com os jornalistas.

«Infantes» colhem simpatia

Todavia, os mexicanos mostram-se curiosos de Portugal e, quando são informados da extensão do território do Algarve ao Minho, não resistem em dar uma gargalhada monumental. **O que? Só isso? Neste caso, Portugal cabe nesta região de cá** — rematou um mexicano abastado, que recebeu alguns jornalistas portugueses na sua quinta, com piscina.

Prometendo apoiar Portugal no jogo com a Inglaterra (em Monterrey) os mexicanos dizem simpatizar com os portugueses enquanto os ingleses são conhecidos como «los animales».

O facto de «os infantes» terem partido mais cedo em busca do México e de Saltillo, poderá trazer benefícios na «guerra das claques», por vezes esquecida mas não menos importante: **Eu vou gritar por Portugal,** afirmou Barra (Taxista de 25 anos) numa promessa que deixou dúvidas se visava ou não uma gorgeta mais volumosa. No Motel La Torre, o gerente (um homem com mais de 100 quilos de peso), a rivalizar com o cozinhciro dos «infantes» tem feito todos os esforços para tornar o ambiente mais agradável. Num destes dias, qual o espaço da comitiva portuguesa, quando os altifalantes do Motel começaram a transmitir canções de Linda de Suza.

Onde foi desencatar esses discos? — perguntou um jornalista de imediato, tendo o gerente respondido: **trouxeram-nos já há alguns anos de Paris, e era a altura de os ouvir,** para matar as horas mortas que passam no motel.

Os «infantes» e os jornalistas tiveram uma boa novidade quando a gerência do motel anunciou estar a pensar instalar uma televisão gigante, para se presenciar os jogos das equipas adversárias.

Segundo o cozinheiro da selecção (Álvaro Evaristo) os «infantes» parecem **autênticos leões** a comer, sendo o apetite um bom sinal de vitalidade.

Futre é igual a Hugo Sanchez

Paulo Futre é comparado (em Saltillo) ao mexicano Hugo Sanchez, figura prepodnderante da selecção do seu país e actualmente ao serviço do Real Madrid. Na opinião dos especialistas, Futre é um grande jogador, cuja classe já foi evidenciada num campo de futebol da cidade mexicana de Saltillo, onde mostrou o seu talento e excelente toque de bola.

Futre ´um dos jogadores mai assediados pelos jornalistas mexicanos e, em delclarações à Imprensa local, Futre afirmou que, em 1982 teve oportunidade de jogar ao lado de Hugo Sanchez, numa equipa de «estrelas» do futebol mundial, que actuou em Nova Iorque. Disse também que se ente em óptima condição física e que aguarda a oportunidade de jogar neste «mundial», o primeiro da sua ainda curta carreira. Contou que já efectuou dez encontros internacionais pela selecção portuguesa e que, embora sinta a falta dos pratos típicos do seu país (nomeadamente o bacalhau) considera a comida mexicana de muito boa qualidade.

Recordes à porta

O México vai tentar estabelecer no dia 31 deste mês, uma série de recordes na já rica história do futebol mundial, com a abertura do 13.º Campeonato do Mundo da modalidade.

Há quatro anos (no «Espanha-82») só um recorde não foi melhorado, e que tem agora 28 anos: o do francês Just Fontaine que no «mundial» da Suécia (1958) foi o «rei» dos marcadores, com 13 golos apontados. No «mundial» de Espanha, o primeiro que teve a participação de 24 selecções em lugar das 16 tradicionais, foi marcado o golo mais rápido da história: pertenceu ao inglês Robson que a 16 de Junho marcou (aos 27 segundos) perante a França, no Estádio de San Mamés, em Bilbau. Robson inscreveu o seu nome na história do futebol, juntamente com o francês Ettori, que se tornou no guarda-redes mais rapidamente batido num jogo do «mundial».

Os dois «mundiais» com menos golos foram os de 1930 (no Uruguai) e de 1934 (na Itália) onde foram apontados só 70 golos. Nas 13 edições do campeonato do mundo foram marcados até agora 1196 golos.

Há quatro anos, o belga Vanderbergh inscreveu o seu nome no livro de ouro, dos «mundiais», ao marcar o primeiro golo da prova (a 13 de Junho, no Estádio de Nou Camp, em Barcelona) colocando a sua equipa a vencer por 1-0 frente à Argentina, no jogo inaugural. Com o golo de Vanderbergh quebrou-se o «feitiço» dos quatro anteriores campeonatos do mundo, em que o jogo inaugural terminou empatado sem golos, esperando-se agora que, no dia 31, no Estádio Asteca, surjam golos no Itália -Bulgária, para dar mais emoção ao torneio mundialista.

Outro jogador europeu (o soviético Sergei Baltacha) figura nos registos históricos, como o autor do golo 1100 dos «mundiais» e, simultaneamente, o 50.º do «mundial» de 1982, enquanto o norte; irlandês Armstrong foi o autor do golo 100 e o alemão-federal Paul Breitner marcou o 146 e último, na final em que a Itália se tornou campeão mundial, a 11 de Julho, no Estádio Santiago Bernabeu (Madrid).

O melhor artilheiro dos «mundiais» continua a ser Fontaine (com 13 tentos) estando as actuais melhores marcas a «anos luz» da obtida pelo francês no final dos anos 50: o italiano Paolo Rossi marcou seis golos, igualando o argentino Mário Kempes, no «mundial» da Argentina em 1978.

Mas, apesar de se prever um «Méxo-86» muito defensivo, é possível que a marca de Fontaine seja ultrapassada este ano, pela qualidade de valores que integram várias selecções finalistas, com destaque para Hugo Sanchez (melhor macador do Real Madrid), Michel Platini, Jorge da Silva, Zico, Fernando Gomes e uma interminável lista de outros candidatos a superar o supersticioso número «13».

Zico: o problema maior para Telê Santana

Hugo Sanchez: a «estrela-mor» dos mexicanos é um menino na mão das bruchas. A coqueluche do público que vai rodear a fase final deste «mundial»

México Digest

Palpite italiano: Inglaterra e Espanha favoritos

● Portugal em penúltimo...

Portugal ocupa o penúltimo lugar da lista hoje divulgada pelo jornal romano «Corriere Dello Sport» quanto a selecções candidatas à vitória no campeonato do Mundo de Futebol. O favoritismo recai, segundo a votação da Imprensa italiana, sobre as selecções de Inglaterra e Espanha.

A classificação divulgada pelo «Corriere Dello Sport» apresenta as equipas da Inglaterra e Espanha com 9 pontos, enquanto Portugal e União Soviética ocupam os últimos lugares com 4 e 3 pontos respectivamente. Hungria, França, Alemanha Federal e Bulgária ocupam por seu lado, as 3.ª, 4.ª, 5.ª e sexta posições. Entre as selecções da América do Sul, o Brasil ocupa a 7.ª posição (6,5 pontos) seguida do México (com a mesma pontuação) e da Argentina (6).

● Tal como o «Diário de Lisboa» ontem informou, Jaime Graça (adjunto de José Torres na equipa técnica da selecção) viajará amanhã para Los Angeles, onde vai «espiar» a Inglaterra. Os ingleses, primeiros adversários dos portugueses no «mundial» (a 3 de Junho) defrontam no sábado o México em Los Angeles (Califórnia) em mais um encontro de preparação para o campeonato.

Os «infantes» assistirão no Motel La Torre (em Saltillo) à transmissão televisiva directa, que vai ser realizada pela TV mexicana.

Entretanto, continua a não haver confirmação dos adversários locais dos portugueses para os jogos-treino previstos para a próxima semana em Monterey. Os dias vão-se escoando e os «infantes» continuam a preparar-se jogando uns com os outros. Segundo dirigentes federativos a confirmação virá de um momento para o outro, mas esse momento vem sendo adiado dia após dia, e até à hora de encerrar-mos desta edição nada se sabia.

● Um padre católico romano dos subúrbios da Cidade do México, decidiu hoje alterar as horas de realização dos serviços litúrgicos durante o «Mundial» de Futebol, porque «as pessoas não iriam à igreja». Marco António Salvatore, que celebra missa na Igreja Paroquial em Covocan, decidiu modificar o horário do serviço dominical das 12 horas para as oito horas, para os titulares de bilhetes de futebol, enquanto os adeptos utentos de Televisão dispõem de um serviço às 10 horas.

● Uma nova emissão de selos alusivos ao Campeonato Mundial de Futebol foi hoje posta em circulação pela e presa «Correios de Moçambique». A emissão inclui futebolistas moçambicanos que, em representação da selecção portuguesa, contribuíram decisivamente para Portugal conquistar o 3.º lugar no «Mundial de 1966 (na Inglaterra), casos de Eusébio, Coluna, Vicente e Hilário, ou foram figuras exponenciais do nosso futebol (Matateu).

● A delegação italiana ao «mundial» terá 188 pessoas e segue hoje para o México. Os italianos (que vão em avião fretado) levam mais de cinco toneladas de bagagem, incluindo dois mil quilos de alimentos e água mineral e 1200 quilogramas de lembranças para os adeptos mexicanos, desde fotos dos jogadores a galhardetes e emblemas.

A «scuadra azzurra», que vai ao México defender o título mundial que embolsou em Espanha integra os guarda-redes Galli, Tancredi e Zenga; os defesas Bergomi, Cabrini, Collovati, Nela, Scirea, Tricella e Vierchowood; os centro-campistas Anceloti, Bagni, Baresi, Conti, De Napoli, Di Gennaro, Tardelli e Vialli e os avançados Altobelli, Galderisi, Rossi e Serena.

● Em Dortmund (RFA) a selecção da Alemanha Fedeal venceu a sua congénere holandesa, por 3-1, em jogo de preparação para o «mundial». Rudi Voeller (39 e 42 minutos) e Mathias Herget (90 minutos) marcaram os golos da RFA, enquanto Johnny Van't Schip (80 minutos) obteve o único tento da Holanda.

As equipas alinharam do seguinte modo:

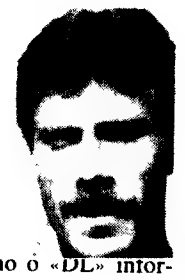
RFA: Stein; Berthold, Eder (Funkel, 46), Herget e Briegel; Matthaeus (Algoewer, 82), Rolff, Littbarski e Brehme; Voeller (Mill, 76) e Allofs.

Holanda: Breukelen; Bind (Suvrijn, 67), Koeman, Tiggeler e Silooy; Vanenburg, Wouters e Boeve, Roib de Wit (Bosman, 67); Schip e Gullit.

● A Inglaterra derrotou ontem a Coreia do Sul, por 4-1 em jogo particular.

● Um golo de Carlos Aquilera deu ontem triunfo ao Uruguai (finalista do «mundial») frente à equipa do Nacional de Melelia (Colômbia) em jogo de preparação para o México.

Caso Veloso: todos sacodem o capote



Muito ainda estará para aflorar à opinião pública no tocante ao «caso Veloso», com o súbito afastamento do defesa benfiquista do lote de «infantes» e a pronta substituição por Bandeirinha, praticamente em cima da hora do embarque para o México. Ontem, o director do Departamento de Futebol do Benfica enviou um telex ao seleccionador nacional, José Torres, a pedir satisfações pela exclusão de Veloso. Júlio Borges defendeu a posição de Veloso, argumentando que as substâncias detectadas nas análises (anabolisantes) «**não implicam a suspensão dos futebolistas e a sua proibição é meramente facultativa**».

Por seu lado, em comunicado público, o corpo clínico do Benfica manifesta a sua estranheza pelo afastamento de Veloso da selecção, na base de que o futebolista estaria dopado. Em documento assinado pelo director do Departamento, o dr. José Pedro Vieira da Fonseca, é afirmado que a substância em questão, um esteróide anabolisante, não foi administrado ao jogador por este departamento médico. Também a substância dopante detectada no jogador Veloso não faz (segundo o Departamento Médico do Benfica) parte da lista de drogas «nocivas e proibidas para o campeonato do Mundo, no México».

O departamento clínico do Benfica refere que o clube não foi ainda notificado pela Federação Portuguesa de Futebol do afastamento de Veloso, assim como reafirma que a substância dopante em causa não é utilizada pelos jogadores do clube da Luz.

Segundo o departamento benfiquista, vão ser promovidas de imediato as diligências necessárias para a repetição do exame a Veloso, reservando-se o clube para tomar posteriormente as medidas adequadas.

Os responsáveis clínicos do Benfica revelam que, até agora, apenas tiveram conhecimento das causas que levaram à exclusão de Veloso através da Comunicação Social, que **teria sido determinada por se ter supostamente detectado uma substância dopante no líquido orgânico do atleta.**

Réplica federativa

Por seu lado, o presidente da Federação Portuguesa de Futebol, dr. Silva Resende, afasta a hipótese de submeter o futebolista Veloso a uma segunda análise «antidoping». O dr. Silva Resende afirma que mantém **total confiança no laboratório da Direcção-Geral de Desportos, onde foi feita a análise** cujo resultado foi positivo. Confrontado com a hipótese do líquido orgânico não pertencer a Veloso, o dr. Silva Resende afirmou que a FPF **não tem dúvidas sobre a autenticidade da recolha efectuada pelo laboratório,** considerando que a Federação **não deve, nem tem necessidade, de fazer uma segunda pesquisa. O profissionalismo e alta tecnologia utilizados não permite falhas, mas se os visados pensam que elas existiram, compete-lhes prová-las** — afirma o dr. Silva Resende.

O Departamento Clínico do Benfica recusa admitir a hipótese de Veloso ter sido «dopado», defendendo que **houve uma troca** de urina: **Veloso vai fazer uma análise para confirmar se houve troca de urina e não uma contra-análise, pois não se trata de um caso de «doping».**

Comentando afirmações de Veloso a orgãos de Comunicação Social no sentido de integrar a selecção no caso de se provar que os resultados da análise mandada efectuar pela FPF não correspondem à verdade, o dr. Silva Resende remeteu uma eventual tomada de posição para o seleccionador José Torres. Isso já me transcende: José Torres é que escolhe os jogadores e, nessa eventualidade, a questão só a ele deve ser colocada — diz o presidente da Federação de Futebol.

Por lá, não ligam

O «caso Veloso», que em Saltillo se sabe continuar a fazer correr tinta em Lisboa, é praticamente ignorado na sede mexicana dos «infantes». As sucintas informações que chegam de Portugal causam, no entanto, alguma preplexidade em companheiros de quipa do jogador, à última hora afastado da selecção.

É evidente a estranheza de alguns jogadores do Benfica perante a evolução conhecida do caso, que dirigentes federativos e corpo clínico da Federação se recusam a comentar, em Saltillo. O dr. Camacho Vieira nada quis hoje adiantar sobre o caso e revelou a existência de um compromisso entre dirigentes federativos e corpo clínico para que o assunto apenas possa ser objecto de posições em Lisboa, após a campanha do México. Uma fonte federativa (manifestando surpresa pela polémica ainda existente em Lisboa) limitou-se a afirmar que **Veloso, quando foi informado da situação, pronunciou-se diante de 11 testemunhas, que não sei como se poderá agora desmentir.**

Para um seu companheiro de clube, é positivo que a Federação não se pronuncie sobre o caso em Saltillo, acrescentando que **já não percebemos be m o que se passa: mas o veloso é que está em causa e por isso deverá mexer-se.**

Nem tudo é tristeza

A mulher de Veloso que, no domingo, como o «DL» informou, deu à luz um menino com 4,100 quilos, afirma não se importar que o seu filho seja futebolista. Teresa Maria Dias Pinto Veloso garante que não se importava que o seu filho (o primeiro) viesse a ser futebolista, mas deseja-lhe **mais sorte do que a tem tido o pai.**

Miguel Luís Pinto Veloso nasceu no domingo, pelas 16 e 30, por cesariana, na Maternidade Daniel de Matos dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Sobre a exclusão de Veloso da selecção nacional, Teresa Pinto Veloso refere que **já estamos habituados a lutar para conseguir tudo.** Sublinhou que vai dar **todo o apoio ao marido** e realçou que é necessário **detectar a mafia e a podridão que andam no futebol.**

A mulher do jogador do Benfica faz questão em salientar a atitude dos seus alunos, na Escola Secundária da Ramada (Odivelas), que lhe mandaram um telegrama de felicitações pelo nascimento do seu filho: **a juventude não está ainda tão podre** — comenta.

"Corrida contra o tempo": solidariedade

O atleta sudanês Omar Khalifa, medalha de ouro nos campeonatos do Mundo de Helsínquia nos 1.500 metros, realizará uma digressão por 12 cidades europeias em que efectuará uma corrida para a recolha de fundos de ajuda à África.

A denominada «Corrida Contra o Tempo» tem sido preparada pela organização «Band Aid» do britânico Bob Geldof, conjuntamente com a UNICEF, com o objectivo não só de recolher fundos de ajuda à África, como também para dar a conhecer a realidade do continente africano, sobretudo dos países que por circunstâncias diversas se encontram numa situação desesperada.

Omar Khalifa começará a sua digressão sexta-feira, a partir de um dos acampamentos de refugiados da Etiópia, no qual recolherá uma acha do fogo que ilumina o centro de refugiados como mensagem de solidariedade continuará a sua digressão por Atenas, Madrid, Roma, Paris, Bruxelas, Varsóvia, Budapeste, Helsínquia, Munique, Amesterdão, Dublin e Londres, terminando dia 25 frente à sede das Nações Unidas em Nova Iorque, onde será recebido por líderes políticos e altos cargos governamentais.

Jana Navratilova: irmã de Martina quer representar a RFA

Jana Navratilova (irmã da «estrela» do ténis mundial Martina Navratilova) confirmou a sua pretensão de representar a selecção da RFA, depois de ter fugido do seu país, Checoslováquia.

Jana (23 anos) que pediu asilo político à Alemanha Federal, disse que **«se me deixarem ficar aqui gostava de jogar pela selecção da RFA. Nunca serei tão boa como Martina: existe apenas uma Martina e tenho muito orgulho nela, mas a Alemanha Federal é um bom país para praticar ténis e gostava de fazer da RFA a minha casa»**, acrescentou a tenista checa.

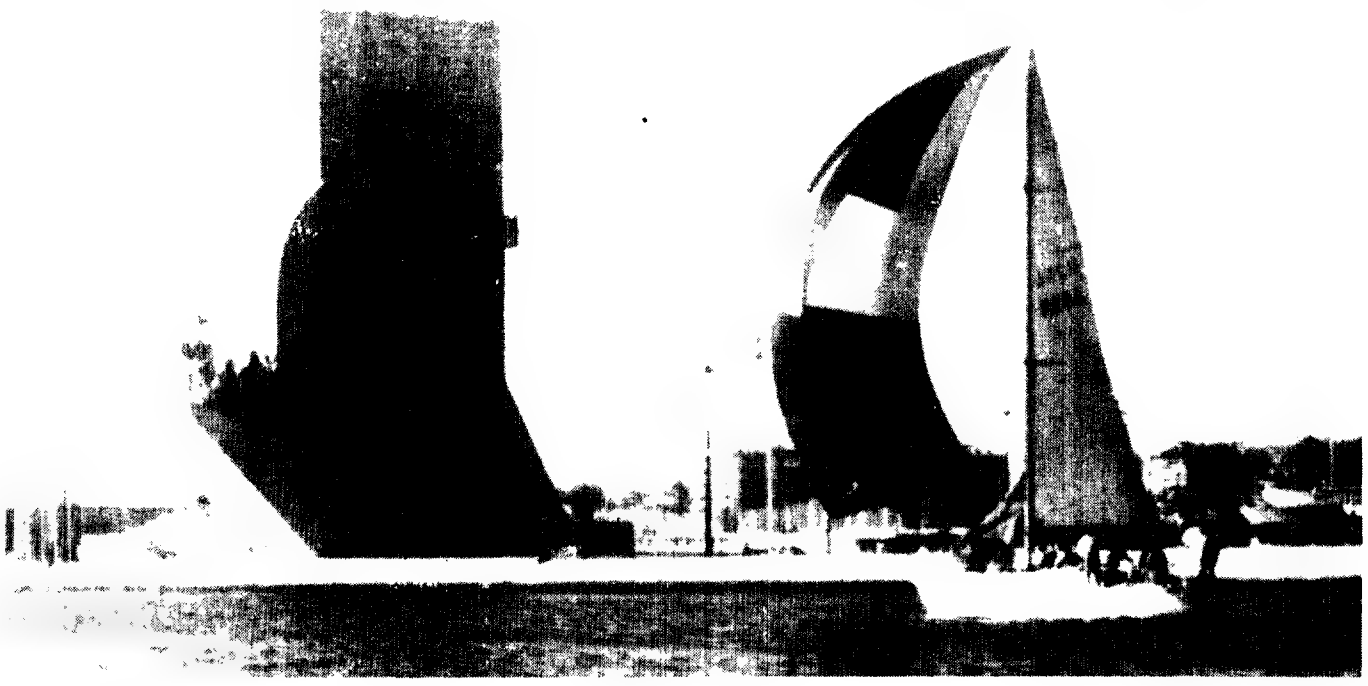
Jana, que não sabe falar alemão, afirmou que vai esperar um ano para ver como está a sua forma e **«caso o meu ténis não seja suficientemente bom para competir, então dedicar-me-ei aos estudos»**.

Jana Navratilova e o seu namorado checo, que a acompanhou na fuga, vivem já no último andar de um apartamento em Bona e a tenista confirmou ter escolhido o local onde passará a jogar ténis: o Clube de Ténis **Preto e Branco»**. A irmã da melhor tenista mundial da actualidade, que (em 1975) também fugiu do seu país, disse ter saudades da família, mas espera dar-se bem na RFA.

Martelo mata juiz

Um juiz de atletismo morreu na sequência de um acidente provocado por um atleta que lançou o martelo e atingiu o juiz na cabeça vitimando-o.

O juiz Krzysztof Szczesny tinha 27 anos e acabou por morrer num hospital militar. O acidente ocorreu durante o aquecimento para as provas. Szczesny estava a pedir às velocistas para abandonarem a pista reservada ao lançamento do martelo quando o engenho o atingiu mortalmente.



Associação Naval de Lisboa

"Troféu do Infante": festa dos 130 anos

A Associação Naval de Lisboa, que comemora os seus 130 anos, vai organizar, em colaboração com o «Diário de Notícias» e a Cinevoz, o «I Trofeu do Infante D. Henrique».

Prato forte das comemorações do aniversário, o Trofeu inclui três regatas, a disputar nos dias 26, 27 e 31 de Julho, contando a ANL, como foi reve lado em conferência de Imprensa, que a médio prazo (entre 6 a 8 anos) este Trofeu do Infante venha a ser integrado no calendário internacional de regatas oceânicas. As três regatas serão disputadas, em conformidade com as regras internacinais, por iates das classes IOR, IOR Cruzeiro, APVC e Chanel Handicap.

O programa do Trofeu

A primeira regata, que terá lugar às 10.30 (sábado) de 26 de Julho, terá um percurso de cerca de 30 a 40 milhas, estabelecido no rio Tejo entre a praia da Torre (Carcavelos) e Cabo Ruivo, com largada e chegada em Belém. É o que a organização considera a saudação da ANL à Cidade, pois o espectáculo de uma frota de 70 a 80 embarcações à Vela, no rio Tejo, rconstituirá um espectáculo de indiscutível beleza.

A segunda Regata, que terá lugar às 11.30 de domingo 27 de Julho, terá um percurso triangular de 40 milhas estabelecido na Baía de Cascais, considerada um dos melhores campos de regata do mundo. A chegada será também em Cascais frente ao Clube Naval.

A 31 de Julho, com largada em Belém às 10.00 da manhã terão lugar duas Regatas Oceânicas, uma destinada aos pequenos veleiros de Cruzeiro que rondando as Bóias de Espera e do Espichel entrarão em Cascais, outra destinada e os barcos maiores que rondarão uma bóia a cerca de 10/15 milhas Oeste da Ericeira, a bóia do porto de Sines e entrarão em Cascais.

Estão previstas diversas reuniões sociais, tendo lugar a primeira no dia 25 de Julho com um Pôr-do-Sol, na sede do Clube, para recepção dos concorrentes.

A segunda consiste numa excursão à serra da Arrábida com visita às Caves de José Maria da Fonseca, com uma prova de vinhos e que se realizará a 29 de Julho.

No dia 2 de Agosto, terá lugar o encerramento, com a distribuição de prémios.

A Associação Naval de Lisboa recebe inscrições para o Trofeu do Infante até ao fim do conrrente mês, esperando-se uma apreciável participação, incluindo bastantes embarcações estrangeiras. De acordo com as informações prestadas aos jornalistas pelos dirigentes da ANL comandante Jacinto de Sousa, eng.º Vasco de Melo e J. Pinto Basto, esta prova tem sido devidamente divulgada lá fora, designadamente em Dusseldorf, Paris, Londres e Barcelona e também em algumas revistas estrangeiras da especialidade.

Quanto a apoios e patrocínios, absolutamente indispensáveis a uma organização desta envergadura, a Associação Naval de Lisboa conta, no primeiro caso, com a colaboração da Armada Portuguesa (esta uma colaboração absolutamente prioritária), da Câmara Municipal de Lisboa e da Administração Geral do Porto de Lisboa. No que toca a patrocínios, o «Trofeu do Infante» conta com a Johnnie Walker, a Digital, a Portline e a Marconi. Na conferência de Imprensa estiveram presentes, para além dos citados directores da ANL, o dr. Boto e Carmo pela Cinevoz, o jornalista Fernando Pires pelo «Diário de Notícias» e ainda um outro membro da direcção da ANL, Pedro Macedo Pinto Mendonça.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE PANO ALINHADO E ENTRETELA COLANTE — PROCESSO N.º 5-F/86

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «PANO ALINHADO E ENTRETELA COLANTE».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 17 de Junho de 1986, procedendo-se a abertura às 10H00 do dia imediato, 18 de Junho de 1986.
3. O caderno de encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 50$00 escudos cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 50 000$00 escudos.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «MATERIAL PARA OPERAÇÕES STOP» — PROCESSO N.º 135/86

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «MATERIAL PARA OPERAÇÕES STOP».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 16 de Junho de 1986, procedendo-se a sua abertura às 10H00 do dia imediato, 17 de Junho de 1986.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 50$00 escudos cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 125 000$00.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda publicação do anúncio citando o réu, Álvaro Luís de Sousa dos Anjos, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida na Rua Major Rosa Bastos, n.º 31 — Montemor - - Caneças - - Loures, na qualidade de sócio da re, Buiver — Indústria de Confecções e Marroquinaria, Lda., para no prazo de vinte dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a autora, Geadas & Geadas, Lda., pede que lhe sejam entregues várias máquinas que havia vendido à ré acima indicada

Acção Ordinária n.º 3370/85 — 3.ª Secção.

Autora Geadas & Geadas, Lda., com sede na Rua Nossa Senhora da Nazaré, n.º 8-2.º Esq. — Flamenga — Loures.

Réu Buiver - - Indústria de Confecções e Marroquinaria, Lda., com sede na Calçada dos Barbadinhos, n.º 54-B - Lisboa.

O duplicado da petição inicial encontra-se nesta secretaria à disposição do réu.

Lisboa, 8 de Maio de 1986

O Juiz de Direito
Alípio Duarte Calheiros
O Escrivão Adjunto
José Firmino Coimbra

D.L. 15/5/86 — 1.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credorês desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do 2.º e último anúncio respectivo.

Execução de Sentença n. 4376-A 2.ª Secção.

Exequentes — Portugal Previdente — Companhia de Seguros, SARL.

Executado — José António Ferreira Rodrigues, residente na Rua Pinto Barreiro, n.º 2/4, Carregado, 2580 Alenquer

Lisboa, 30 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Lino Augusto Pinto
O Escrivão-Adjunto
Fátima Valadas Campaniço

D.L. 15/5/86 — 2.º Pub.

Despiste em Paul Ricard

Elio de Angelis: prognóstico reservado

O piloto italiano de Fórmula 1 Elio de Angelis, que ontem foi vítima de grave acidente no circuito de Paul Ricard, «mantém-se em estado crítico, mas não será operado imediatamente», indicaram fontes do hospital onde se encontra internado. «Os resultados dos exames médicos e os medicamentos administrados ao ferido não permitem aos médicos pronunciar-se imediatamente», informaram membros da direcção do Hospital Timone, em Marselha, onde está De Angelis.

O piloto sofre, segundo um diagnóstico médico que se efectuou logo após o sinistro de «grandes feridas na cabeça e de deslocção da coluna vertebral».

O acidente do corredor italiano produziu-se pouco antes do meio-dia, quando iniciava uma série de treinos privados no circuito de Paul Ricard, onde se encontravam igualmente pilotos de outras escuderias. De Angelis perdeu o controlo do seu Brabham-BMW, efectuando vários piões e capotagens a cerca de 270 quilómetros por hora.

O carro efectuou ainda um voo de quase 200 metros, bateu nas barreiras de protecção e percorreu ainda 80 metros antes de se imobilizar.

«Acabou-se, mas devemos tentar tudo»

Imobilizado debaixo do veículo, De Angelis não pôde fugir do incêndio que se declarou acto contínuo, apesar da ajuda prestada de pronto por outros pilotos como Alain Prost, Jacques Laffite, Jones, Mansell e Rosberg. Os pilotos despejaram os seus próprios extintores sobre o carro de Angelis e procuraram em vão retirá-lo da crítica situação em que se encontrava, ainda mais agravada pela explosão do depósito de carburante.

Após a chegada das equipas de socorro e dos médicos foi então possível colocar o carro na posição normal deparando-se a quantos se encontravam presentes o corpo de Angelis meio carbonizado.

Uma vez fora do Brabhm um médico tomou o pulso do piloto e, conforme relatou um jornalista presente, afirmou de seguida: **«acabou-se, mas devemos tentar tudo por tudo».**

Durante um quarto de hora procedeu-se então a massagens cardíacas e ao fornecimento de oxigénio por meios artificiais, após o que o coração de Angelis voltou a bater e o piloto sinistrado foi transportado de helicóptero para um hospital de Marselha.

O palmarés do piloto

O piloto agora acidentado nasceu em Roma em Março de 1958, e fez a sua aparição na Fórmula 3 em 1977, ao volante de um Chevron, conquistando naquele mesmo ano o título de campeão de Itália da categoria. Ainda em 1977 iniciou-se na Fórmula 2, com um Ralt Ferrari, mantendo-se nesta categoria até 1978.

Em 1979 De Angelis surgiu na Fórmula 1, no Grande Prémio da Argentina, pilotando um Shadow, e neste mesmo ano disputou o Grande Prémio dos Estados Unidos, no circuito de Watkins Glen.

De 1980 a 1985 fez parte da escuderia Lotus, obtendo entre outros os seguintes resultados:

1980: Segundo lugar no GP Brasil, quarto no GP Itália e no GP dos Estados Unidos; **1981:** Oitavo no mundial de pilotos, com um quarto lugar, quatro quintos lugares e três sextos; **1982:** Nono no mundial, com uma vitória (a primeira em Fórmula 1) no GP Áustria e várias classificações entre o 4.º e o 6.º lugares; **1983:** 5.º em Monza; **1984:** 3.º no mundial, com um segundo lugar no GP dos Estados Unidos, três terceiros lugares, dois quartos, três quintos e uma sexta posição; **1985:** Vitória em S. Marino, 3.º no Brasil e em Monte Carlo, 4.º no GP Portugal é 5.º em outras seis provas; **1986**: Ao serviço da Brabham-BMW, classificou-se em 8.º lugar no GP do Brasil e desistiu por avarias nos GP de Espanha, S. Marino e Mónaco.

Situação agrava-se

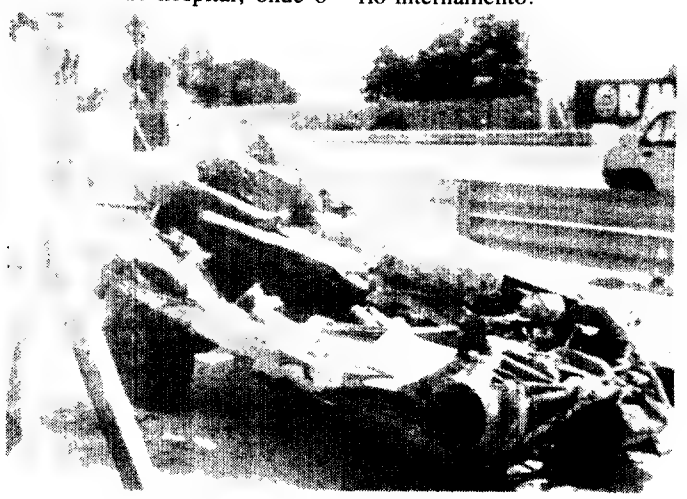
As últimas notícias chegadas à nossa Redacção davam conta de que o estado de saúde do piloto piorara consideravelmente durante a noite e que «o prognóstico deve ser considerado extremamente reservado».

Andretti: acidente a 333 quilómetros/hora

O piloto Mário Andretti ficou ferido com alguma gravidade na sequência de um acidente nos treinos para às 500 Milhas de Indianapolis.

O «Lola» de Mario Andretti, que rolava a uma velocidade de 333 quilómetros por hora, despistou-se e embateu num muro, tendo o piloto ficado ferido no pé esquerdo.

Mario Andretti, 4ã anosl foi conduzido ao hospital, onde o pé ferido futurado com cinmco pontos, não tendo sido necessário internamento.



Ficou assim o bólido que De Angelis conduzia, no Circuito Le Castellet (França)

Bibliografia desportiva

Manual de defesa pessoal

As técnicas de defesa pessoal, sem recurso a armas brancas ou de fogo, deram origem a mais uma edição das Publicações Europa-América: «Manual de defesa pessoal», da autoria de J. A. Fonseca Gaspar. Com desenhos e fotos que complementam exemplarmente o texto do professor Fonseca Gaspar, qualquer cidadão comum pode (minimamente) ficar apto a proteger-se de súbito ataque: para que não foi tido, nem havido. Situações que é forçoso ultrapassar (sem alarido mas mantendo em respeito o contendor) são magnificamente tratadas neste livro, útil para quem desfila pelas ruas da cidade eivadas de perigos e ratoeiras. Palmas para o professor Fonseca Gaspar: todos nós agradecemos esta ajuda

Revista portugesa de Medicina Desportiva

Referente a Março e Abril, aí está o n.º 21 da «Revista Portuguesa de Medicina Desportiva», da responsabilidade directa dos dr. Manuel Martins, A. Rodrigues Gomes e Renato Graça, que comandam um escol de colaboradores, apoiados por um excelente Conselho Científico. Na sua mais recente edição, a «Revista Portuguesa de Medicina Desportiva» insere artigos da autoria de Gouveia Pereira, António Castanheira, Fernando Ferreira, Jorge Mineiro. João Mendonça e João Duarte Mourão de Almeida.

Ciclismo: "Giro" de Itália

Acácio Silva no 24.º lugar

O português Acácio Silva está em 24.º lugar no «giro», após a 3.ª etapa disputada entre Catania e Taormina.

O ciclista português está a dois minutos e 50 segundos do novo líder do «giro», o italiano Giuseppe Saronni, que conquistou a camisola rosa ao holandês Jean Paul Van Poppel.

Saronni subiu ao primeiro lugar da geral beneficiando da vitória .

Classificação na etapa: 1.º Giuseppe Saronni, Ita 1 H 04 51; 2.º Francesco Moser, Ita a 9 3.º Greg Lemond, EUA a 01 04; **Geral:** 1.º Giuseppe Saronni, Ita 1h 36m 56s; 2.º Francisco Moser, Ita a 10; 3.º Dietrich Thurau, RFA a 12; 4.º Claudio Corti, Ita a 14; 5.º G. B. Baronchelli, Ita a 16 24.º Acácio Silva, Por a 02 50.

Colectividades

Casa Pia Atlético Clube: assembleia geral, amanhã

Comunica-nos o Casa Pia Atlético Clube que se realiza amanhã (dia 16) a reunião da assembleia geral (extraordinária) que vem na sequência da sessão de 21 de Março último, para «apreciar e discutir a formação do novo elenco directivo face à situação demissionária do actual executivo ». A assembleia terá lugar na sede do clube pelas 21 horas.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 20 DE 18 DE MAIO DE 1986

O Diário: X12 12X 1X1 X112; Diário de Lisboa: X1X X11 1X1 1X12; Clube ea Manhã: 112 1X1 X2X 1121; Notícias de Felgueiras: 11X 12X X22 X1XX; O Jornal de Felgueiras: 11X 12X 2X1 X11X; A voz do Domingo: 11X 121 X11 111X; RDP/Rádio Guarda: 1XX 211 1X2 1111; Horizonte: 111 111 1X1 1111; Beira Serra: 112 1X1 X11 X1XX; Jornal do Fundão: 112 111 111 111X; Notícias de Guimarães: 11X 111 X2X 11X2; Jornal da Beira: 211 1X1 11X 111X; Bola ao Centro: X11 1XX 1X2 XXX1; Sintonia Desportiva: 111 XX1 1X2 X1X1; Grande Sábado: 2XX 1X1 11X X21X; Folha do Domingo: 111 111 111 1111; Defesa de Espinho: 111 1X1 121 1121; Voz de Lamego: 111 1X1 112 11XX; O Jornal de Amarante: 112 111 111 1111; O Algarve: 212 111 X21 2X11; Penalti: 212 111 1XX 1121; Notícias do Douro: X1X X1X 112 X112; O Mensageiro: 112 1X1 1X1 2121, Rádio Sports: 211 111 11X X111; Voz do Ave· 11X 111 111 11X2; Reconquista: 111 111 1XX 1112; Litoral; 112 1X1 121 111X; Rádio Altitude: 11X 121 11X 1112; Ecos do Cacia: 112 1X1 1X1 111X; Correio do Vouga: 111 1X1 1X1 1112; Jornal «A Defesa»: X11 11X 1X2 111X; Diário de Viseu: 211 1XX X1X 211X; Notícias de Viseu: X1X 11X X12 2112; No Estúdio e no Estádio: 21X 11X 21X 1X12; Gazeta de Felgueiras: 11X 1X1 1X1 2112; A Comarca de Arganil: 111 1X1 11X X121; Jornal Notícias de Gouveia: 212 1X1 1X1 11X1; Boomerangue: X11 1X1 X1X 1X22; Programa da Manhã: 11X 11X X11 XXX1; Canal Mais: 11X X1X 2XX X1XX; Kribling: 21X 111 12X 111X; Diário de Coimbra: 11X 111 1XX 2121; O Jornal da Lixa: 11X 211 11X 111X; Fotogramas: X11 111 X2X 11x-palavra Puxa Palvra: 1XX 111 XX2 X111; Fora de Jogo: 1XX 11X 2XX 11XX; Rádio Totobola: 11X 1X1 1XX 11XX; Totobola em Linhas de Elvas: X12 121 XX2 1112; Maria da Fonte; 11X 111 111 1112; Correio de Coimbra: 111 111 1X1 111X; Gazeta das Caldas: 11X 111 111 111X; Jornal de Santo Tirso: 112 1X1 121 X111; Manhã Manhã: 112 111 1XX 11XX; RDP/Secção Desportiva: 112 11X 11X 112X; RDP/Tempo de Desporto: X1X 11X X1X 1121; A Arte de Bem Madrugar; 21X 111 X21 XX12; Comércio de Leixões: 112 1X1 112 11X2; De Tudt um Pouco: 112 112 122X; Jornal de Gaia: 212 111 X11 21X2; Jornal da Graça: 212 111 1X1 1XX2; Jornal de Notícias: 11X 111 111 XX12; Primeiro de Janeiro: X11 111 1X2 1121; Quadrante Norte: 11X 112. 11X 1112; Repórter do Dia: 21X 111 11X X1XX; Resenha Desportiva: 111 1X1 111 X11X; Rádio Porto: 221 X11 1XX 12X1; Alvo Desportivo: X11 111 XX1 X1XX; Rádio Alvo: 112 1X1 XXX 111X; Alvo: 11X 111 111 1112; Alvo Suplmento: 11X 1X1 1X1 1121; A Voz dos Ridículos: 11X X12 11X 112X; Rádio Placard: 1X2 11X X21 X112.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Mirense-Lusitânia	46	12	14	8	2	2
2. E. Vermelha-Hajduk	66	5	1	10	1	1
3. Vojvodina-Partizan	20	31	21	3	6	3
4. Dínamo Zagreb-Pristina	64	6	2	10	1	1
5. Rijeka-Sarajevo	42	24	6	7	4	1
6. Belgrado-Vardar	54	15	3	9	2	1
7. Ascoli-Empoli	49	19	4	8	3	1
8. Cagliari-Bolonha	31	29	12	5	5	2
9. Cesena-Brescia	32	27	13	5	5	2
10. Génoa-Catânia	45	20	7	8	3	1
11. Palemo-Arezzo	61	9	2	10	1	1
12. Perúgia-L.Vicenza	39	20	13	7	3	2
13. Pescara-Lázio	22	28	22	4	4	4

(*) – Nos termos do Art. 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa

A «chave» lógica será:
11X 111 111 111X

Hoje: "Oporto Cup" tem Cunha e Silva versus Nuno Marques

João Cunha e Silva venceu o espanhol Angel Arbello (6-3 e 6-1) em encontro da 1.ª eliminatória do torneio internacional de ténis «Oporto Cup». Resultados dos encontros de singulares homens, da eliminatória disputada ontem: José Maria Santiago (Por.) - Jean Fisette (Bél.), 6-2 e 6-1; João Cunha e Silva (Por.) -Angel Arbello (Esp.), 6-3 e 6-1; Nuno Marques (Por.) - Alberto Miguel (Por.), 6-1 e 6-1; José Guilherme (Por.) - Rafael Reichow (Bra.), 6-4 e 6-2; Ernesto Vasquez (Esp.) - Marcos Barbosa (Bra.), 6-2 e 6-1; Marco Seruca (Port.) - Jarek Srnensky (Suí.), 6-0 e 6-3; João Soares (Brasil) - Van Veggel (Hol.), 6-2 e 6-2 e Pedro Cordeiro (Port.) - Manuel de Sousa (Por.), 6-4 e 6-2.

Os quartos-de-final realizam-se quinta-feira e incluem os seguintes encontros: João Soares - José Maria Santiago; João Cunha e Silva -Nuno Marques; Ernesto Vasquez — Marco Seruca e José Guilherme - Pedro Cordeiro.

Na competição feminina, as portuguesas Anabela Casas Novas e Maria José Silva obtiveram a qualificação para o quadro principal. Nos encontros de apuramento, Anabela Casas Novas venceu Graça Cardoso (6-4 e 7-6) e Maria José Silva derrotou Susana da Silva (7-6 e 6-3). Os quartos-de-final, que terão hoje lugar, incluem os seguintes encontros: Sandra Marques - Maria José Silva; Fátima Santiago - Rita Lima; Anabela Casas Novas - Mané Lencastre e Isabel Costa - Susana Marques. Sandra Marques será substituída por Graça Cardoso no caso de não recuperar a tempo da lesão que a afecta.

Como se nota, o ténis português esteve em plano de evidência, com a eliminação logo na 1.ª ronda, de seis dos oito jogadores estrangeiros presentes no quadro principal deste «Oporto Cup», que se disputa nos «courts» do Clube de Ténis do Porto.

O júnior português Marco Seruca foi um dos jogadores em destaque, ao vencer um dos melhores jogadores suíços (Jarek Srnesky, cabeça-de-série número dois) pelos parciais de 6-0 e 6-3.

João Cunha e Silva (cabeça de série número quatro) evidenciou também o seu bom momento de forma ao derrotar Angel Arbello, número 28 de Espanha. Cunha e Silva jogou confiante, depois das boas actuações realizadas recentemente na Taça Davis (frente ao Zimbawe) e é juntamente com o brasileiro João Soares, o joador mais credenciado neste torneio, um dos candidatos ao prémio maior de 300 contos.

No principal jogo de hoje, o brasileiro João Soares (cabeça-de-série número um) não teve dificuldades em eliminar o holandês Benno Van Veggelo (radicado em Portugal) por 6-2 e 6-2. Pedro Cordeiro (actual campeão nacional) confirmou o seu favoritismo frente a Manuel de Sousa.

Os alcatruzes da nora

Decisão federativa: Elvas sobe Recreio de Águeda marca passo

● *Torralta, Santarém e Paredes à espreita*

Após longas horas em reunião, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol decidiu, por unanimidade, que «O Elvas» ascende automaticamente à 1.ª divisão do «nacional» de futebol, por troca com o Recreio de Águeda, devido a utilização irregular de um jogador suspenso. O Conselho de Disciplina decidiu, também por unanimidade, castigar com falta de Comparência o Recreio de Águeda no jogo do «nacional» da 2.ª divisão em que defrontou o Académico de Viseu, por utilizar o futebolista Gerúsio, que se encontrava suspenso.

Na eventualidade do Conselho de Justiça confirmar a decisão agora tomada pelo Conselho de Disciplina (é o caso do Águeda recorrer), a consequência imediata será a subida automática do Elvas à 1.ª divisão e a passagem do Águeda ao Torneio de Competência, invertendo-se as actuais posições.

O Águeda está a participar no torneio de apuramento do campeão da 2.ª divisão (com o Farense e Rio Ave) enquanto o Elvas disputou já um encontro na «competência», no seu terreno, com o União da Madeira.

Elvas eufórica

A cidade de Elvas «viveu» em directo a decisão do Conselho de Disciplina, transmitida pela Rádio Elvas, e o presidente do clube alentejano esperou três horas na sede da Federação pelo veredicto.

— O desporto e o futebol saíram prestigiados desta decisão do Conselho de Disciplina. Infelizmente para uns, mas felizmente para aqueles que dirigem os destinos do desporto e o encaram com honestidade e seriedade, esta decisão vem (realmente) provar que os homens que dirigem, os destinos da justiça do nosso futebol são pessoas idóneas, sérias e totalmente isentas, afirmou José Eduardo Gonçalves aos jornalistas.

Como presidente do Elvas e, acima de tudo, como desportista, quero fazer uma homenagem pública ao árbitro Manuel Campos Pinho e seus auxiliares, pela atitude correcta que tem mantido neste processo, apesar de todas as ameaças de que tem sido alvo, prestigiando desta forma a arbitragem deste País, concluiu o dirigente do clube elvense.

O regresso do clube ao escalão maior implica a necessidade de acelerar as obras no Mundial de Elvas, cujas bancadas vão passar a ter uma capacidade para cerca de 25 mil espectadores, sendo agora acrescidos mais 10 mil lugares.

Há obras já programadas e orçadas em cerca de 10 mil contos, que vão melhorar vários sectores: desde as bancadas à iluminação e melhoria nos balneários, diz José Gonçalves. **Com esta decisão, e pela subida automática à divisão de luxo, as obras terão prioridade absoluta, de forma a que tudo esteja pronto no início da temporada,** acrescenta o presidente do Elvas, clube que tem 2500 associados, mas que recebe muitos espectadores das vizinhas cidades espanholas.

Elvas, oh Elvas

A população de Elvas saiu esta noite para a rua para festejar a decisão do Conselho de Disciplina da Federação de Futebol, que permitiu ao «O Elvas» regressar à 1.ª divisão após 37 anos de ausência. «O Elvas», que disputou a divisão principal do futebol português nas épocas de 1947/48 e 48/49, resultou da fusão (em 1947) do Sporting Elvense e Sport Lisboa e Elvas, clube primodivisionário desde 1944/45.

Um director de «O Elvas» (Dario Leonardo) declarou que **o clube e a população de Elvas vivem um ambiente de euforia. A festa é indescritível e a cidade está em polvorosa,** acrescenta Leonardo. **A própria vila vizinha de Campo Maior se assobiou à festa. Vêem-se bandeiras do Sporting Clube Maiorense e de «O Elvas e toda a população veio para a rua festejar a ascensão à 1.ª divisão,** conclui o dirigente do clube alentejano.

Águeda pode recorrer

O protesto contra o Águeda foi apresentado pelo Feirense, alegando a utilização irregular (pelo Águeda) do jogador Gerúsio no jogo frente ao Académico de Viseu, depois desse futebolista ter sido dias antes expulso no encontro disputado em Anadia e posteriormente suspenso pela Federação.

Os oito elementos do Conselho de Disciplina da Federação estiveram ontem reunidos, entre as 11 e as 19 horas, com um ligeiro intervalo para almoço, tendo analisado, entre outros processos, os dois que visaram o Recreio de Águeda. O primeiro processo, por falta de pagamento de custas, foi arquivado (decisão tomada por unanimidade), por ter dado entrada na Federação de Futebol no dia posterior ao jogo a verba devida pelo Águeda. No segundo processo (o mais importante, que se referia à utilização irregular de um jogador) o Conselho **decidiu considerar que o jogador Gerúsio alinhou irregularmente no dia 6 de Abril,** e decidiu, por unanimidade, punir o Águeda com derrota de 0-3 nesse encontro e punir o clube com a multa de 12 000 escudos. O futebolista Gerúsio foi (entretanto) castigado com um mês de suspensão.

O Águeda pode recorrer desta decisão para o Conselho de Justiça, orgão máximo da Federação de Futebol, tendo três dias para o fazer depois de ser notificado. Por sua vez, o Conselho terá que reunir nos cinco dias seguintes ao pedido de recurso, pelo que dentro de 13/14 dias deverá estar concluído este processo.

Espera para outros

A decisão do Conselho de Disciplina da FPF em excluir das respectivas associações o Académico de Viseu, Montijo, Cova da Piedade e Amora poderá proporcionar a permanencia do Torralta, União de Santarém e Paredes na 2.ª Divisão nacional.

A manter-se a decisão do Conselho de Disciplina, que só poderá ser alterada por parecer contrário do Conselho de Justiça (para onde os clubes atingidos irão certamente recorrer) as três primeiras colectividades cederão as suas posições no escalão secundário às equipas com maior número de pontos entre as que desceram de divisão. Assim, Torralta (26 pontos), União de Santarém e Paredes (ambos com 24 pontos), podem ainda aspirar a continuarem na 2.ª Divisão na próxima temporada, embora tal hipótese só possa tornar-se viápel depois da competente apreciação do Conselho de Justiça.

Futebol

Belenenses acorre ao mercado belga

O belga Andre Raes (31 anos), actual «capitão» do Círculo de Bruges, poderá ingressar no Belenenses na próxima temporada, já que, segundo uma informação obtida junto de uma fonte ligada ao futebol belga, o jogador estaria em contacto com um clube português.

Esta informação foi também confirmada pelo jornal de Bruxelas «Le Soir», que refere a possível transferência de Andre Raes para o clube português treinado pelo belga Henri Depireux.

Segundo informações recolhidas em Bruxelas o Belenenses procura reforços no mercado belga e mostrou-se já interessado nos serviços do alemão do K. V. Mechelen e Joachim Benfeld.

Benfield, ex-Bayern de Muniquer, é um excelente centrocampista capaz, na óptica de Depireux, de reforçar um dos pontos fracos da turma do Restelo, o lado esquerdo do ataque. No entanto, vários clubes estão interessados na contratação do jogador e o seu actual clube não parece disposto a ceder os seus serviços.

Vítor Baptista: julgamento no dia 21

O antigo internacional de futebol Vítor Baptista será julgado no Tribunal Judicial de Setúbal no próximo dia 21. Aquele ex-jogador do Vitória de Setúbal, Benfica e Boavista vai ser julgado por implicação em dois roubos em residências, acusação devido à qual se encontra detido desde Dezembro

Caso a sentença que venha a ser proferida não prive o ex-jogador de liberdade, Vítor Baptista seguirá para uma clínica de Lisboa, onde receberá tratamento físico e psíquico a expensas do Sindicato dos Profissionais de Futebol.

Chaves termina digressão

O Desportivo de Chaves empatou ontem a uma bola com o First Portuguese Canadian Club, em jogo disputado no Lamport Stadium, em Toronto, concluindo uma digressão pela América do Norte. Os golos foram marcados, aos 19 minutos, por Júnior Paul, do First, tendo o Chaves empatado aos 82 minutos, por Kiki.

Brasileiro para o Boavista

Como consequência da «espionagem» feita por João Alves na sua recente ida ao Brasil, o Boavista acaba de firmar contrato com o futebolista Nelson, que, actualmente, representa o Botafogo de Ribeirão Preto e actua a ponta-de-lança. O «passe» deste jovem avançado teria custado cerca de 40 mil dólares.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 26 de Maio de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal – Rua Braamcamp n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados penhorados a ELÉCTRICA JOMACRIL, LD.ª com sede na Rua do Vale de Santo António, 148-A/B Lisboa, no proc.º executivo n.º 3420/82 e apensos, por dívida à Fazenda Nacional.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao trespasse e arrendamento dos estabelecimentos sitos na R. Vale de Santo António, n.º 148-a/B, Lisboa, sendo o estabelecimento A, composto de uma divisão ampla, casa de banho e arquivo, a que se atribui o valor presumível de 3 000 000$00 e o estabelecimento B, composto de uma divisão ampla e casa de banho a que se atribui o valor presumível de 1 000 000$00, pelas quais são pagas as rendas mensais de 6 903$00 para a loja A e 4 141$00 par a loja B, sendo senhorio de ambos os estabelecimentos o sr. João A. Rodrigues Dias, residente em Ramalhal – Torres Vedras.

Verba n.º 2 — Duas máquinas de escrever eléctricas marca Olivetti mod. Editor 3-c-n.º E8-116037 e Rigis n.º 37-301808, ambas em bom estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 30 000$00 para a 1.ª e 70 000$00 para a 2.ª.

Verba n.º 3 — Uma máquina fotocopiadora, marca Infotec 8012 e um duplicador marca Rex-Rotary-450, a que se atribui o valor presumível de 50 000$00 para a primeira e 20 000$00 para a segunda

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 12 de Maio de 1986

O JUIZ DE DIREITO
João Cordeiro Dias
O Escrivão
José Henriques

«DL» — 15/5/86 — 1.ª Pub.

COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 3.ª secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado VISEU INDUSTRIAL, LD.ª, com sede na Zona Industrial de Abravezes – Viseu, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Dimoceram — Sociedade de Telhas Cerâmicas, Ld.ª com sede em Travasso — Pombal, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Pombal, 7 de Maio de 1986
O JUIZ DE DIREITO
José Maria Santos Ferreira Dinis

Pel'O Escrivão
Isabel Maria Santos Teixeira Ramos

«DL» – 15/5/86 – 1.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 64 797 para. «PROCESSO PARA ANTÍDOTOS DE HERBICIDAS DE OXAZOLIDINAS e TIAZOLIDINAS HALOACIL E TIO-HALOACIL ARIL-SUBSTITUÍDO»

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª
PATENTES E MARCAS
RUA CASTILHO, 201 – 3.º Esq.
1000 LISBOA

Sábado: jazz no S.Carlos

The Dirty Dozen Brass Band dá espectáculo único em Lisboa

Um dos mais conhecidos grupos de jazz norte-americanos — «The Dirty Dozen Brass Band» — actuará em Lisboa, no Teatro Nacional de São Carlos, no próximo dia 17 às 22 horas.

Este grupo, formado pelo baterista Benny Jone, em 1978, tem obtido resultados surpreendentes desde a sua formação. Os restantes componentes do grupo são: Charles Joseph - trombonista; Kirk Joseph - Tuba (ambos filhos do trombonista de Nova Orleães Waldren «Frog» Joseph); Roger Lewis - saxofonista (trabalhou no grupo de Fats Domino); Jenel «Chi-lite» Marshall - baterista; Kevin Harris - tenor; e Efrem Towns -trompete alto; o chefe da Banda é o historiador de Jazz Dennis Baker.

A mais antiga e constante tradição do jazz — a música que se toca nas ruas de Nova Orleães para acompanhar funerais, comícios e paradas, piqueniques e no Preservation Hall desde o princípio do século — está a ser revitalizada e actualizada por este grupo de oito músicos. O seu repertório inclui temas de Charlie Parker, Duke Ellington, Thelonious Monk, Miles Davis e até de Michael Jackson e de Stevie Wonder que são tocados com uma intensidade de ritmo não tradicional, baseado no ribombar dos tambores africanos. Inclui também «blues», música experimental e composições do próprio grupo. Ao observarmos as mais conhecidas bandas de hoje — a «Olympia», a «Dirty Dozen», a «Tuxedo» — não estamos a ver uma réplica do século XIX, mas uma tradição viva sempre em mudança, sempre em mutação com as formas antigas.

Não há dúvidas que a banda mais experimental de Nova Orleães é a «Dirty Dozen». Este grupo representa uma surpreendente integração ou reintegração dos maiores avanços do jazz e «rythm and blues» desde 1900. Quando se ouve a «Dirty Dozen Band» recordamos Louis, Coltrane, Monk, Bird, Baby Dodds, Bechet, Pharoah Sanders, Miles, Longhair e Joe Turner.

A banda dará apenas um espectáculo em Lisboa, organizado pelo Serviço de Imprensa e Cultura da Embaixada dos Estados Unidos da América, com a colaboração do American Cultural Council e da General Motors de Portugal.

SITU/BUC em Coimbra

Abertura ao som dos Trovante

Inauguração oficial da V Semana Internacional de Teatro Universitário, agora também Bienal Universitária de Coimbra no dia 4 de Maio. Foram precisamente essas duas vertentes — o ser universitária e o ser de Coimbra — que João Teodósio, director do Festival, sublinhou nas breves palavras com que inaugurou esta edição da SITU, na companhia do Reitor da Universidade, governador civil, representantes da autarquia, etc. João Teodósio referiu as dificuldades (serão inevitáveis, é caso para perguntar) que a organização do Festival acarreta, este ano ainda agravadas de tal maneira que só duas horas antes da inauguração tinham conseguido o empréstimo bancário que permitia o arranque da amostra. Aliás, disse, os juros que a organização será obrigada a pagar ultrapassarão certamente o montante de alguns subsídios, o que diz bem do absurdo desta situação. João Teodósio salientou a compreensão e cordialidade manifestada pela Reitoria em relação ao Festival. O prof. Jorge Larcão, Reitor, defenderia precisamente a necessidade de haver uma inserção cada vez maior da Universidade na cidade de que faz parte.

Antes dos discursos e do beberete, procedeu-se à abertura da exposição de Máscaras Portuguesas, num átrio do Teatro Gil Vicente, interessante amostra de máscaras e fotografias, sobretudo da região transmontana organizada pelo Museu de Etnologia. O dr. Benjamim Pereira do Museu foi o guia competente e esclarecido que explicou os fenómenos humanos, sociais e religiosos que estão por detrás de cada objecto. Esta iniciativa da SITU vem confirmar a necessidade do estudo das formas teatrais e parateatrais que ainda subsistem em Portugal, estudo indispensável para o conhecimento do nosso teatro, e também do nosso povo.

Logo a seguir, os alunos do IFICT, dirigido por Adolfo Gutkin, e outros elementos com gigantones criados por Jaime Azinheira levaram à rua o sinal de festa que esta realização também quer ser.

À noite, o Gil Vicente cheio, com muita gente à porta, à espreita da borla ou da desistência. Os Trovante apresentaram o seu novo espectáculo, com base no disco «Sepes», que acabam de lançar, espectáculo que repetiriam no Coliseu. Embora com excesso de decibéis e de kilowatts, para nosso gosto, foi um bom espectáculo, sobretudo na segunda parte com os jovens que enchiam a sala a cantar e dançar. Foi pena que na primeira parte a luz de alguns projectores colocados de maneira a formar uma cortina de luz, agredissem tão violentamente os olhos do «pessoal» do balcão. Apesar disso um espectáculo entusiasmante, bem organizado, de um grupo que atingiu uma qualidade de intervenção musical e poética nalguns casos (como no caso do poema de Mário Sá Carneiro. «Fim»), de grande nível, sem paralelo entre nós.

Finalmente, o teatro

O teatro começou com a reposição de um espectáculo do TEUC, dirigido por Adolfo Gutkin sobre um texto de Alberto Adelach, de que o grupo bem como o TEP tinha já apresentado outros textos «Marcha» é uma proposta original constituída por um violento exercício físico, vocal, e dramático, em que dois actores e uma actriz exprimem a caminhada da família humana através de meios muito simples: a marcha e a fala. Do lado do público alguém vai disparando um revólver a intervalos mais ou menos regulares. O actor atingido cai para logo se levantar, para, ele ou outro cair de novo, para de novo se levantar e continuar marcha. Ao levantar-se, o intérprete é já outra personagem para o que utiliza elementos dependurados em cabides que ladeiam o espaço. Esses adereços sinalizam sociologicamente cada figura. Herói ou cobarde, resistente ou desistente (e o espectáculo não se esquece do espaço latino-americano em que se situa), calando-se ou falando, lutando ou entregando-se cada um e os três vão sendo sucessivamente eliminados para sucessivamente reaparecerem. No final, os cabides, despidos de fatos e adereços, surgem como cruzes de um cemitério, sinal da morte que nos espera. Por mim, preferiria que esse sinal da morte surgisse menos marcado para que cada morte fosse mais do que o desaparecimento físico do indivíduo, representando também a morte que todos os dias nos atinge, nos nossos sonhos, nos nossos sentimentos, nas nossas esperanças. Como preferiria que entre a marcha e a morte houvesse um outro jogo dialéctico que clarificasse o sentido da caminhada do homem. Com um ritmo extremamente bem marcado por Adolfo Gutkin, os três jovens intérpretes (Maria João Seabra, Tiago Taaron e José Francisco Neves) realizaram um exercício de coordenação de movimentos, respiração e voz, impressionante de precisão e clareza. Trabalho notável.

O longo corredor da revolução

Se um festival (de mais a mais universitário) serve para alguma coisa é para isto que serve também: permitir-nos o contacto com propostas teatrais novas ou pelo menos desconhecidas, possibilitando-nos o alargar do nosso conhecimento em relação às potencialidades da linguagem dramática. O grupo francês «33», de Bordeus que em 84 apresentou uma excelente interpretação masculina de «As Criadas» de Genet, trouxe este ano a Coimbra um espectáculo caraterizadamente experimental. Imagine-se. Um longo corredor da Faculdade de Psicologia com duas filas de cadeiras. Em frente destas, sete portas fechadas. Não propriamente as portas de Tebas, como veremos. Propõe-nos o espectáculo dois jogos: o dos actores, e o dos espectadores tentando ver o que se passa no interior dos aposentos para os quais as portas abrem. O espectáculo começa por nos entremostrar fragmentos, «flashes» do quotidiano de um aglomerado humano, como o de um bloco residencial periférico: os actos e os gestos sem significado, a música banal, os olhares vazios que se cruzam, os vultos que se arrastam junto às paredes: essa enorme solidão que atravessa um corredor onde há gente que se cruza todos os dias e que no entanto se ignora. Depois, o espectáculo vai mudando de significado e assumindo uma outra função: a do levantamento do processo revolucionário do século XVIII (o seu subtítulo é «Saga dos Girondinos»), através de discurso político da Revolução tratados em termos repetitivos e surgindo de várias fontes de som. Há também uma elaboração mais rica das máscaras e do tratamento do espaço. As luzes apagam-se, surgem os cigarros que brilham no escuro: as portas são utilizadas como elementos de separação das pessoas. Há jogos de «voyeurisme», de violência: os ruídos das portas que são batidas com força; efeitos de luz muito bem imaginados a partir desse movimento das portas. Figuras cruzam-se, entram e saem dos aposentos, constroem movimentos de repulsa e atracção. Por fim, sobre os cadáveres que povoam o corredor, uma figura trabalhada como uma personagem tratada em termos de caricatura de melodrama romântico sobre a Revolução, faz o teatro de absurdo de revolucionário que se entredevoram.

Espectáculo que tem como ponto de partida um espantoso achado (o corredor, o jogo das portas, a relação com o público) atinge uma qualidade de ritmo de construção dramática que podemos considerar admiráveis. Naturalmente polémico, nem sempre a um mesmo nível criativo, nem por isso este «A Revolta das Palavras» deixa de ser uma proposta estimulante e agitadora.

Pena que alguns espectadores não o entendessem assim mantendo ao longo da sessão um comportamento agressivo como se se estivesse a voltar ao velho e já desaparecido conceito de que o irrequietismo dos jovens e nem tanto como isso, tem alguma coisa a ver com manifestações incivilizadas.

Carlos Porto

P.S. — Por, aliás incompreensível, desvio da nossa correspondência de Coimbra, as crónicas da SITU têm sido publicadas por uma ordem errada. Lamentamos o facto e por ele pedimos desculpa aos leitores e aos responsáveis pelo Festival de Coimbra.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18
3.º MÊS
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCINIO DA F. GULBENKIAN
3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F.GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB. SEC.

CRÓNICA DE TOUROS

Soliloquio

Música para um valente (ou a estrela do "sheriff")

Praça de Touros de Sevilha. Sábado, 19 de Abril de 1986. Touros de Montalvo para Curro Romero, Ortega Cano e Vítor Mendes.

Na Maestranza de Sevilha, a música costuma tocar quando os toureiros se inspiram e adornam. Principalmente, se são andaluzes. Não foi assim, nesta corrida da feira de Abril. Nem grandes adornos podia haver, nem andaluz era o toureiro. Mas teve que tocar a banda do maestro Tejero, rendida a tamanha valentia.

A tarde arrastava-se, sem brilho e para muitos já sem esperança. Aqueles Montalvos, vindos dos campos de Salamanca, depois de mansearem na peleja das varas, não eram afinal cómodos como os apregoavam. Até feios de tipo, desiguais, com ares de meia casta. Pior ainda saíra o terceiro, áspero, incerto, difícil. Não o difícil bastante para o toureiro que na arena o esperava; um toureiro vestido de ouro e negro, chamado Vítor Mendes.

Estirara-se o português em verónicas, rematadas no centro. Cingidas tinham sido as chicuelinas, e primorosa a revolera, o percal girando sem uma ruga e, coisa rara em lance assim florido, levando o Montalvo toureado, as hastes presas ao arabesco luminoso. Pusera três pares, dos autênticos, e tivera de demorar-se a recolher a ovação, grande, da praça inteira. E ali estava agora, empunhando os trastos de matar, sozinho ante o perigo.

«Zapatero» tirava os olhos do engano, punha-os no toureiro, media-lhe a figura; mal arrancava e logo se detinha, as hastes quase roçando o ouro da «taleguilla». E Vítor Mendes impávido, tragando barbaridades. Com uma valentia que chegava à temeridade, que só o sítio e o poder não deixavam parecer suicida. Os passes que «Zapatero» não tinha, arrancava-os o português, um a um, entre olés de angústia, a praça inteira presa dessa emoção que parece suster o apressado dos corações. E foi então que a música da Maestranza se pôs a tocar, essa a sua forma de comover-se, de render-se a quem do toureio fazia um jogo assim, da vida e da morte.

A estocada saiu atravessada, e teve Mendes de repetir a suprema sorte, três vezes empregou a espada de cruzeta para de vez abater «Zapatero». Assim perdeu a orelha; mas trocada pelo consolo de uma ovação dessas que chegam à alma de um toureiro, sabem não só a triunfo de hoje, também a confiança para amanhã. Ovação repetida quando o lusitano rematou com uma metisara o touro que fechou praça, morreu ao amparo das tábuas onde se aplomara, sem mais um passe. Mas mais passes não eram precisos, Sevilha já sabia que em Vítor Mendes há um toureiro com ofício, com sítio, e com um coração do tamanho de uma catedral.

◆ ◆ ◆ ◆

Curro Romero toureava (toureava é um modo de dizer) a sua quinta corrida da feira, última oportunidade nem que fosse para um quite, um pretexto qualquer para lhe lançarem ao menos um ramo solitário de alecrim. O primeiro era um touro bronco, colava-se antes de fugir para as bandas dos chiqueiros. Mas o corrido em quarto lugar talvez investisse melhor, se o seu matador estivesse de facto interessado em que ele investisse, o que não foi o caso. O Faraó não arriscou um alamar, guardou a habilidade para se colocar na trincheira em posição tal que, ao saírem as mulas para arrastar o último da tarde, pudesse escapulir-se rápido pela porta do cavalo, que para esse efeito era a porta da enfermaria. E assim salvou a fúria da bronca mais que certa, tanta gente aos gritos incomoda um qualquer. William Faulkner escreveu algures que «o fracasso faz bem à gente. Se somos bem sucedidos muito tempo, alguma coisa seca, morre, acabamos por sucumbir ao nosso próprio peso». Concordando embora com a teoria do escritor americano, não há dúvida que Curro Romero exagera na sua prática.

Ortega Cano passou, sem pena nem glória, ao lado da sua oportunidade deste Abril sevilhano. A praça, cheia a deitar por fora (mais uma vez se pusera o cartaz de «No Hay Billetes»), silenciou o de Cartagena depois de arrastados os dois Montalvos que lhe tocaram: touros sem casta, desluzidos, mas no conjunto o melhor lote quanto a condições de lide. O matador de Cartagena despachou-os com decoro, mas também com uma frieza pesada, decepcionante, que não há-de ter deixado os sevilhanos a fazerem questão de voltar a vê-lo. Nenhuma vibração com o capote, onde tivemos a eficácia de Rafael Corbelle, esta temporada seu primeiro peão. Absteve-se em bandarilhas. E nas duas faenas manteve-se distante do sítio que era preciso pisar, ausente de sentimento, como parecia adivinhar-se logo no ar meio comprometido com que pegava nos trastos e caminhava para o touro, o ar preocupado de um «sheriff» atravessando a cidade deserta, passando à porta do «saloon», pensando «não estou a gostar nada deste silêncio». São preocupantes e pesados, os silêncios da Maestranza, e aquela porta do «saloon», por onde em vez de pistoleiros saem touros, não perguntam quem é o «sheriff».

◆ ◆ ◆ ◆

Esta tarde, na praça de Sevilha, ninguém precisou de perguntar quem era o «sheriff». Todos viam que era Vítor Mendes quem no peito levava a estrela, brilhando entre os alamares que «Zapatero» olhava e olhava, como um pistoleiro sabido, espreitando o instante de atirar pela certa. E os alamares não se moviam. E quanto mais «Zapatero» os olhava, mais a estrela brilhava.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Teatro da Comuna

CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS

A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira -Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos

no
TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

uma cidade limpa
é uma cidade viva

"Janela aberta sobre Portugal"

«O Lugar do Morto» de António Pedro Vasconcelos e «O Sapato de Cetim» de Manoel de Oliveira são dois dos 29 filmes que serão projectados em Junho em Bruxelas, no quadro de uma exposição intitulada «Janela Aberta Sobre Portugal».

A exposição, que decorre de 5 a 15 de Junho no centro cultural «Botanique», é uma iniciativa de vários organismos belgas, portugueses e comunitários, por ocasião da entrada de Portugal na CEE.

Além do cinema, a literatura, a música e uma mostra de produtos tipicamente portugueses integram esta manifestação cultural, que segundo os organizadores tem como objectivo «dar a conhecer melhor os diferentes aspectos da cultura portuguesa».

Paralelamente à projecção de 17 longas-metragens e 12 curtas-metragens, os organizadores promovem uma exposição de cartazes, fotografias e maquetes sobre a história do cinema português, e um colóquio subordinado ao tema «O Cinema Português na Nova Comunidade dos doze: que Via, que Futuro, que Apoio».

No capítulo da literatura, «Janela Aberta Sobre Portugal» inclui uma exposição sobre Fernando Pessoa, uma mostra de várias obras da literatura portuguesa e debates públicos com escritores portugueses.

No plano da música, terão lugar vários concertos de música portuguesa e uma mostra sobre a guitarra portuguesa.

Catarina Castro Freire expõe em Londres

A pintora portuguesa Catarina de Castro Freire inaugurou em Londres mais uma exposição de quadros seus no Centro de Turismo de Portugal na capital britânica.

Do êxito obtido com a realizada no ano passado nas mesmas salas.

Colecção de paisagens de autoria da pintora concentra-se principalmente na região de Sintra, Colares, Penedo e Malveira da Serra com alguns quadros com temas de Lisboa e ainda nove desenhos incluindo retratos e figuras sentadas.

Catarina de Castro Freire frequentou entre 1972 e 1981 a Escola de Arte e Desenho de Sheffield e a Escola de Arte de Sir John Cass, em Londres.

ROTEIRO CULTURAL

Um guache de Silva Palmeira, a partir de amanhã patente na Galeria Fonte Nova

Exposições

• **Silva Palmeira** inaugura amanhã uma exposição de guaches na Galeria de Arte Fonte Nova (Centro Comercial Fnonte Nova, Estrada de Benfica, 503) que ficará patente ao público atáo fim do mês. Sobre a sua obra escreve Hugo Beja, no catálogo: «o imaginário que aqui encontramos é o de o encantamento, é o do homem-poeta que, depois de múltiplos périplos pela vida dos símbolos, pela representação estética das ideias e dos sonhos e pela procura duma identidade mais universal, se reverte à nudez perante si, mesmo, como se de repetentes recuperasse a riqueza dos primeiros amores e das primordiais descobertas, desejando entregar-nos essa terra, uma parte muito íntima da sua afectividade». Silva Palmeira nasceu em 1934 em Santarém, e tem realizado várias exposições colectivas e individuais, no País e no estrangeiro.

• No âmbito das comemorações do 12.º aniversário do 25 de Abril está patented ao público a exposição itinerante — **caricatura e cartoon de António —,** no salão da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada at19 de Maio. Antóniuo, actualmente cartoonista no semanário «Expresso», apresenta nesta exposição cartoons e caricaturas alusivas à vida política de Portugal post-Abril de 1974. No seu curriculum, contam-se colaborações em jornais e publicações como «A Capital», «Diário de Notícias», «Vida Mundial», «O Jornal», «Pão Com Manteiga», «O B isnau» e «RTP». Os seus trabalhos incidem fundamentalmente na crítica aos factos e figuras poilíticas nacionais. Esta exposição poderá ser vista na sede da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada no seguinte horário: das 9.00 às 12.00 e das 14.00 às 19.00 horas. No dia 17, sábado, das 14.00 às 19.00 horas.

● O grupo «Bago de Milho» vai actuar amanhã, pelas 18,30, na Interlivro (Rua Pedro Nunes), no ñabito das Jornadas Transmontanas que incluem exposição de artesanato e uma mostra de artistas transmontanos como Júlio Vieira, Nadir Afonso, Graça Morais, Gil Teixeira Lopes, Hilário Teixeira Lopes e Jaime Silva. O momento musical de amanhã tem ainda a participação de Adelaide Carvalho e Felipe Santos.

Música

• No meio da noite, entre dois copos, canta-se os amores contrariados, as injustiças sentimentais, frustrações, solidão e saudades por esse Buenos Aires longínquo, ao compasso de «dos por cuatro» ou «cuatro por ocho». Quem canta é a **Manuela Santos,** acompanhada por **Michel,** na «Drogaria Ideal», na R. do Conde, às Janelas Verdes, todas as quintas-feiras, a partir das 23 horas. São cerca de 15 tangos, interpretados pela noite dentro.

• Os «10.º Encontro Gulbenkian de Música Contemporânea» terminam hoje com um concerto no Grande Auditório daquela Fundação, pelas 18.30 horas, pelo **Coro e Orquestra Gulbenkian.** Sob direcção do maestro Michel Tabachnik e com Rosemarie Landry (soprano), Petra Malakova (meio-soprano), Ewa Podles (contralto) e Jon Garrison (tenor) serão interpretadas obras dos compositores Stravinsky Mavra e M. Tabachnik.

• Amanhã, a partir das 22 horas, é a vez do grupo **Mão Morta** actuar no Rock Rendez-Vous (R. da Beneficiência, 175, em Lisboa). Trata-se da banda que ganhou o prémio de originalidade no 3.º Concurso de Música Moderna. A primeira parte do espectáculo é preenchida com a actuação dos **Bye Bye Lolita Girl.**

Teatro

• Também amanhã, a **Companhia de Teatro Amador da Caixa Econóimica Operária** estreia a sua nova produção, a peça «O meu corpo não tem as mesmas ideias que eu», de António Rodrigues, pelas 22 horas, na sede da Cooperativa (R. Voz do Operário, 64-2.º, em Lisboa). Os espectáculos realizar-se-ão durante as próximas semanas, às 5.ª, 6.ª e sábados, às 22 horas, no mesmo local.

CINEMAS

Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador do festival do Rio de Janeiro, Prémio OCCIC de Berlim e Grande Prémio de Salsomaggiore em Itália).
Em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70
RUMBLE FISH – JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila
— T. 539930

DARLY
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

NA PONTA DO SEXO
(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358

O GRANDE GOZO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ÁGUIA DE FERRO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineb loco
— T. 556824

LOUCAS AVENTURAS DE AMOR E SEXO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CONAN - O DESTRUIDOR
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Camoes
T. 324194

OS GUERREIROS DE CHINA – TOWN
(n. acons. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O NOSSO AMOR DE ONTEM
(n. acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
METEORO
(n/ acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
OS SALTEADORES DA SELVA PERDIDA
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
MISSÃO PENAL
(m. 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(n/acons. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

AMOR E SANGUE
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O CARRO DE COMBATE
(m. 126 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
ACADEMIA DE GÉNIOS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS
O HOMEM QUE VEIO DE LONGE — Papa João Paulo II
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

UM ADEUS PORTUGUÊS
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fontes Pinoas
— T. 541037

CELESTE
(maiores 12 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2
AMOR E SANGUE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134

ESSES TERRÍVEIS AMORES
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

LOUCURAS NA NEVE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

A SALADA DA CASA DAS GATAS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933

A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH
(m. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
A VINGADORA DE MING
(m. 18 anos)
24 h

Politeama
T. 326305

OPERAÇÃO THOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
15.17, 19, 21.30 h
ULTRA-SECRETO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
PELA NOITE DENTRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16,45, 19.00 e 21,30 h
CONAN, O DESTRUIDOR
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AGUIRRE, O AVENTUREIRO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4
RUMBE FISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 h
CAÇADORES NO ESPAÇO
(m. 16 anos)
23.30 h

N'Gola
— T. 573407

INFERNO
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375

COMANDO
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756

FEIOS, PORCOS E MAUS
(int. mne. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

ÁGUIA DE FERRO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

MERCENÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA
(n. acons. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
PELA NOITE DENTRO
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

O FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

O DIVERTIMENTO
(filme indiano)
(n. acons. m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «Desaparecido em combate», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «As minas de Salomão», às 15.30 e 21.15 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Darly», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Regresso ao futuro», às 15.00 e 21.30 h (m. 6 anos)
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — «Descanso»
ESTÚDIO DOIS EME — «Comandos em fúria», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O hotel na Hampshire», às 17.00 e 21.15 (m 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000 — «Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «As minas de Salomão», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Encontro», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «Espiões como nós», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «A jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Cocoon — A aventura dos corais perdidos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
OXFORD — «O ano do dragão», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Viagens aluciantes», às 15.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

ALMADA — Incrível — «O último guerreiro do espaço», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Rocky IV», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maioes 12 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «O guerreiro sagrado», as 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos).
Sala 2 – «Os eleitos», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Rocky IV», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – «Passagem para a Índia», às 21.15 h (maiores 12 anos)
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «10 para a meia-noite», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «A honra dos padrinhos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MOSCAVIDE – STOP – «Orgias de Verão», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «A noite do espanto», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CINE-OCEANO – «O beijo da mulher aranha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE: Brisália, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 682368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Agusta, 225 (T. 361534); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS -COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BRANDOA -AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUZ -FRANTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernando Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 888073); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Canta Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote a r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Permanente; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 4375566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E TODA A NOITE — GARANTIA, R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152; **GUERRA**, R. de Costa Cabral, 43; **INVICTA**, R. do Bonfim, 330;

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg, **«A ILHA DOS MORTOS»** e **«A SONATA DOE ESPECTROS»**.

1.º Acto Clube de Teatro — Os Marginalizados

Em digressão pelo concelho de Oeiras

Às sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caldas

«O ILUSTRE CONFERENCISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caldas

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio —Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingos, às 16.30

«AUTO DA BARCA DO INFERNO», de Gil Vicdnte. Pela Associação Cultural de Marionetas.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo —Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sala Manuela Porto

De terça a sábado, às 15.30; aos domingos, às 21.30

«A MULHER QUE MATOU OS PEIXES», de Clarice Lispector. Adaptação/encenação de José Caldas. Intérpretes: António Fonseca, Manuel Lourenço e Margarida Carpinteiro.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Cerlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

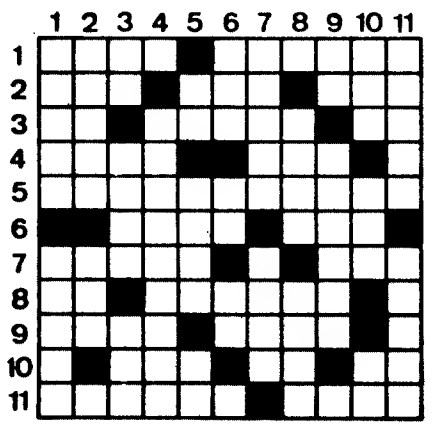
P. de Espanha —Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

«CALÍGULA». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 731



HORIZONTAIS:

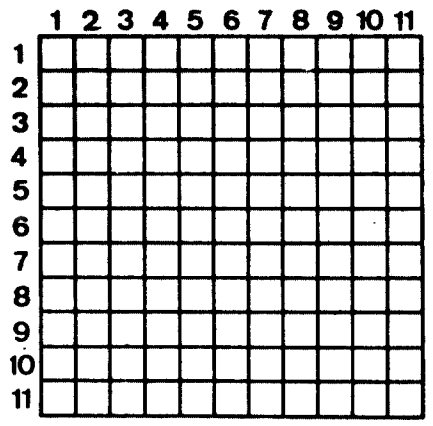
1 Fosso. Estimaram.
2 Rezo. Fecha as asas para descer mais depressa. Cantão da Suíça.
3 Radiano (unidade de ângulo). Atravessa. Átomo.
4 Maquinismo para tecer. Consemtimento. Artigo definido.
5 Separarias.
6 Erva-doce. Sua senhoria (inv).
7 Bolha de ar. Textualmente.
8 Prefixo de negação. Consideração.
9 Ramada. Dás aviso de alguma coisa em voz alta.
10 Nome de mulher. Prata (s.q). Mil e cinco em romano.
11 Carimbada. Doença que dificulta a repiração.

VERTICAIS:

1 Talha. Voltas.
2 Estar em fogo. Eia!
3 Verso. Vale espanhol nos Pirenéus. Doçura.
4 Lastimava.
5 Apelido. Ninhos. Preposição latina que de signa movimento.
6 Suspiros. Césio (s.q). Pronome pessoal.
7 Cidade de Itália. Reveste.
8 Artigo definido. Encoleriza. Feiticeira.
9 Ruténio (s.q). Ofícios divinos.
10 Arara. Agarrei. Milímetro.
11 Utopias. Embriaguez (Bras).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 570



HORIZONTAIS:

1 Confusão.
2 Justapor. Profanam.
3 Riso escarninho (pop). Versejo.
4 Fruto da ateira. História.
5 Contentes.
6 Larva das feridas dos animais. Crómio (s.q).
7 Pertences. Grande prego de madeira ou de metal para segurar ou juntar madeiras ou chapas.
8 Samário (s.q). Cigana (Bras). Viração.
9 Gorgulhos tropicais. O mais alto grau (fig).
10 Emprega. Acalmai.
11 Costumara. O mais.

VERTICAIS:

1 Cidade do Estado de Sergipe. Primeiro rei dos hebreus.
2 Tocaremos apito.
3 Coradas. Chefe etíope.
4 Anel. Cobalto (s.q).
5 Fechasse.
6 Freguesia do concelho do Vimioso. O mais. Érbio (s.q).
7 Vi. Enfeitara.
8 Cidade dos Países Baixos. Soluce.
9 De outro modo. Ilha do Estado da Baía.
10 Certo pano de seda, às vezes tecido de ouro (ant). Pessoa que explora os desgraçados.
11 Instruirei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 730**

HORIZONTAIS:

1 Tas. NÃO. MCC.
2 Atam. Iró. Há.
3 Remar. Arpas.
4 Dão. Errai.
5 Eva. DIA. SEM.
6 Sés. Itu.
7 Fia. Arc.
8 Afim. Oba. Oi!
9 Luto. Carepa.
10 Ulano. Damas.
11 Nomes. Asa.

VERTICAIS:

1 TARDE. Falun.
2 Ateava. Fulo.
3 Samoa. Fitas.
4 Má. Simone.
5 Rédea. Os.
6 Aí. Ris. Oc.
7 Orara. Abada.
8 Ora. Aras.
9 Pista. Ena.
10 Chá. Europa.
11 Casem. Cias.

PROVÉRBIO: Não há dia sem tarde.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 569**

HORIZONTAIS:

1 Clâmide. Bom.
2 Lívidos. Oba.
3 Amigos. Alim.
4 Dosasse.
5 Troem. Ovo.
6 Ogã. La. Ni.
7 Adir. La. Sá.
8 Broca. Abati.
9 AC. Cru. Ur.
10 Biscaras. La.
11 Aarão. Margo.

VERTICAIS:

1 Cladno. Baba.
2 Limo. Garcia.
3 Avistado. Sr.
4 Migar. Cl. Cá.
5 Idoso. Ra. Ao.
6 Dossel. Cr.
7 És. Emalaram.
8 Abusa.
9 Bolton.
10 Obi. Vístula.
11 Mamão. Airão.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.32**: Trechos de dramas líricos, de Wagner; **17.00**: Integrais; **17.35**: O pianista Emil Gilels; **18.00**: Três motetes, de Bach; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.05**: Concerto, em fá maior, de Telemann; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Música sinfónica; **22.30**: Solos instrumentais; **23.00**: Música de bailado; **23.58**: «Concerto Grosso», em ré maior, op. 6, n.º5, de Haendel; **00.15**: Música, de Arnold Schoenberg; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Quiosque; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «Mendas do Mundo» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País
19.15 — Desporto/debate
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.33 — Direito de Antena

Espaço reservado ao Partido Renovador Democrático

20.50 — Corpo a Corpo

(48.º episódio): Sónia leva Amauri para o hospital, ainda inconsciente. Alfredo e Teresa discutem porque Alfredo exige que Teresa não permita mais a entrada de Rafael na casa dele. Amauri já fora de perigo, volta para casa. Zoraide diz a Sónia que Amauri é pai de Alice. Heloísa começa a tentar lançar Olavo contra Margarida. Lúcia e Alfredo comentam felizes, que em breve estarão oferecendo um jantar para casar Cláudio e Alice. Bia consegue localizar o antigo director da fábrica que foi fechada e vai falar com ele. Amauri pega nos cem mil dólares que tem guardados e vai a casa de Cristina chamando por Lúcia bem alto.

21.40 — Europa

«Nada como dantes»: Entre outros assuntos, este programa falará da crise instalada na CEE, crise institucional e crise económica.

Números sobre o crescimento económico europeu nos primeiros 20 anos da CEE e no período 75-85. O problema do desemprego.

A Europa e a corrida quanto aos sectores do futuro. A difícil reconversão dos sectores tradicionais.

Num clima de crise económica, agravam-se as questões orçamentais na CEE. A Grã-Bretanha pretende ser compensada (explicação do caso, pois interessa a Portugal).

O «relatório Dooge». A cimeira de Milão e a evolução subsequente. As posições em confronto: os seis fundadores (mais a Irlanda). As razões de cada um.

Um trabalho de uma equipa de jornalistas da RTP.

22.05 — México/86
23.25 — As Aventuras de Sherlock Holmes

(Último episódio): Sherlock Holmes, e o professor Moriaty vão defrontar-se neste último episódio. Moriaty jurou assassinar Holmes e durante a viagem que o detective inglês e o seu ajudante Watson empreendem pela Europa. Muitas situações de perigo vão surgir...

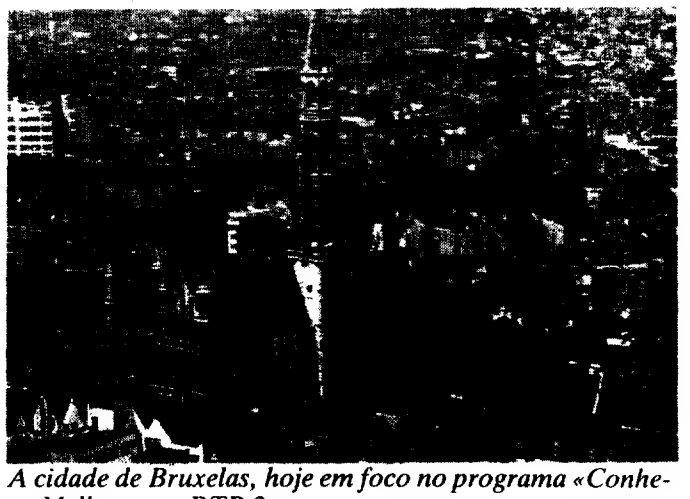
23.30 — 24 Horas
00.00 — Remate

RTP 2

16.30 — Europa TV
16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos

«Tic-Tac»; «Emília» e «O Raposão».

«As Aventuras de Sherlock Holmes»: esta noite o último episódio na RTP-1



A cidade de Bruxelas, hoje em foco no programa «Conheça Melhor», na RTP-2

17.00 — Count Down

«Contagem Rock»

17.40 — Tempo
17.45 — Série Juvenil

«Pierre Fabien»: Série de 6 episódios de origem belga que narra uma situação de relacionamento difícil entre um adolescente e os adultos «Crónica doce e divertida, voluntariamente não violenta»... na opinião do seu realizador e adaptador Robert Lombaerts.

A série é baseada na novela de Andrée — Paula Fournier «Le Merle et moi».

18.20 — O Mundo Amanhã
18.30 — Eurorepórter
19.00 — Musical

«Concerto de Kyung-Wa Chung»: violinista coreana interpreta trechos de Beethoven, Tchaikosvky e Brahams.

20.00 — Notícias
20.10 — Conheça Melhor

«Bruxelas»: Sob a direcção de um excepcional cicerone, José Géal, o Pai de Toone, a marionete mais célebre de Bruxelas, vamos conhecer uma cidade e o que fez a sua riqueza e força dinâmica. O cidadão mais antigo é Manneken-Pis que é diariamente vestido com um dos inúmeros fatos. Ommegang é o cortejo que recorda a entrada triunfal de Carlos V na sua bela cidade de Bruxelas.

Bruxelas, a sua história, os monumentos e tudo o que caracterizou no quotidiano através dos tempos é afinal o tema do «Conheça Melhor» de hoje.

20.45 — O Sonho de Marie Aubarede

(1.º episódio): 1.º episódio de uma série de 6 episódios baseado nas obras de Yves Courrière, «Les Aubarede» e «La Toque dans les Etoiles».

Chantezac, 1893. Nesta pequena aldeia francesa da região de Brive, uma jovem de treze anos. Marie Aubarede, vai trabalhar na cozinha dum castelo vizinho, onde Henriette, a cozinheira, lhe ensina a sua arte. No castelo, vivem Amélie e Auguste Laparde, notário e presidente da câmara local, amigo de Poincaré e com grandes ambições políticas.

A jovem Marie transforma-se numa rapariga determinada, ambiciosa e apaixonada pela culinária. Casa-se com Denis Coste, um comissionista local, e os dois abrem uma estalagem. «Le Péri Gourd», que rapidamente se torna conhecida pela qualidade da sua comida, atraindo uma clientela cada vez mais numerosa e mais rica.

Na véspera de Natal, nasce Léon, o primeiro filho de Marie e Denis. Marie interroga-se quanto ao seu futuro: será o seu filho o grande cozinheiro que ela sempre sonhou vir a ser?

Interpretação: Catherine Salviat, Jacques Richard e Patrice Valota. Adaptação, diálogos e realização de Roger Pigaut.

21.45 — Notícias
21.55 — Encontros com Tânia Achot
23.50 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Gente Singular
11.30 — Espaço 11/13
12.45 — Vereda Tropical

(27.º episódio): Oliva fecha a porta ao ver Silvana ser conduzida para o gabinete de Verónica. Celso põe Bárbara furiosa ao dizer-lhe que não lhe dará pensão alguma. Bina abre uma garrafa de vinho e convida os vizinhos a comemorarem a contratação de Luca.

Jamil pede conselho a Bina pois não quer que Theda o abandone. Luca revela a Bertazzo que vai afastar-se de Silvana. Luca vai a casa de Oliva e encontra-se com Verónica.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — O Romanceiro
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.15 — O Ano dos Franceses
22.20 — Mátria
23.20 — 24 Horas
23.45 — Remate

RTP 2

16.30 — Europa TV
16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
17.00 — Count Down — Contagem Rock
17.40 — Meteo
17.45 — A Europa e os Negócios
18.20 — O Mundo Amanhã
18.30 — O Jardim de Vénus
19.16 — Santuário de Animação
20.00 — Os Açorianos
20.30 — Adágio
21.00 — Viagem pelo Teatro
21.25 — Notícias
21.30 — Directo/2

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B • R. de Macau 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
AMSTRAD — ATARI
TIMEX — SINCLAIR — O.L.
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/86)
Tel. Zodíaco: 54 98 04 – Tel. Melo: 52 56 89 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP/1 — As Aventuras de Sherlock Holmes
RTP 2 — Musical: Concerto de Kyung-Wha Chung
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
07.02 **3,10 m**	00.16 **1,60 m**
19.15 **3,20 m**	12.29 **1,70 m**
Dia 6	
08.05 **3,00 m**	01.18 **1,70 m**
20.21 **3,20 m**	13.37 **1,80 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	10º
VIANA DO CASTELO	14º
VILA REAL	10º
PORTO	13º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	14º
CASTELO BRANCO	11º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	14º
ÉVORA	10º
BEJA	9º
FARO	13º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	15º

Escreveram FP-25 na testa do gerente

Identificados os assaltantes do "Café Império"

Elementos da 3.ª brigada da 6.ª Secção da Polícia Judiciária de Lisboa acabam de esclrecer o assalto perpetrado no dia 13 de Abril último de que foi alvo o café/pastelaria Império situado na Avenida Almirante Reis em Lisboa e em que o encarregado do estabelecimento seria agredido, amarrado a uma cadeira e marcado na testa com a sigla FP-25.

Os investigadores já identifcaram os autores da proeza, dois jovens de 15 e 18 anos. O primeiro será objecto de apreciação pelo Tribunal de Menores do eventual perigo moral em que se encontra enquanto o outro, Loureiro de apelido, encontra-se detido nos calabouços da PJ por decisão do Juiz de Investigação Criminal que confirmou a captura e recusou admissão de caução para se manter em liberdade até ao julgamento.

Os dois jovens entraram no estabelecimento pouco depois da mei-anoite por meio de arrombamento da porta e aguardaram cerca de quatro horas a chegada do encarregado.

Mal este entrou, colhido de surpresa foi agredido à paulada, a soco e pontapé pelos intrusos que encapuçados e enluvados empunhavam armas.

Sem possibilidade de reagir o encarregado da firma seria obrigado a sentar-se numa cadeira à qual foi amarrado de pés e mãos, depois do que os agressores revistaram gavetas e a caixa registadora, conseguindo apoderar-se de 347 contos em dinheiro e mais 20 de tabaco.

Antes de se retirarem um dos assaltantes escreveu na testa da vítima, utilizando um marcador de feltro a referida sigla.

A judiciária recuperou 170 contos do dinheiro subtraído, havendo o restante sido gasto pelos jovens em proveito próprio e com amigos.

O jornalista Manuel Dias ameaçado de despedimento do "Primeiro de Janeiro"

O jornalista Manuel Dias, do matutino portuense «O Primeiro de Janeiro», foi ontem suspenso pelo Conselho de Administração da empresa «com interdição de entrada nas instalações».

Nos termos da carta que entregou ao jornalista, o CA invoca o facto de «estrar em curso um processo disciplinar de despedimento» contra Manuel Dias, membro do quadro redactorial do «PJ» desde há vinte anos.

O CR, em carta que endereçou ao director do jornal, com cópia para o Sindicato dos Jornalistas e cópias afixadas na redacção, chama a atenção para a ilegalidade da suspensão — e isso porque o CA do «PJ» (...) «não aduz nem fundamenta qualquer matéria que se enquadra objectivamente nos comportamentos previstos na lei.»

Contactado pela Anop, o jornalista Manuel Dias escusou-se a fazer declarações, afirmando que «o momento não é oportuno» e que «a sua defesa será feita no tempo e no lugar próprios.»

DECARAS

BERNARDO SANTARENO morreu em 1980. Tinha escrito dezanove peças de teatro e dois volumes de poesia, além do livro de crónicas que foi o fruto da sua experiência de médico a bordo de um lugre bacalhoeiro. Está em curso a publicação integral da sua obra. No 2.º volume das suas «Obras Completas» publicam-se: «António Marinheiro»; «Os Anjos e o Sangue»; «O Duelo»; «O Pecado de João Agonia»; «Anunciação». Organização, prefácio e notas de Luiz Francisco Rebello. Edição «Caminho».

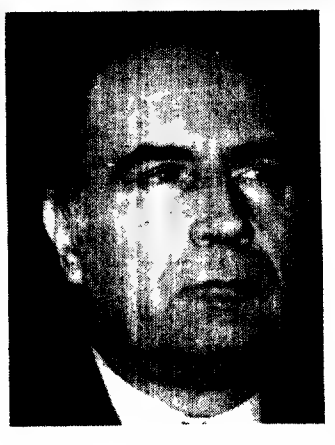
Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

RUI VILAR, de seu nome completo, EMÍLIO RUI VILAR, antigo ministro socialista e ultimamente na presidência do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa, vai exercer funções na Comissão das Comunidades Europeias, em Bruxelas. Teve a gentileza de agradecer ao «DL» a forma como se lhe tem referido. Continuaremos atentos à acção e carreira do dr. Rui Vilar.

MONIQUE RUTLER, realizadora cinematográfica, estreia-se no teatro, como actriz, no final deste mês, na peça «A Bela Portuguesa», da autoria de Agustina Bessa Luís. Contracenam com a realizadora de «Jogo de Mão», Fernando Heitor e Júlia Correia. A peça, a primeira peça de Agustina a ser apresentada em palco, tem encenação de Filipe La Féria e é a próxima produção da Casa da Comédia.

ANTERO DE QUENTAL foi objecto de uma «fotobiografia», trabalho paciente de Ana Maria Almeida Martins, «anteriana» estudiosa, informada e apaixonada. O volume «Antero de Quental — Fotobiografia», com excelente aspecto gráfico, foi apresentado ao público na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, no Porto, que organizou uma exposição de recentes obras de interesse anteriano. A edição é da

MARQUES JÚNIOR encontra-se já em período de convalescença, ao fim de uma semana de ter sido operado de urgência, no Hospital Militar de Lisboa, ao apêndice. O ex-conselheiro da Revolução e actual deputado do PRD encontrava-se a representar o presidente da Assembleia da República num almoço com uma delegação oficial norte-coreana, quando foi acometido da crise que o levou ao hospital. Segundo fontes médicas, Marques Júnior esteve em vias de fazer uma peritonite, valendo-lhe a rapidez da intervenção cirúrgica a que se sujeitou.



FRANÇOIS MITTERRAND: os socialistas franceses apelaram abertamente á sua candidatura para as presidenciais de 1988, ou mesmo para antes em caso de demissão. Aparentemente quase todos de acordo, os representantes das diferentes sensibilidades do Partido Socialista Francês, de Fabius a Jospin, fizeram declarações na mesma direcção: François Mitterrand é a personalidade socialista que se encontra em melhor posição para tornar a levar os socialistas franceses ao poder.

Reflexos da greve

Passageiros obrigaram comboio a inverter a marcha em Queluz

Cerca de 200 utentes, concentrados na estação de Queluz obrigaram, pelas 8 e 40 desta manhã, um comboio com destino ao Cacém a regressar ao terminal do Rossio. Um dos utentes disse que esta posição resultara da falta de comboios que se verifica em Queluz desde o final da greve dos ferroviários, principalmente dos que pela manhã ali iniciam a sua marcha com destino a LIsboa.

De acordo com o horário em vigor, deverá partir de Queluz, todos os dias úteis, pelas 8.25, um comboio para o Rossio. O mesmo utente referiu que, no entanto «desde que a greve acabou que nunca mais houve comboios em condições em Queluz, já que nos dias imediatos à greve apenas se formaram comboios, mas apenas com metade das carruagens. Mas há cerca de uma semana nem sequer esses são realizados».

Comentando o incidente, para o «DL» o porta-voz da CP justificou a falta de comboios na linha de Sintra no facto da recuperação do material não estar ainda organizado, em consequência da greve prolongada. «Deste modo, e segundo Américo Ramalho, esta manhã, entre as 8 e 30 e as 10 e 30, dos cinco comboios curtos programados para Queluz apenas puderam ser efectuados dois».

Tomé Pinto "graduou" 200 novos cabos da GNR

O general Tomé Pinto, comandante-geral da GNR, entregou ontem em Lisboa, os diplomas a 200 novos cabos daquela força paramilitar, após conclusão do curso que frequentaram tanto na capital como no Porto. A partir de agora a GNR passa a contar com um total de 493 elementos com aquele posto.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 253

A feira e seus problemas

A MANHÃ, pelas 18 horas, no Parque Eduardo VII, a Feira do Livro de Lisboa, edição 56.ª, dá o pontapé de saída. E isto do pontapé nunca teve tanta razão de ser como este ano: a Feira vai realizar-se em concorrência com (ou sob o signo de) o Campeonato do Mundo de Futebol, México 86, o que tem vindo a causar algumas preocupações aos organizadores e participantes em tal certame.

Portanto, amanhã, ao cair da tarde, com a presença da secretária de Estado da Cultura e, provavelmente também, do Presidente da Câmara da cidade, a Feira abre as suas portas, que apenas serão encerradas três semanas depois, no dia 8 de Junho.

Novidades em termo de organização, que ninguém as procure, pois não as há. Diremos mesmo mais: a Feira 86 só não é tirada a papel químico da de 85 porque este ano, e pela primeira vez na sua história, há menos pavilhões e menos editoras do que no ano precedente. Utilizando números: 110 pavilhões de 76 editoras, o que, bem comparado, significa menos 3 pavilhões e menos 4 editoras (Difusora Bíblica, Centro do Livro Brasileiro, Editorial Pórtico e Livraria Boa-Leitura) do que em 85. Quanto ao resto, tudo como dantes: livros expostos, público a passear, um terminal de computadores para informação sobre os livros que se encontram à venda e o que a imaginação de cada expositor determinar. Uma excepção, talvez para confirmar a regra: no pavilhão do Instituto Português do Livro estará patente uma grande exposição das novidades editoriais surgidas de Maio do ano passado a Maio deste ano. E, senhoras e senhores, *c'est tout. Les jeux sont faits, rien va plus*. A Feira vai começar. Da polémica que à sua volta se gerar — o que acontecerá certamente — mais tarde se saberá. Para já, apenas o ponto de vista de Fernando Guedes, presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), entidade que organiza a Feira, sobre alguns aspectos do certame que, à partida, se sabe não serem concensuais.

Comecemos pela data da Feira. Há quem adivinhe — e não é preciso ser bruxo — que as três semanas escolhidas não são as mais indicadas. Na primeira, de 16 a 23 deste mês, as pessoas em geral ainda não receberam e o dinheiro nos bolsos não é muito; de 24 a 31, helás!, todos pensam que o nível de vendas vai ser bom; a partir do princípio de Junho entra em acção o Mundial e prevê-se que os aparelhos de televisão serão muito mais atraentes que os pavilhões do Parque. Porquê, então, a Feira nesta altura?

«Olhe, meu caro senhor» — começou Fernando Guedes — «havia duas coisas que não podíamos fazer: nem alterar as datas do Mundial, nem meter dinheiro nos bolsos das pessoas...»

Já calculava. Mas quem sabe, talvez pudessem mudar a data da Feira...

«Pois. Mas fizémos um inquérito junto de todos os participantes e, por larga maioria, optou-se por esta data. Se vai dar certo ou errado só o futuro o dirá. Mas nós não tínhamos grandes alternativas — antecipar a Feira mais do que já fizemos, era um risco grande devido às incertezas do tempo; adiá-la para Julho íamos bater em pleno período de férias...»

Outra questão polémica prende-se com as revistas culturais. O ano passado não foi permitida a sua venda na Feira. Como é que vai se esteE ano?

«A Direcção da APEL convocou expressamente uma assembleia geral para tratar desse problema e por proposta sua, aprovada, as revistas serão este ano admitidas no espaço da Feira. Lembro, no entanto, que no ano passado o regulamento impedia a sua presença e só por isso é que elas lá não estiveram. Mas como em Portugal os regulamentos não se fizeram para serem cumpridos, este ano alteramos o nosso...»

E vai ser cumprido?

«As revistas culturais poderão ser expostas e vendidas desde que a sua circulação seja semelhante à dos livros.»

Que significa isso?

«Não serão permitidas as revistas que são vendidas nas bancas, mas apenas as que são vendidas nas livrarias e são editadas pelos sócios da APEL. Convém não esquecer que a Feira do Livro é uma realização da APEL para os seus associados.»

Mudando de assunto: há livreiros que se queixam, dizendo que são altamente prejudicados com a Feira do Livro, pois enquanto ela dura as suas livrarias estão mais às moscas do que é costume. Como eles são também sócios da APEL não seria possível encontrar uma fórmula que agradasse a livreiros e a editores?

«Agradar aos dois não é fácil. O livreiro puro não tem interesse nem condições para concorrer à Feira do Livro. Esta é, efectivamente, uma realização da APEL, mas fundamentalmente destinada a editores, distribuidores e alfarrabistas.»

Não ser fácil não significa que seja impossível...

«Sabe, não penso que a APEL deva ou tenha que agradar aos dois sectores. Penso, isso sim, é que tem que desenvolver actividades que interessem a um e a outro, separadamente, quando não é possível agradar ou interessar aos dois simultaneamente. Como é o caso da Feira. Repare que a APEL organiza, por exemplo, cursos para livreiros, que só a eles interessa. Faço-me entender?»

Julgo entendê-lo...

«Repare que o livreiro tem normalmente 30 por cento de desconto nas edições. Ora, o que é que acontece? Na Feira o público tem 20 por cento. Como é que o livreiro vai pôr lá o seu pessoal com uma margem dessas? Primeiro, não tem, na generalidade, pessoal para o fazer, pois deixaria as suas livrarias desguarnecidas; depois, não tem condições de desconto e de preços que lhe permitam participar na Feira.»

«A questão dos descontos é exactamente um dos pontos mais contestados pelos livreiros sócios da APEL. Falam mesmo de concorrrência desleal... E dizem que nas Feiras do Livro no estrangeiro não há nunca descontos...»

«As Feiras no estrangeiro não servem de paradigma para a nossa. O que lhe posso dizer é que as Feiras de Lisboa e Porto há muito têm esta característica, possuem, como toda a gente sabe, uma enorme atracção junto do público e muitos editores estrangeiros que nos têm visitado mostram-se extremamente surpreendidos com o nível que elas atingem e com a frequência de público que conseguem».

«A Feira — diz-se em ar de crítica — não se renova e continua sempre na mesma, apesar das sugestões que ao longo dos anos vêm sendo feitas...»

«Bom, pode ser que ela seja sempre a mesma coisa, mas a verdade é que aqueles que nela participam mais directamente não se mostram descontentes com os resultados que obtêm...»

«Vendem muito, é isso? Qual o volume de vendas?»

«Isso não se sabe ao certo. Nunca conseguimos, apesar das tentativas feitas, que todos os editores declarem as suas vendas. Calcula-se no entanto que no ano passado o volume de vendas ultrapassou os 150 mil contos».

«Já agora uma outra questão: por que razão não existe, na Feira do Livro de Lisboa, um local para debates de índole cultural, onde possam aparecer escritores a falar dos seus livros, onde se discuta a literatura ou a edição portuguesa, etc, etc?»

«Esse assunto tem sido muito discutido mas nunca se chegou a qualquer conclusão. Por enquanto a Feira não vai sofrer alterações nesse aspecto porque não há um acordo, um consenso»

«Mas há argumentos...»

«Pois há. Uns acham que deve ficar como está. Outros acham que não. Mas não há uma clara tendência para o lado da mudança.»

«Todo o Mundo é feito de mudança. A Feira não?»

«A Feira do Livro tem cumprido a sua função — levar até ao público a produção literfia portuguesa, pô-la no meio da rua, torná-la acessível. E a resposta do público não tem deixado dúvidas...»

«Está, portanto, satisfeito com a Feira que há. Mas acha ou não que a Feira deveria constituir também um espaço privilegiado para o debate cultural?»

«Estou convencido que a Feira do Livro não é um local para debates literfios. Não esqueçamos, por exemplo, que a Feira do Livro não vende só produção editorial portuguesa, mas também, e muita, estrangeira...»

«Por falar nisso: no ano de 85 quantos títulos foram editados e quantos eram de autores portugueses?»

«No país editaram-se 2.609 títulos, sendo 1.390 (53,27 por cento) de autores portugueses.»

«E donde vieram os 1 219 estrangeiros.?»

«Olhe, 383 foram traduzidos do inglês, 275 do francês e 63 do espanhol. Isto é, dos países de língua inglesa, francesa e espanhola. Os restantes vieram de muitos e variados lugares, e seria certamente fastidioso estar a enumerá-los».

«E quanto a temas?»

«O principal contingente é relativo ao ensino e à formação:489 títulos, correspondentes a 18,74 por cento. Depois aparece o romance (294 — 11,27&), livros para a juventude (232), banda desenhada (75), ficção científica e policiais (158), poesia (137), direito (117), religião (77), história e arqueologia (76), tecnologia e indústria (59), biografias e memórias (56), sociologia e estatística (55), Medicina (52), Filosofia (50), história literária (45), ciências ocultas e parapsicologia (44), informática (42), ciências políticas (31), ensaios (31), monografias (31), documentos históricos (30), tempos livres, jogos e desportos (29), matemfica (27), dicionários (26) e muitos outros temas mas já com títulos quantitativamente pouco significativos».

«Editou-se mais do que em 84?».

«Infelizmente não podemos fazer comparações porque só no ano passado é que nos informatizámos e não dispomos de dados dos anos anteriores. Este trabalho fizemo-lo, agora pela primeira vez».

«Em média quantos títulos edita uma editora portuguesa?»

«Isso varia muito. Há apenas quatro editoras com mais de 100 títulos, em 85, há outras 12 que editaram entre 50 a 100 e as restantes editaram abaixo disso. Dá-se até o caso de muitas editoras não terem editado qualquer título no ano passado»

«E qual a média das tiragens?»

«Não lhe posso adiantar números pela simples razão de que não dispomos de informações pormenorizadas a esse respeito. Há um certo secretismo à volta dessa questão... De qualquer modo sempre lhe digo que varia muito. Na Verbo, por exemplo, temos títulos que andam pelos 2.000 exemplares e nas obras pra venda por correspondência chegamos aos 60.000. E há, por exemplo, no caso dos livros infantis, obras que vão aos 20 mil. Mas tudo varia muito».

Ribeiro Cardoso

Círculo premeia Dacosta

Entre os oitenta originais inéditos apresentados anoninamente ao «Prémio Literário Círculo de Leitores-86», o júri escolheu, por unanimidade, o romance «O Viúvo», da autoria do jornalista Fernando Dacosta, que assim alcançou o direito a receber mil contos (deduzidos do IVA), mas acrescidos da compensação, que o dinheiro não paga, de ver, muito brevemente, esta sua obra editada.

O júri responsável pela análise dos oitenta originais concorrentes, teve a seguinte constituição: João Rui de Sousa e Mário Ventura Henriques (nomeados pela Associação Portuguesa de Escritores), Ana Mafalda Leite (designada pelo Departamento de Literatura da Faculdade de Letras de Lisboa), Ernesto de Melo e Castro (pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários) e Urbano Tavares Rodrigues (em representação do Círculo de Leitores).

A anteceder a breve sessão que assinalou a divulgação do nome do galardoado, António Mega Ferreira (o novo director editorial do Círculo de Leitores) lembrou que, «mais importante do que o quantitativo do prémio, é o investimento que tem por objectivo estimular o aparecimento de novos autores portugueses».

Ernesto Melo e Castro, em nome do júri, falou da obra de Dacosta: «Mítico, telúrico, fantástico, maravilhoso, genésico, ingénuo, cruel, são adjectivos que nos poderão ocorrer durante o fascínio desta leitura e, no entanto, a construção da escrita aí está a dominar e a conduzir a narração — última — evocação.»

Depois de Urbano Tavares Rodrigues abrir o «envelope-mistério» que deu a conhecer ao auditório que compareceu na Sociedade Portuguesa de Autores, o nome do autor distinguido (Fernando Dacosta concorrera sob o pseudónimo de José Funchal), foi a vez do jornalista/escritor dizer de sua justiça.

Reconhecendo a emoção, mas não esquecendo a linguagem sintética que o Jornalismo lhe ensinou, Dacosta disse que «investir desta maneira é dignificar a literatura portuguesa. O anonimato dos concorrentes ao prémio foi garantia de isenção. Que este prémio contribua também para a dignificação da escrita dos jornalistas portugueses».

«Jánika — O Livro da Noite e do Dia», de Vitório Káli, foi em 1980 a primeira obra distinguida com o Prémio do CL; em 1982, foi galardoado o romance «Os Exércitos de Paluzie), de Manuel de Seabra, mas uma anterior publicação da obra, em Espanha, determinou a abertura de novo concurso, no ano seguinte, tendo então ganho o Prémio o escritor A. M. Pires Cabral, com a obra «Sancirilo».

O Prémio Literário Círculo de Leitores relativo a 1984, distinguiu «O Rei dos Lumes», de Américo Guerreiro de Sousa.

Lemos para si

Estante infantil

TÍTULO — **O elefante não entra na jogada**
AUTOR — **António Torrado**
ILUSTRADOR — **Zé Paulo**
EDITOR — **Edições ASA**

SABE-SE como as crianças gostam de ler várias vezes as mesmas obras. Ler depressa e «pronto, está lido» é próprio do adulto mais comilão de estrada que de paisagem.

As crianças nunca repetem nada, como os poetas seus irmãos. Nos enredos que já conhecem, nas palavras por onde já passaram, elas descobrem sempre novos motivos de interesse. Uma das experiências mais interessantes para um adulto estudioso do humano (e só nessa medida vale a pena ser adulto) é ouvir a mesma história repetida por uma criança. As palavras podem ser as mesmas ou quase; a história, essa, nunca o será, pelo fogo sempre diferente que arde sempre nela.

No entanto, o escritor pode enriquecer essa tendência criativa, enriquecendo ele mesmo o material da escrita. Ou seja, uma história para crianças deve participar da brincadeira e da inteligência e será tanto mais duradoura quanto mais oferecer de ângulos e de «puzzle».

O Elefante não entra na jogada, de António Torrado, é, na sua aparência um livro extremamente simples. Trata-se **apenas** de contar um desafio de futebo, um **derby** entre O Riscadinho Futebol Clube e o Soquetes de Alpercatas.

Cada grupo achava que tinha de vencer aquilo, desse por onde desse. Desatam a fazer aquisições dispendiosas. Desde o gorila a guarda-redes até ao rinoceronte a ponta-de-lança, havia de tudo e para todas as necessidades: para resistir, o camelo; para velocidade de contra-ataque, o cavalo; para levar tudo de rompante, o touros para o jogo de cabeça, tão importante no jogo moderno, a girafa. E por aí adiante.

A guerra das claques estava montada. Era enorme a expectativa em redor do campo. Aquilo ia ser uma luta de vida ou de morte . . .

Os jogadores entram em campo. Ovações, foguetes, enfim, o costume. Então aconteceu uma coisa espantosa que deixou os tifosos siderados: os atletas, a quem a relva do campo abrira o apetite, em vez de correr e de lutarem uns contra os outros, desataram mas foi a comer, todos contentes, a erva tenrinha . . .

Nas bancadas, as pessoas discutiam: Assim:

— **Seu urso!**

— **Urso é você e urso parvo, entendeu? Eu não disse urso pardo. Disse e repito: urso parvo . . .**

— **Urso será você e urso bronco. Olhe que eu não disse urso branco, disse e repito urso bronco . . .**

— **Urso é você, seu camelo!**

— **Camelo é você, sua cavalgadura!**

— Cavalgadura é você, seu chimpazé!

— **Chimpamzé é você, seu burro!**

Assim por diante. Como se vê, a história que António Torrado nos quis contar (sem cair jamais nos moralismos de escalracho) oferece uma extraordinária variedade de ângulos que proporcionam uma leitura riquíssima. Uma análise social (a desmedida atenção prestada ao futebol) uma análise psicológica (as diferentes reacções dos adeptos . . .) o jogo valorativo das palavras (branco e bronco, pardo e parvo, e muitos outros casos) a complexidade de comportamentos dos espectadores e dos «atletas», etc., etc.

Um apelo aos educadores e às crianças: a leitura atenta deste livro de António Torrado. **Mário Castrim**

Um Falcão no Punho
Rolim
O Livro das Comunidades
Afrontamento
Maria Gabriela Llansol

AO ler «Um Falcão no Punho», de Maria Gabriel Llansol, necessário me foi procurar outras obras da autora («Os Pregos na Erva», «Depois de os Pregos na Erva», etc.). O que fiz cautelosamente, pois dizer algo sobre a escrita de Llansol é tarefa que requer muita dedicação e paciência. E, uma vez concluída a minha pesquisa, verifiquei que há um elo íntimo entre o «O Livro das Comunidades» (Afrontamento, 1977) e «Um Falcão no Punho» (Rolim, 1986). Decidi falar agora destes dois livros, e, oportunamente, dos restantes. Porque há uma linearidade na estória/História destes livros e porque os saltos no tempo aqui não se adequariam, optei por começar este meu comentário com «O Livro das Comunidades» que ligarei a «Um Falcão no Punho». Feliz escolha? Que o leitor ajuíze.

Comecemos por apresentar, então, «O Livro das Comunidades». O que é difícil, devido aos factos datados num tempo que se situa no século XVI, exigindo um conhecimento mínimo acerca dos Carmelitas, das obras de S. João da Cruz, e da sua acção reformadora em colaboração com Santa Teresa, da pessoa de Ana Peñalosa, de Ana de Jesus e dos Anabaptistas, entre os quais a figura de Tomás de Muntzer se ergue virulentamente no seu exacerbado reformismo protestante, etc. Para um melhor esclarecimento convém aqui consultar o livro «Vida y Obra Completas de San Juan de la Cruz» (Editorial Católica, Madrid, 1964), nomeadamente o capítulo «Vida de San Juan de la Cruz», escrito por Grisogono de Jesus, em que se conta como, em 1567, vindo Santa Teresa de Jesus a Medina del Campo fundar o seu segundo Convento das Descalças, conhece S. João da Cruz (então com 25 anos e ela com 57). S. João da Cruz adere à reforma por ela proposta e torna-se o seu grande defensor. Merecem também atenção as cartas que S. João da Cruz escreve a Ana Peñalosa. De uma dessas cartas (consultar o livro acima referido na página 992) transcrevo o passo seguinte: «Tenga cuido del alma, y no ande confesando escrupulos, ni primeros movimentos, ni advertencias de cosas cuando el alma ni quiere detenerse en nellas. Y mire por la salud corporal, y no falte a la oración cuando se pudiere tener (...)». Voltemos, no entanto, a «O Livro das Comunidades». É um livro construído a partir de figuras que marcaram a História: Copérnico, Giordano Bruno, e não só. Livro que no seu começo (refiro «Lugar I») nos atira para um espaço físico (uma comunidade religiosa muito «sui generis» pelas distorcidas características que dela nos são reveladas). Eis uma cela, «casa de um só quarto e de uma só janela», na qual uma mulher se movia excentricamente e ao sabor de uma certa fantasia. Ou fanatismo? «Pedia aos homens que lhe trouxessem os filhos das suas mulheres para educá-los (...) Mulheres, não havia outra além dela, que nunca ultrapassavam a entrada, que dava para a terra, terra de jardim onde se podiam dar passeios. Os homens ficavam todos contentes porque ela dizia todas as vezes «Não és tu que me importas, é o seguinte. Certificavam-se, portanto, de que, no momento antes, haviam sido o próximo». Um espaço físico impregnado (em consequência das vozes que ouve) de figuras religiosos e de figuras mitológicas. Pégaso, por exemplo, o cavalo alado, que surge a condizer com a sua lenda, um momento discursivo (págs. 44 e 45) que considero o mais poético de todo o livro. Ou então S. João da Cruz, autor de numerosas obras, entre as quais «Llama de Amor Viva» (abordagem da união da alma com Deus, escrito no ano de 1584 e pedido a Anna Peñalosa, e referido no livro de Gabriela Llansol como «A Viva Chama» e a interpretação do «Cântico dos Cânticos»). Acentue-se que entre a obra de S. João da Cruz se contam os títulos «Subida del Monte Carmelo», «Noche Oscura», «Cantiga Espiritual», «Llama de Amor Viva», etc.. De «Llama de Amor Viva» reproduzo um dos poemas (obra citada, pág. 829): «O llama de amor viva / que tiernamente hieres / de mi alma en el más profundo / pues ya no es esquiva / acaba ya, si quieres: / Y rompe la tela deste dulce encuentro!» Poeta do amor é S. João da Cruz, que aparece como se a autora estivesse a pensar ironicamente que o objectivo supremo dos Carmelitas, no que respeita à união com Deus, fosse o matrimónio espiritual, transformação no Amado. Ei-lo sensualizado em «Lugar III», quando a mulher, que se narra e é narrada (Anna Peñalosa), «sem camisa», se entretém a olhar o espelho e tem « a vertigem do espelho em que o espelho sendo sempre o espelho» lhe «aparecia como um catafalco (...). Um catafalco porquê? S. João a morrer em Ubeda («Aquele que busca Deus não necessita de jóias e ouro» — disse o Santo perante o tribunal que o condenou a nove meses de prisão em Toledo...»)

A mulher não é religiosa, mas percorre uma viagem imaginária consequente («O Livro das Comunidades» é escrito na Abadia de Maredret) ao longo da atmosfera mística que a envolve. Assim julga-se Anna Peñalosa a mãe (ela era madre) de S. João da Cruz, amigo de Tomás Muntzer. Deste amigo sente Anna Peñalosa ciúmes se atendermos à relação espiritualmente (ó divina ironia da autoria!) incestuosa que mantém com o filho (ler a página 29, verdadeiro requinte cáustico por ser precisamente enquanto escreve a «Llama de Amor Viva», obra sugerida por Anna Peñalosa, que S. Aoão da Cruz tem a visão de Ana Peñalosa a embalá-lo...). Ciúmes assumidos quando, sendo S. João da Cruz visitado por Anna de Jesus (uma das colaboradoras de Santa Teresa de Jesus aquando da criação dos Carmelitas de Pés Descalços, isto é, da divisão da Ordem Carmelita), nos é dado ler o seguinte: «Que escreve ele? — perguntou Ana de Jesus./ — «Escreve-me — respondeu Ana Peñalosa (...)».

Viaja no tempo, numa época de lutas religiosas, ideológicas e políticas que conhecemos pelo nome de Renascimento (a narradora vive no século vinte...) fragmentada pelos múltiplos valores religiosos e não só. Fá-lo a desprender incompreensão pelo circundante. E, por isso, procura em Nietzsche (o pretenso matador de Cristo e o criador do nilismo como etapa da dialéctica, não esquecer a concepção que ele tem da História, inscrita no tempo) a resposta que não vem de parte nenhuma.

Impressionante questionar do ser humano, do sentido e significado do nosso agir é «O Livro das Comunidades», em que Maria Gabriela Llansol, recorrendo a uma forma de escrita tão partida quanto a alma de Ana Peñalosa, nos desvenda o absurdo do existir. As incongruências de uma historicidade onde nos erguemos condenados à derrota (o vazio continuado e vislumbrado de que fala o prefaciador deste livro), à triturante experiência do nada (o esboroar daquilo que nos cerca e, por isso, ao reflectir, no «L'Être et Le Néant», o pensamento de Heidegger nos afirma Jean-Paul Sartre: «O **Da Sein** tem permanentemente a possibilidade de se encontrar face ao nada.») Esquizofrénicos entes perdidos em sinuosas e antagónicas estradas. Por isso «O Livro das Comunidades» deveria passar por Nietzsche (...).» Por isso, o nomear de Copérnico, Giordano Bruno... Passo a citar: «(...) É o meio dia de tudo, repousa o sol» — pensava Copérnico. Sonhava; sabia que assim era mas, naquele momento via que assim era; (...)» Ou: parecia que tudo girava em torno do Sol, brilhante coração aberto; (...) «Ana de Jesus abismou-se em Giordano Bruno, e na infinitude do espaço./ Giardano Bruno, de prodigiosa memória, viu a sua testa reflectida na fogueira e lembrou-se de todos os instantes, de todos os minutos, de todas as horas, de todos os anos da sua vida; (...) mas nas duas partes se lembrava que o universo é infinito, povoado de milhares de sistemas com os seus planetas e o seu sol.»

Um simples esboço de uma casa ha bitada por uma erudição que poieticamente se reescreve **a posteriori**, foi esta minha dissertação acerca de «O Livro das Comunidades». Sei-o e não me calo! Dela me sirvo (uma excelsa ponte o texto acima citado e que nos envia, como diz Alexandre Koyré, para as intrincadas vicissitudes que foi a passagem de um «cosmos fechado» para um «universo aberto») para meditar a pagina catorze, em que Llansol, a propósito de Giordano Bruno, afirma: «Eu tinha vontade de cantar-vos louvores, pois vos via chegar ao limiar do mundo; quem te pôs no limiar da chama, a prumo na chama, homem inteiro?» («Um Falcão no Punho»).

O que é «Um Falcão no Punho»? Um diário riquíssimo de ideias (sempre a obsessiva presença da Renascença, quer pelo chamar de Ana Peñalosa, quer pelo dissertar em torno da condenação à morte pela fogueira de Giordano Bruno), de sentimentos (sobre estes a escrita aparece como uma necessidade), de memórias (quando, por exemplo, nos conta a exposição de Augusto) onde a linguagem continua a apresentar-se como um complicado e quase indecifrável jogo... Depois, há a presença da filosofia. Por exemplo, Espinosa no texto em que tenta esclarecer a sua afeição pela Amália. Espinosa devidamente situado, pois foi um teorizador das afeições (como se sabe, num dos volumes da sua «Ética» define ele as afeições — aquilo pelo qual a alma é impressionada — e as cataloga). Que se leia: «Tínhamos a mesma idade, e eu olhava-a muitas vezes do meu lugar, na aula. Ela tinha uma espécie de factotum, chamado Amália; hoje faz-me pensar na origem, e na natureza das afeições de que imagino, adequando-se ou não a nós, as definições dadas por Spinosa.»

«Responderá este sonho à pergunta 'Alcançarei a vida eterna?'» — questiona a autora na página vinte e um. E, mais uma vez, nele reconheço a sua preocupação pelo tempo. A sua vocação pensante... Vocação que se exprime belissimamente por estas palavras: «Falamos dos modos geométricos da inteligência que se produzem neste lugar cultivado por mim, e em que coopero com a natureza selvagem. Falamos do pendor conceptual de certas árvores pois cremos que há árvores que agem mentalmente. O pensamento não é o raciocínio, é um feixe de reflexões, de sentimentos, de visões que se encadeiam e abrem caminho aqui.»

Conta-se Maria Gabriela Llansol — e o curioso é que também nela a «luz» se encontre em «O Livro Das Comunidades» (ler página quarenta e um). Revela-nos o desejo de inteligir-se inteligindo o englobante. Tarefa estonteante! Espelha-se o seu discurso como um discurso de escol. Sem dúvida: uma escrita literariamente intelectualizada. Parece um ensaio de filósofo esteta! Mas em que me embrenho, lentamente, na certeza de que toda ela tem a tipicidade de uma revelação absoluta, só acessível aos seus merecedores. Aos refinados e incansáveis repetidores daquelas questões que, naturalmente, os perseguem. E que se traduzem (desde aquele — Kant — que as formulou) do seguinte modo:

— Que posso fazer?
— Que devo fazer?
— Que me é permitido esperar?
— O Que é o Homem?

Um livro elitista que muito se acolhe na intencional e aforística obscuridade de uma tradição filosófica assumida por Heráclito de Éfeso Um livro para minorias, portanto!

Não sou defensora de uma estética aristocratizante, nem de um saber confinado a privilegiadas seitas. E ao dizer isto, ocorre-me certa frase que Descartes formulou em «Regras para a Direcção do Espírito», a qual pretende transmitir a ideia de que, contrariamente ao defendido pelos sábios, não é na linguagem ornamentada em engenhosos malabarismos retóricos que se encontra a Verdade. Mas sim naquilo que com simplicidade e clareza se mostra...

Que me toca encantotoriamente este «Um Falcão no Punho» é um facto (pertenço àquela inquieta geração ávida de conhecimento que ainda não se conhece a si mesma porque quanto mais procura maior é a distância que a separa da sua essência e que, consequentemente, se vê espelhada neste livro). Mas a quantos de entre os portugueses que o lêem é ele permeável? — Eis a interrogação emergente das suas páginas que atentamente escuto. E que vos coloco enquanto me retiro...

Ana Paula Portugal

Czelaw Milosz, do lados dos homens à falta de melhor

■ *A publicação simultânea de três obras do prémio Nobel de literatura de 1980 pressagirá o reconhecimento tardio, em França, de uma das testemunhas mais clarividentes do nosso tempo?*

EM França, talvez mais do que em qualquer outro país, há uma grande diferença entre a celebridade dos escritores estrangeiros e a sua presença real na crítica e entre os leitores. Na sua maioria eles só têm direito a **«vistos turísticos»**. Alguns deles obtêm o estatutos de **«residentes privilegiados»**, têm entre nós amigos certos e fiéis (um Malcolm Lowry, um Witold Gombrowicz). A **«naturalização»** é muito mais rara (parece ter sido concedida a Borges e Nabokov).

A publicação simultânea de Fayard de três obras de Czeslaw Milosz podia pressagiar o seu reconhecimento tardio em França. Ela permite em todo o caso integrar as imagens fragmentárias e por vezes contraditórias de um grande escritor polaco, que também é uma das testemunhas mais clarividentes do nosso tempo.

O próprio Milosz é o primeiro a reconhecer que é cheio de contradições. Preocupação que ele reafirma em **Milosz para Milosz** (**«Não ser tomado por outro que sou»**) ou em **Visions de la baie de San-Francisco** quando escreve: **«O ideal seria comunicar todo o espanto de 'estar aqui' numa só e inacessível frase que mostrasse ao mesmo tempo o grão e o odor da minha pele, todo o conteúdo da minha memória, tudo o que é hoje em mim aceitação e recusa.»**

No **«impossível retrato»** que tenta traçar de si próprio durante as conversas de **Milosz par Milosz,** ele declara francamente: **«Creio muito simplesmentes que sou habitado por diferentes demónios e diferentes pessoas que dispõem de mim e me deixam depois pouco à vontade.»**

Milosz, o poeta, exprime-se, com efeito, em múltiplos idiomas, é perseguido por diversas vozes: a criança e o sábio, o poeta e o profeta, o homem do Leste e o homem do Oeste, o seu sensual, apaixonado pela vida, e o leitor de Pascal.

Um poeta «antes de mais encantatório»

«Afirmo sem hesitação que Czeslaw Milosz é um dos maiores poetas do nosso tempo, talvez o maior. Mesmo que os seus poemas sejam despojados do esplendor estilístico da sua língua polaca natal (o que acontece com toda a tradução), reduzidos à sua substância nua, encontramo-nos em face de um espírito exigente e perseverante de uma tal intensidade que o único paralelo que nos vem ao espírito é com uma personagem bíblica . . .» É esta a opinião de Joseph Brodsky, o maior poeta russo vivo e companheiro de exílio de Milosz na Califórnia. Mas Brodsky pôde ler os poemas na sua versão original.

Aparentemente é uma poesia perfeitamente traduzível, em que se exprimem os temas levantados em **Milosz par Milosz**: consciência insuportável de que o ser humano nunca poderá apreender a totalidade da sua experiência, exploração obstinada da realidade, reencarnação sob diversas formas, relação com a natureza e a história através das etapas lituaniana, polaca, francesa, americana, de uma vida votada ao exílio. A nossa versão é perfeitamente fiel, quase palavra por palavra. Mas sou incapaz de a julgar, porque mesmo ao relê-la, parece-me ouvir como que um eco do original. «Silabotónica», a língua polaca permite uma poesia não rimada, utilizando um número de sílabas que varia e que conserva, no entanto, uma forte estrutura rítmica. Milosz tirou partido de uma misteriosa unidade, como se se deixasse guiar pelo ritmo da sua respiração, do seu fôlego, do bater das suas artérias (pode dizer-se dele, quase à letra, que tem a poesia no sangue). Ele próprio define a sua poesia em **Milosz par Milosz** como **«antes de mais, encantatória»**, acrescentando que é sensível a essa estrutura rítmica, mesmo quando escreve em prosa, e que lhe é mais difícil do que a outros escrever em línguas estrangeiras: **«Um filósofo pensa primeiro e formula depois; em mim, o sentido formula-se na frase imediatamente através do ritmo.»**

Uma noite em Varsóvia

Um dos principais méritos de **Milosz par Milosz** é, aos meus olhos, mostrar que o célebre autor de **La Pensée captive**, que durante muito tempo foi tomado por um politólogo subtil, não é **também** um poeta mas é um sempre poeta. No entanto, este livro também traça um destino cujas contradições, exasperadas pelos desafios da História, parecem imitar as do poeta. Tentemos imaginar o que uma tal obra pode representar para um leitor que não conheça a poesia de Milosz. Podíamos tomá-lo por um romance escrito na convenção de uma entrevista com um poeta que não existe. Um romance moderno de aprendizagem, uma obra aberta, cujo herói dá conta de uma viagem iniciática ao próprio centro das agitações do nosso tempo.

As perguntas, feitas pelos dois jovens investigadores polacos — Ewa Czarnecka e Aleksander Fiut — que conhecem perfeitamente a sua obra, levam Milosz a confissões que o seu orgulho e o seu pudor inato reprimiram nos seus próprios ensaios autobiográficos (e principalmente em **«Une outre Europe»**). Sabemos assim mais sobre o processo que o levou a romper com o regime comunista polaco. **«Creio que um dos acontecimentos determinantes foi uma soirée, certa noite, em Varsóvia, na qual participei em 1949. Chegava então da América e pertencia à sociedade mais em vista, ao grupo das pessoas mais bem vestidas, que viviam em casas melhores, à «élite» que então governava a Polónia. Tomei parte numa recepção dessa boa sociedade, em que se bebeu, se dançou e de onde só saímos de madrugada, por volta das 4 horas. A noite de Verão estava fria. Vi 'jeeps' transportando pessoas presas. Os soldados e os guardas tinham capotes forrados, e os presos, de gola levantada, tremiam, de frio. Compreendi então aquilo de que era cúmplice.»**

Sempre atento (já o dissemos) a **«não ser tomado por outro»**, conta com uma verve libertadora como o seu Prémio Nobel de Literatura fortaleceu esse encadeamento de deformações que detesta. **«Todo este processo de fabrico dos heróis... viu-se bem quando voltei em 1981 à Polónia... Digamos simplesmente que as coisas se passaram de tal modo que não me sujei, apesar de ter vivido constantemente no estrangeiro desde 1945. Arranjei-me habilmente, não ficando na Polónia, depois escolhendo emigrar, para não me comprometer. Mas, se eu lá tivesse ficado, como me teria comprometido! E eis que no período do Solidarnosc, eles julgaram reencontrar a minha brancura de arminho...»**

Publicado em polaco em 1969, **Visions de labaie de San-Francisco** pode ser considerado um primeiro passo para **La Terre d' Ulro,** editado em 1977, mas cuja tradução francesa já surgiu na Albin Michel (1). Milosz fala aí do seu encontro com Herbert Marcuse em San Diego, em casa de uns amigos. Encostado à janela, o velho sábio da Escola de Frankfurt dizia: **«Esta cidade é toda ela habitada por animais»...**

Milosz confessa compreender este desprezo pelas crituras nunca aflora-das pela filosofia e condenadas simplesmente à vida. **«Mas esse desprezo e essa arrogância intelectual ajudaram-me a compreender monstruosidades da mesma ordem no meu próprio pensamento.»** Daí em **Vision,** um admirável **«capítulo em que o autor reconhece estar do lado dos homens, à falta de melhor.»**

Visions também é um testemunho da «revolução californiana» que precedeu os acontecimentos de Maio de 1968. Fui hóspede de Milosz, na sua casa do Boulevard, chamado com, propriedade «Alto do urso cinzento», em Berkeley, durante esse período turbulento. As suas aulas na Universidade da Califórnia eram muito frequentadas, e não só pelos estudantes de culturas eslavas, sobretudo as consagradas a Dostoievski, em que os jovens revoltados descobriram, estupefactos, a sua própria pré-história. No entanto, um dia, um grupo de estudantes decidiu sequestrar esse mestre insólito, vagamente suspeito de «reaccionário». Milosz saiu para os enfrentar, com o seu ar de urso lituaniano, e escandiu, com a sua retumbante voz de baixo: **«Make way — you spoil children — of the bourgeoise —** Horrorizados com a ideia de serem os filhos amimados da classe privilegiada, os estudantes deixaram-no passar e nunca mais lhe criaram problemas...

É impossível resumir um livro tão rico e variado como **Visions,** cuja principal qualidade é a acuidade da percepção, o olhar infalível sobre os pormenores concretos do quotidiano. A crítica que Milosz faz da «revolução californiana» é muito matizada. Ele acha, assim, que a influência de Marcuse — de quem se demarca — é positiva. **«O que incita à reflexão é que, através da defesa da razão que, para ele não se identifica com o Moloch, este marxista de origem alemã dá um pouco de esperança aos jovens americanos.»** Ele pensa que as drogas psicadélicas são menos desprezíveis do que o álcool e o tabaco, porque representam, pelo menos, uma tentativa de abrir as portas da percepção. **«A primeira geração a utilizá-las (depois dos Índios do México e dos Negros) não merece epítetos de desprezo, e vale mais, por exemplo, do que a juventude doirada americana dos «alegres anos 20»**, embora nos sintamos tentados a aplicar às suas extravagâncias a expressão russa: «A fartura torna-os loucos.»

Visions, depois de **Milosz par Milosz** esclarece-nos sobre as fontes gnósticas do seu pensamento e a sua ambivalência em face da natureza (ao mesmo tempo adorada como fonte de êxtase e de encanto e rejeitada devido ao seu mecanismo impiedoso).

Constantin Selenski

(1) Visions de la baie de San-Francisco, traduzido do polaco por Marie Bouvard. Fayard.

Autos, Romances e Trovas de Baltasar Dias

cd. IN/CM, col. Biblioteca ed. Autores Portugueses

Garcia de Resende atribuiu a Gil Vicente a criação dos «autos» que foram, na época, o espectáculo teatral cortesão: «Ele foi (ele, Gil Vicente) o que inventou isto cá e o usou com mais graça e mais doutrina.» Mas outros criadores de autos continuaram a invenção que era, por seu turno, a continuidade dos «mistérios» medievais de fundo religioso. Um desses continuadores foi Baltasar Dias. Os seus «Autos, Romances e Trovas» foram publicados na «Biblioteca de Autores Portugueses» (Imprensa Nacional-Casa da Moeda) com introdução, fixação de texto, notas e glosário de Alberto Figueira Gomes.

O volume contém: «Auto do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo», «Auto de Santa Catarina», «Auto de Santo Aleixo», os romances «Do Príncipe Claudino», da «Imperatriz Porcina», a «Tragédia do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno», «Malícia das Mulheres», «Conselho para Bem Casar».

Teófilo Braga, há um século escreveu: «De todos os poetas dramáticos portugueses é Baltasar Dias o mais conhecido e ainda hoje o mais amado pelo povo: possui o dom de falar e ser compreendido pela alma ingénua da multidão.» Em 1950, o brasileiro Luís da Câmara Cascudo informava que, no Brasil, continuava a ser representada a «Historia da Imperatriz Porcina». Em 1952, como na introdução do volume recorda Alberto Figueira Gomes, o P.e António Maria Mourinho fazia levar à cena na Póvoa, Miranda do Douro, o auto da «Imperatriz Porcina». Tudo argumentos que reforçam o interesse desta cuidada edição da obra do quinhentista Baltasar Dias.

Primeira mão

O VIII volume da «História de Portugal», de Veríssimo Serrão, é o livro em que a Editorial Verbo aposta neste tão dourado mês de Maio. Vai ser mesmo alvo de procura, uma vez que Veríssimo Serrão o ano passado nada deu à estampa...

«Outro título que capte os leitores...?»

«Certamente que 'Passai um ano comigo', de João Paulo II. Trata-se de um livro de reflexões, reflexões que tocarão muitas atenções, pois que se não trata de um livro dogmático...»

«E para o próximo mês de Junho...?»

«Para o próximo mês de Junho, uma grande novidade. Fernanda de Castro publica uma obra que, precisamente por ser polémica, será de leitura obrigatória. Título: 'Ao fim da memória'. É uma autêntica novidade...»

Uma outra novidade, ainda no mês de Junho, é a «História Diferente de Portugal», de Pedro Soares Martinez, de interesse, nomeadamente, para os alunos universitários.»

«Mas em Maio não há mais nada...? Um mês quase de férias...»

«Há, pois. Vão três títulos...?»

«Venham... Venham eles!»

«Aí vão: 'Um Rapaz da Giorgia», de Caldwell, da Ulisseia, mas comercielizado por nós. Um romance, como é óbvio. Da nossa iniciativa, temos, interessando a quem estuda e não só, a 'Enciclopédia do Romantismo', da Francis Claudon, uma obra ilustrada cujo preço, verdadeiramente, não é muito subido: 1500 escudos. E como toda a gente também anda com as mãos nos computadores, vamos também lançar nos escaparates 'O Grande Livro dos Programas em Basic', de vários autores. É que temos de estar de acordo com os tempos que correm...»

«E que mais...?»

«Um outro título igualmente de interesse: 'Miguel Ângelo', de René Arbour, ilustrado, com o preço de 775 escudos. Uma autêntica maravilha!».

A Editorial Verbo destaca também as «Obras Completas de Júlio Dinis» — e, num outro âmbito, «As Grandes Datas da História Universal», de autoria inglesa, numa adaptação portuguesa. E isso porque houve que introduzir datas portuguesas que fizeram história e nos dizem muito a nós...

«Mas a grande aposta...»

«A grande aposta, para nós, é a 'História de Portugal', de Veríssimo Serrão, 'Ao fim da memória', de Fernanda de Castro, a 'História Diferente de Portugal', de Pedro Soares Martinez... Sem desprimor, no entanto, para os outros títulos já mencionados. Ao fim e ao cabo é tudo uma questão de escolha... Isto é, há leitores para todos os géneros...»

«Estes títulos na Feira do Livro...?»

« Certamente que sim. E bem expostos...»

Walter Benjamin ou a objectivação das fantasmagorias

Walter Benjamin

NAQUELE período dos anos 30 em que Walter Benjamin desenvolveu a parte mais importante da sua obra, andava no ar a ideia de que entre a capacidade política do proletariado (da sua vontade de hegemonia sobre toda a organização social) e o crescimento dos instrumentos tecnológicos de uma civilização de massas, podia e devia existir um nexo político, do qual também o intelectual e a qualidade específica do seu trabalho seriam parte activa.

Para Benjamin, o problema fulcral era o da interpretação do significado dos factos culturais na sociedade industrial nascida com o capitalismo e com o estabelecimento da sociedade burguesa.

Foi este o terreno ambíguo escolhido por muitos intelectuais preocupados com a necessidade de um salto qualitativo na sua função, e isso porque nas condições dramáticas do decénio que precedeu a eclosão da última guerra mundial era importante distinguir como e porquê a teoria e crítica se podiam traduzir, voluntária ou involuntariamente, em recuperação da ideologia burguesa ou em esplêndidas refutações utópicas dessa ideologia.

Os intelectuais optavam por deixar de funcionar como cobertura humanística aos processos de formação e racionalização do poder económico capitalista, e também não desejavam prosseguir num tipo de negação acrítica das relações de produção próprias do capitalismo: levada ao auge, essa negação permitia-lhes recompor o valor das relações de produção na utopia; muito longe, portanto, do lugar real ocupado pela classe operária, no espaço social.

Relendo algumas páginas magistrais de Walter Benjamin, julgamos ver nelas um convite explícito a dar por consumado o espaço da filosofia. Ao nível das «coisas que contam», importante dizia ele que seria, para o intelectual, conquistar um poder de **mediação** com as lutas sociais e um poder efectivo de intervenção nos campos específicos da sua actividade.

Se analisarmos o curso da cultura ocidental dos anos 30 até hoje, na progressão das suas instituições e «figuras», podemos avaliar a capacidade de intervenção de uma obra como a de Benjamin, não tanto como projecto ou negação de um determinado momento da civilização, mas como tentativa de formação do intelectual e dos conteúdos dinâmicos do seu trabalho.

Da dialéctica marxista, tentou Walter Benjamin extrair toda a sua potencialidade negativa, contra as tentativas de utilizar a componente dialéctica do método para o inverter e pôr ao serviço do sistema. Pensava o escritor berlinense que o marxismo, nos dias de hoje, era parte imprescindível da bagagem técnica do intelectual, já que na sua formação contavam as mercadorias culturais produzidas, a procura e a oferta que constituem o mercado, e a própria estrutura das instituições.

Assinalou-se, por outro lado, que em Benjamin o trabalho intelectual, é um trabalho de exegese e de comentário aos textos ou a toda a espécie de realidade culturais tomadas como textos, com o objectivo, não de fixar teses sobre a arte numa futura sociedade sem classes ou em novas relações de produção, mas simplesmente de mostrar as tendências surgidas em cada situação e as alternativas nascidas das suas próprias contradições.

Não se trata, portanto, de praticar os modelos instituídos por qualquer tipo de pensamento normativo — do géneo «realismo socialista», por exemplo —, mas de interpretar as condições do presente para mostrar a estrutura real do seu funcionamento e para prever o alcance e os limites que essa estrutura encerra.

Para compreenderuma situação nova (no caso de Benjamin, a situação criada à arte pela sociedade industrial), é importante descobrir como ela se configura no referente aos novos modelos de sensibilidade perceptiva, isto é, que variações ocorreram nos novos esquemas de produção e consumo. Daí o interesse do escritor pela fotografia, a gravura, a difusão dos jornais, o cinema, enfim por todos os produtos **reproduzíveis**, característicos de uma época marcada pela chegada das massas à vida pública.

No seu estudo sobre Baudelaire, Walter Benjamin viria, com grande argúcia, a alargar o problema do fetichismo da mercadoria, enunciado por Marx, ao estatuto perceptivo dos novos produtos culturais. A novidade, aqui, consistiria numa espécie de transmutação da **aura** das obras de arte antigas (do período pré-industrial) numa nova sacralização conferida pela entrada no mercado, como mercadorias, dos produtos culturais.

Sem a patina da vetustez, sem a aura do refinamento e sem o seu primitivo valor mágico, diz-nos Benjamin que os produtos artísticos perderam o peso histórico da singularidade, mas ganharam um novo tipo de unicidade: o que lhes advém, por um lado, da quantidade de gente a consumi-los, e por outro lado do preço por que são cotados no mercado, sendo estas as duas formas de escapar ao anonimato onde se dissolvem grandes quantidades de produtos de cultura que enchem e congestionam o mundo das relações sociais.

«Balzac foi o primeiro a falar das ruínas da burguesia. O desenvolvimento das forças produtivas destruiu os sonhos e as ilusões do século passado, ainda antes de se terem desmoronado os monumentos que a representavam», escreveu Benjamin num dos seus brilhantes fragmentos. Nestas palavras, Hegel ressoa como um eco: «Com a crise da economia mercantil, começamos a ver os monumentos da burguesia como se fossem ruínas, ainda antes de terem caído.»

Na perspectiva benjaminiana, era importante que o «escritor» tivesse uma presença efectiva ao nível real da produção, isto é, da própria **«necessidade»** do desenvolvimento das forças «técnicas» e «políticas», libertando-se da tarefa «destrutiva» que o sistema lhe distribuiu como produtor de cultura.

Na célebre conclusão do seu ensaio **O autor como produtor,** escreveu Walter Benjamin que «a luta revolucionária não se trava entre o capitalismo e o espírito, mas entre capitalismo e proletariado». De vários pontos de vista, esta crítica visava o trabalho intelectual entendido como acção produtora de **totalidade** e inseria-se numa proposta mais vasta para um novo modelo do papel social e da função histórica do trabalho intelectual.

Falámos em «totalidade», mas poucos autores haverá onde, como em Benjamin, o primado do fragmentário sobre o sistemático seja tão constante: a sua obra é como um mosaico aparentemente desordenado cujo sentido tem de ser reconstruído pelo leitor. Interessava-lhe o marginal, o fora de moda, o levemente anacrónico, citações, evocações que permitissem «pré-historiar» a modernidade, detectar sintomas remotos da praxis colectiva actual, libertar «o passado oprimido». A sua perspectiva de Baudelaire é a do poeta «nos esplendores do capitalismo», o seu estudo sobre Kafka procura traçar o contorno evanescente de «uma fantasmagoria em busca de objectividade».

A vida fragmentada de Walter Benjamin coincide com a sua vida de judeu alemão, também fragmentada por uma larga série de exílios e pelo seu suicídio (para não cair em garras nazis), na fronteira hispano-francesa, em Setembro de 1940. Essa conjunção entre carácter e destino transformaria quase todos os seus textos numa espécie de esconjuro: «Cada um dos meus pensamentos deve ser arrancado a um âmbito onde reina a demência.»

Adorno, editor de alguns dos principais textos bemjaminianos, dirá na introdução à primeira recolha que deles fez: «Era intenção de Benjamin renunciar a qualquer forma de interpretação manifesta e deixar que as significações viessem à luz por meio da montagem chocante do material. Para coroar o seu anti-subjectivismo ia fazer com que a sua obra capital consistisse unicamente em citações.»

Para Benjamin, com efeito, a leitura era não só um princípio estruturante da realidade, mas também uma forma de nos libertarmos do passado: «A situação política confirma no pensador revolucionário a sorte peculiarmente revolucionária de cada momento histórico. Mas não lhe confirma menos o poder que tem esse momento para abrir um determinado aposento do passado, até então fechado. A entrada nesse aposento coincide estritamente com a acção política. E é através dessa entrada que a referida acção, sempre destrutiva, se dá a conhecer como messiânica.»

Ernesto Sampaio

Colóquio Letras

O NÚMERO 90 da revista **Colóquio/Letras**, referente a Março de 1986, abre com um «Balanço do Ano Literário de 1985 em Portugal e no Brasil». O «Balanço» abrange poesia, ficção, ensaio, teatro. literatura infanto-juvenil, relativamente a Portugal e, também, poesia, ficção, ensaio relativamente ao Brasil, textos respectivamente assinados por Fernando J. B. Martinho, Maria Alzira Seixo, Eduardo Prado Coelho, Luís Francisco Rebello, Natércia Rocha, Olga Savary, Almeida Fischer, Bella Josef.

Assinalando o 70.º aniversário de Vergílio Ferreira, Eduardo Lourenço e Georg Rudolf Sind escrevem sobre o romancista de «Aparição», Francisco Maciel Silveira publica um ensaio sobre: «A torre de marfim do classicismo quinhentista: uma realidade de papel»; Maria Alzira Seixo analisa as «Interferências genológicas na obra de Jorge de Sena». Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, Ilka Brunhilde Sanrito, Helder Macedo, M. S. Lourenço, António José Forte, Jorge Velhote. Um texto inédito de Jorge de Sena apresentado por Mécia de Sena. E um texto de Vergílio Ferreira sobre os seus 70 anos.

José-Augusto França faz a transição para as secções de crítica («Livros sobre a mesa») e de recensões críticas, com um comentário sobre «O Senhor Ventura, Lição Prática de Ventura e Desventura», motivando pela 2.ª edição, refundida, de «O Senhor Ventura» de Miguel Torga. Assinam críticas e recensões, entre outros, Álvaro Salema, Luiz Fagundes Duarte, Osório Mateus, João Bigotte Chorão, Maria Alzira Seixo, Fernando J. B. Martinho, António Ramos Rosa, Luís Miguel Nava, Maria Lúcia Lepecki, João de Melo, Paula Morão, Luís de Miranda Rocha, Carlos Porto, Luís Forjaz Trigueiros, Fernando Guimarães.

Direcçcão de David Mourão-Ferreira. Propriedade e edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

No Prelo

Papisa Joana, de Royidis

A Moraes tem no prelo Papisa Joana, *publicado em 1886 pelo grego Emmanuel Royidis. O livro foi banido pela Igreja Ortodoxa, e o seu autor excomungado. Lawrence Durrell apaixonou-se por ele, traduziu-o e prefaciou-o. É esse prefácio que hoje aqui publicamos, com o* nihil obstat *da editora.* Papisa Joana, *que Durrell classifica de «obra-prima de bom humor e irreverência», dá como certo que o Papa João VIII, que foi o pastor da cristandade durante dois anos, um mês e quatro dias, no séc. IX, foi uma mulher... e até morreu de parto, ao dar à luz em plena praça pública. Uma tradição posterior, que obrigava a um buraco no assento da cadeira da intronização papal, para confirmação táctil do sexo do Papa, viria desse incidente. Curiosamente, a Igreja Católica nunca pôs a obra no* index. *O texto correu mundo, desde a tradução inglesa de Durrell, sendo publicado, pelo menos, em italiano e em francês. Só agora vem a lume em Portugal, e mesmo assim a Moraes inclui na edição a biografia de João VIII segundo Platina, a que consta da Vida dos Papas e o artigo que a Enciclopédia Britânica lhe dedica.* Papisa Joana *participou no «sprint» editorial para a feira, mas pode acontecer que só consiga estar em livraria dentro de duas ou três semanas. Sairá na colecção* Círculo de Prosa, *com o seu post-título original, que é «uma biografia romântica».*

A literatura da Grécia moderna, até há pouco completamente desconhecida dos leitores ocidentais, começa finalmente a ser estudada com algum detalhe. Romances como **Zorba** e **Aeolia** permitiram-nos julgar quão viva se mantém a tradição da prosa e deste país comparativamente jovem, ao mesmo tempo que os nomes de poetas como Cavafy e Seferis começaram a ocupar o lugar que lhes é devido numa tradição europeia para a qual contribuíram e da qual nasceram.

Papisa Joana chama duplamente a nossa atenção visto ocupar, por um lado, uma posição central entre os livros populares na Grécia moderna, e por ser, por outro, uma pequena obra-prima que deveria ocupar uma posição intermédia na estante de um leitor atento, digamos que, entre **Candide** e **Thaïs.** Trata-se de uma obra-prima de irreverência, de espirituosidade, e também, por vezes de frivolidade mas é ao mesmo tempo um genuíno exemplo de um livro mediterrânico: nas mãos de Royidis a personagem de Joana torna-se algo mais do que um instrumento satírico — algo com que se agride o clero. A Papisa Joana é, com efeito, um breve registo da história e dos infortúnios de Eros depois da sua transformação pela cristandade de um deus num movimento de resistência subterrâneo.

Papisa Joana, como o livro é denominado em grego, traça a história do misterioso papa João VIII que durante dois anos, cinco meses e quatro dias orientou a cristandade do seu posto de Supremo Pontífice. O seu autor, Emmanuel Royidis, nasceu em 1835 e morreu em Atenas nos finais de 1904. Parecem restar poucas dúvidas quanto ao facto do romance ter sido iniciado como uma sátira de costumes. Mas existem ainda menos dúvidas quanto ao modo como, a meio do livro, Royidis se apaixonou pela sua heroína, tratando-a com uma ironia simpática e com uma ternura que a torna viva.

Papisa Joana conheceu pela primeira vez a impressora em 1886. A primeira edição do livro provocou uma evidente sensação. As autoridades da Igreja Ortodoxa mostraram-se horrorizadas por aquilo que lhes parecia a ironia ímpia do seu autor e obviamente também pela galeria de **Pais da Igreja** que ele descreveu tão apaixonadamente. Royidis foi excomungado e o seu livro banido. No entanto, apesar da proibição oficial o livro tornou-o famoso em Atenas, ao mesmo tempo que traduções em outras línguas europeias lhe concederam um certo grau de respeito doméstico entre os críticos. Só a edição francesa vendeu várias centenas de milhares de cópias. O contraste é elucidativo, pois a Imprensa católica francesa recusou-se a reagir contra o elaborado humor do livro, atribuindo-lhe até uma certa recepção hospitaleira pelas suas qualidades literárias. Por detrás desta atitude poderá estar a consciência de que a Joana histórica, se alguma vez existiu, já há muito se juntara ao folclore da Igreja, e de que sátiras literárias como esta muito dificilmente poderão perturbar qualquer fé digna desse nome. A Igreja Ortodoxa, todavia mostrou-se extremamente susceptível quanto à história da Papisa o que poderá estar na causa do eclipse da fama de Royidis ocorrido pós a sua morte. Foi apenas em 1920 que uma edição da **Papisa Joana** voltou a surgir em Atenas. Desde então tem conhecido um ritmo de vendas regular, estando hoje o mérito do seu autor perfeitamente reconhecido na história da literatura grega moderna.

Royidis aceitou a sua excomunhão e a de Joana com indiferença filosófica. Como bom republicano anticlerical terá certamente sentido que conseguira abrir um rombo nas linhas inimigas. É, com efeito, singular o facto deste livro conseguir ser simultaneamente algo de ligeiro, demonstrando todavia um profundo conhecimento não só do período em que viveu a Papisa Joana mas também da confusa massa de documentação em que permanece o caso da sua existência real. O prefácio do autor à edição definitiva de Papisa Joana é formado por uma extensa referência às autoridades que se referiram ao caso da Papisa, acompanhada de uma considerável recepção, das várias opiniões a favor, e contra a sua existência. Poder-se-á certamente pensar que tudo isto tinha pouco a ver com o romance, mas Royidis defendeu-se assim contra os seus críticos, reivindicando o facto de ter inventado muito pouco que não pudesse aliás ser justificado por uma qualquer autoridade na matéria. Acrescentou ainda que o seu retrato da Atenas do século IX derivava de fontes que de modo algum podiam ser postas em causa.

Recordou, além do mais, com alguma severidade, aos seus críticos, que o trabalho continha apenas «factos e acontecimentos provados para além de qualquer discussão» e acrescentou ainda: «os protestos vagos e sem fundamento supostamente baseados na moral não só não possuem qualquer significado como nos recordam aquela frase do poeta inglês: 'Só gente imoral fala de moral'».

Tais foram as intenções do autor mencionadas quanto à sua obra e quanto às suas fontes. Mas apesar de ter tudo isso em atenção, a personagem de Joana vive bem além dos limites literários ou das preocupações sociológicas impostas pelo seu criador. Como todas as verdadeiras personagens, ela dá a impressão de ter sido criada e não inventada. Existe algo de profundamente comovente quanto à inocência que é aliás a sua única arma contra o mundo real que a rodeia com o seu fanatismo e as suas punições.

Quanto a Royidis já muito é conhecido. De origem modesta, viajou bastante e estudou em França e na Alemanha. De formação republicana era além disso um anglófilo e lia inglês unicamente por prazer. Era já um homem de meia-idade quando teve que enfrentar problemas económicos. Durante o mandato de Tricoupis como primeiro-ministro foi várias vezes bibliotecário da Biblioteca de Atenas, para ser posteriormente despedido pela facção realista vitoriosa.

Passou os últimos enos de vida na pobreza. No entanto, a sua figura atarracada e a sua barba eram familiares a todos aqueles que frequentavam as pequenas tabernas e as casas de pasto de Atenas. Uma surdez que se agravou cada vez mais, deu-lhe uma peculiaridade de expressão, delicada e distante, que estava profundamente de acordo com o criador de Joana.

Ensaísta e articulista bem conhecido do público de Atenas, não se justifica todavia uma tradução do seu trabalho neste campo. Foi um homem de um só livro, e, tendo-o escrito, foi muitas vezes chamado a defendê-lo, o que fez aliás com grande perspicácia e ironia. Insensível à crítica literária, mostrou-se no entanto bastante susceptível perante o argumento de que a Papisa Joana não passava de uma figura apócrifa. Insistiu até ao fim que inventara bastante pouco da história original, o que aliás se comprova através do seu artigo dedicado à existência da Papisa Joana, que se encontra repleto da retórica e da erudição que ele pretendeu deixar de fora no romance. Royidis estava apaixonado por Joana e não podia suportar vê-la tratada como um mito do século IX.

E o que é que há a dizer quanto ao Papa histórico no qual o nosso autor baseou a sua narrativa? Os escritores mais recentes que ousaram participar da discussão, dão-nos a entender que se trata apenas de uma ficção. Esta opinião, escusado será dizer, não é partilhada por Royidis que dedicou vários artigos a este assunto. Terá a Papisa Joana existido na realidade? Toda a tese é admiravelmente sintetizada por Platina e pelo facto de a ter incluído na sua **Vidas dos Papas.** Ninguém pode reivindicar que as provas quanto à sua existência real sejam mais do que circunstanciais. No entanto, se um historiador tão isento como Platina — ele próprio secretário de um Papa e bibliotecário do Vaticano — foi levado a incluir a Papisa Joana no cânone dos Papas, somos levados a concluir que a força da tradição, oriunda das mais variadas fontes ao longo dos anos terá ditado esta escolha desagradável. Eis a sua biografia como nos é dada por Platina:

«Papa João VIII: João, de origem inglesa, nasceu em Mentz e diz-se ter chegado a Papa através de artes maléficas; disfarçando-se de homem, ela, que era uma mulher, foi ainda jovem com o seu amante, um homem culto, para Atenas, e aí prosseguiu estudos de tal modo brilhantes que, ao chegar a Roma, poucos encontrou que a conseguissem igualar, mesmo a nível do conhecimento das Escrituras. Graças às suas palestras hábeis e demonstrando uma profunda sabedoria, ganhou uma autoridade e um respeito que lhe permitiram ser designada Papa por unanimidade após a morte de Leão (segundo Martin). Quando se dirigia para a Basílica de Latrão entre o Teatro do Colosso (assim chamado a partir do Colosso de Nero) e S. Clemente, entrou em trabalho de parto e morreu naquele mesmo local, após ter permanecido durante dois anos, um mês e quatro dias como Papa, e ali mesmo foi enterrada sem qualquer pompa. Esta história tem conhecido uma divulgação considerável que se deve todavia a autores desconhecidos, o que me levou também a narrá-la superficial e sucintamente. De qualquer modo é minha obrigação transcrevê-la, embora corra o risco de incorrer num engano generalizado. Devo no entanto referir que aquilo que relatei é, em certa medida, credível.»

O mesmo se poderá dizer quanto à posição histórica da Papisa cuja vida tem sido objecto de controvérsia no plano teológico desde a Idade Média até aos nossos dias. Têm sido numerosos os artigos escritos sobre ela mas nada de tão interessante e fresco como este romance. Devo talvez assinalar uma peça isabelina cujo rasto se perdeu, mas que figura no extenso apanhado existente no **Diário** de Philip Hensilowe. O nome do autor não é conhecido e o texto não sobreviveu mas é contudo interessante encontrar a Papisa numa lista que incluí nomes como Marlowe e Shakespeare. O assunto podia muito bem ter tentado o primeiro destes autores mas... não vale a pena especular salvo se a peça um dia aparecer para então poder ser comparada com este trabalho de Royidis. É todavia duvidosa a existência de qualquer prova cabal a favor ou contra esta história. Enquanto o mito nos puder oferecer uma ficção tão fascinante como **Papisa Joana** não nos podemos queixar. O historiador pode gritar «O Papa João VIII morreu», mas dificilmente ele poderá evitar de acrescentar (mesmo que seja sussurrando) «Viva Joana».

E agora, tendo cumprido o acto formal de introdução à dupla entidade — Papisa Joana enquanto facto histórico e Papisa Joana enquanto facto literário — resta-me recomendá-la ao leitor «clemente» que Royidis tantas vezes invocou enquanto escrevia e que, ele próprio o disse, jamais encontrou na sua Grécia natal.

Não sei se estará de acordo com os cânones literários dedicar um livro alheio aos nossos amigos, mas tomei a liberdade de dedicar esta edição de Papisa Joana a esse gigante da cultura grega moderna e do bom humor que é George Katsimbalis, homem que ocupa nos círculos literários da moderna Atenas uma posição semelhante à de dr. Johnson. Creio que não existe um único estudante ou tradutor que não lhe deva algo pelo seu trabalho nos diferentes campos da literuatura grega moderna, e eu próprio não encontro melhor destinatário para a dedicatória deste livro. Royidis teria concordado comigo se fosse vivo.» Com efeito, foi George Katsimbalis, quem me deu a conhecer este livro em 1939 durante um dos longos passeios dados pelos arredores de Atenas, passeios esses que, diga-se, tão animados eram unicamente devido à presença de um dos melhores conversadores do mundo. Parámos um dia em frente à montra de uma livraria onde estava, amarelecendo lentamente à luz do sol, uma cópia de **Papisa Joana.** «Olhe, ali está um bom livro», disse Katsimbalis, apontando para ele com a sua enorme bengala, ao mesmo tempo que se balançava, apoiando-se ora numa perna ora noutra. «Um livro grego, cheio de bom humor, hilariante e irreverente».

Não posso entender como é que um leitor que aprecie qualquer uma destas qualidades nos seus escritores favoritos, pode deixar de estar de acordo.

Lawrence Durrell

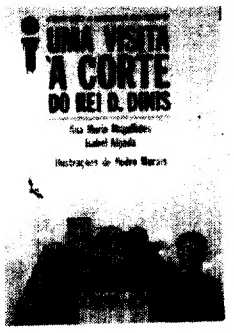
Um espaço privilegiado

O Ler-Escrever é um espaço privilegiado
para a publicidade do livro.
Quanto mais os nossos leitores o lêem,
mais têm vontade de ler
os textos e os autores a que ele se refere,
em cada novo número.
Porque não pode este espaço ser para si,
já na próxima semana?

CAMINHO

NOVIDADES

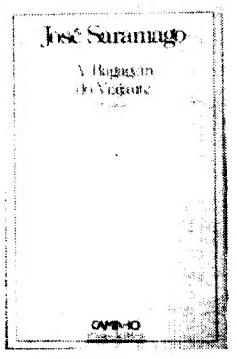
ABRIL



Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada
c/ilustrações de Pedro Morais

Uma Visita à Corte do Rei D. Dinis

Quando se viaja no tempo uma vez, não se pode resistir perante a perspectiva de uma nova viagem. E a Ana e o João não resistiram. Desta vez foram um pouco mais perto. O que não os impediu de ficarem deslumbrados com um sarau num castelo medieval, de assistir a uma caçada com falcões, de se verem envolvidos numa excitante aventura com uma bruxa...

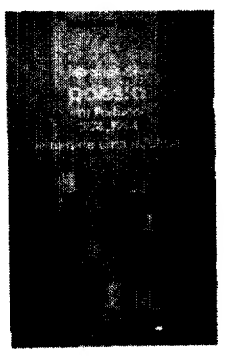


José Saramago

A Bagagem do Viajante

Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas.

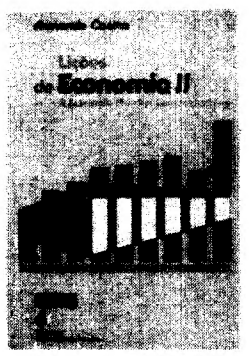
José Saramago



Manuel Frias Martins

10 Anos de Poesia em Portugal

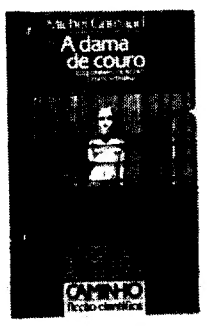
Balanço de 10 anos de actividade criadora, o presente livro coloca à disposição do leitor uma história, com a evocação de factos, alguns porventura já esquecidos, outros pouco conhecidos e uma análise crítica de obras e acontecimentos relevantes e nos quais se materializou a renovação cultural que acompanhou o 25 de Abril.



Armando Castro

Lições de Economia II

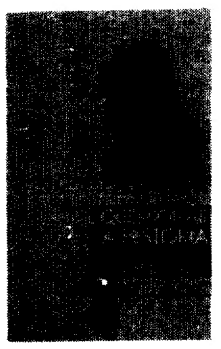
«Lições de Economia» é um manual que combina criteriosamente a exposição dos princípios gerais da ciência económica com os mais recentes dados concretos da vida económica.



Michel Grimaud

A Dama de Couro

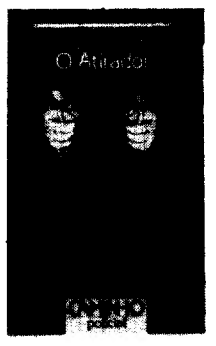
Este livro emocionante e denso é uma das melhores obras de ficção científica francesa.
«A Dama de Couro» é um livro requintado e doloroso em cujo centro está a questão da diferença e do racismo. Ao mesmo tempo, é um livro profundamente cativante e cheio de cor. Um livro estranho e fascinante, em suma, em que tudo se conjuga para ser inesquecível.



António Borges Coelho

Questionar a História

Este livro documenta os passos de vinte e três anos de trabalho do seu autor. Reúnem-se quase dezena e meia de estudos, alguns dos quais provocaram reacções apaixonadas.
Um traço comum congrega e une os diferentes estudos, o de pretenderem, cada um à sua maneira, Questionar a História.



Gledon Swarthout

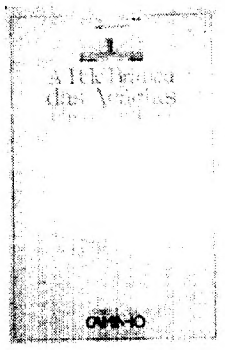
O Atirador

Em «O Atirador», o novo romance de Swarhout que esta colecção apresenta, a acção é intensa e dura. Romance policial passado em 1901, que poderá também ler-se como um «western», foi levado ao cinema por Don Siegel num filme com John Wayne e Lauren Bacall que foi exibido em Portugal com o mesmo título. É um livro à altura da expectativa decerto criada por «Esqueletos».

Luís Sá

Introdução à Teoria do Estado

Olhando para o mundo, é fácil concluir que são muito diferentes os Estados e os sistemas políticos.
A teoria do Estado surge exactamente para nos permitir conhecer melhor essa realidade através de um conjunto de conceitos, de ideias, que, para serem científicos, devem representar o reflexo na nossa mente dessa realidade.



Filipe Leandro Martins

A Pele Branca das Acácias

As acácias não têm a pele branca e o leitor, provavelmente, é dos que lhe não desconhecem a qualidade rugosa e escura. Mas há quem não saiba, num tempo em que de árvores percebemos cada vez menos. Os jovens, principalmente os adolescentes, ignoram do mundo as suas dúzias de faces. Mas experimentam-no, arriscam-se nele e dele falam e, aprendendo, acabam por conquistá-lo, descacá-lo, saboreá-lo mesmo, se entretanto não lhe perderam o gosto. Assim era também nos anos 60, quando atrás de pele se conhecia pouco, quanto mais de árvores, imersa a floresta em densa e silenciosa bruma. Visitemos algumas clareiras.

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada
c/ilustrações de Arlindo Fagundes

Uma Aventura na Terra e no Mar

Desta vez, o cenário é Aveiro
1.ª edição: 15 000 exemplares

o prazer de ter bons livros para ler

a distribuição

Pires Cabral: Contas do Nordeste

FALOU-SE aqui há dias de escritores e livros de Amarante. E falou-se também de Paredes e de um escritor que lá vive e trabalha (ou, se preferirmos, de um médico que ali ocupa os tempos livros fazendo literatura, António Mendes Moreira). O caso de hoje é um tanto diverso e a única sequência que aqui se vê em relação aos precedentes terá a ver com a proximidade geográfica. Trata-se de **A.M. Pires Cabral** e de um livro dele titulado **O Diabo veio ao Enterro,** subtítulo «contas do Nordeste». (É **contas,** não contos). Editou-o a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

A.M. Pires Cabral, supõe-se que é um nome conhecido, pelo menos daqueles que estiverem minimamente familiarizados com as referências que há da poesia e da prosa de ficção portuguesas dos últimos dez anos. Da bibliografia activa do autor que vem neste último livro constam mais de duas dezenas de títulos publicados e representação em meia dúzia de obras colectivas. Há aí um pouco de quase tudo, desde antologias escolares até traduções no estrangeiro, passando por livros e cadernos de poesia, peças de teatro e um romance. Para o leitor não tão atento à poesia dos últimos anos e porventura mais interessado na ficção, o romance pode não ser totalmente desconhecido. Trata-se de **S. Cirilo** e ganhou o Prémio do Círculo de Leitores em 1983. Os mais próximos das referências da poesia dos últimos dez anos conhecerão pelo menos um livro, **Trirreme,** publicado pela Centelha, de Coimbra, em 1978. Teve, pode-se dizer, distribuição a nível nacional, e talvez seja ainda encontrável em algumas livrarias. Pires Cabral tem pelo menos mais quatro títulos de poesia que interessará fixar: **Algures a Nordeste,** publicado em 1974, em edição de autor, em Macedo de Cavaleiros: **Solo Arável,** editado também por conta própria, ao que julgamos saber, e policopiado, em Vila Real, em 1976; **Boleto em Constantim** (O Oiro do Dia, Porto, 1981), e **Os Cavalos da Noite** (Setentrião, Vila Real, 1982). Todos estes títulos — à excepção, talvez, de **Boleto...,** serão um tanto difíceis de encontrar. O que é bem significativo, antes (ou depois) de mais, das condições em que se pode propor publicamente a literatura que é feita fora de Lisboa ou do Porto; depois (ou antes), das condições e das possibilidades em que vive e trabalha, como tal, um escritor fora dos grandes meios e sem ligações, nesses meios, que lhe garantam projecção (divulgação, desde logo) para o trabalho que vai fazendo.

Naturalmente, casos assim não são muito numerosos. Mas são alguns, e justificam um interesse vivo e efectivo (acepção de consequente). Mas sem condescendências, piedades, folclorismos, — ainda que nem propriamente pessoais, e mais voltados, por curiosidade, para os pequenos meios. Neste exemplo ilustrativo, é preciso dizer que Pires Cabral, em Vila Real, será tudo excepto um escritor fechado num obscuro isolamento: pelo contrário, ele está à frente do Núcleo Cultural Municipal, e tem feito muito trabalho de investigação, recolha, e até criativo, no âmbito do património cultural local e regional. (Lembre-se, a propósito, que, em domínio idêntico, mas noutra frente local e regional, trabalha outro escritor residente naquela cidade, António Cabral). **O Diabo Veio ao Enterro** é mais uma amostra desse trabalho, e porventura o de maior fôlego e ambições, até agora por ele (Pires Cabral) feito. Qualquer coisa que, vivendo o autor em Lisboa ou no Porto, dificilmente poderia fazer, embora estas **contas** sejam um saldo de férias passadas na aldeia, como se diz na nota de apresentação.

O Diabo Veio ao Enterro é uma colectânea de onze **contas** (não contos, sublinhe-se uma vez mais) contadas ou ouvidas contar, e, naturalmente, tratadas em função do que pretenderia o autor, e de acordo com determinados critérios, dos quais se fala em nota prévia. Nem todas: outras foram «criadas», certamente com os mesmos critérios, ou equivalentes. Diz Pires Cabral que houve, da sua parte, «respeito escrupuloso (por) aquilo que marca e distingue a alma popular nordestina e, não obstante, lhe confere universalidade: a visão simultânea e paradoxalmente trágica e irónica da existência, de que decorrem, por um lado, a trucubência com que se resolvem os binómios crime/expiação e afronta-/vingança, e, por outro, uma certa malícia infusa, a permanente disposição satírica ante os pequenos e grandes defeitos do homem e a valorização da astúcia e do ardil».

Assinale-se ainda que Pires Cabral confessa ter tido «a tentação de usar um código escrito verista, que se aproximasse quanto possível da linguagem de Grijó. Mas tal cedo se revelou impraticável». Houve, todavia, a preocupação com a criação de «uma certa distanciação em relação ao português padrão, quer respeitando os regionalismos semânticos (...) e de flexão verbal, quer usando alguns regionalismos fonéticos, poucos, que não comprome tem a legibilidade (**atão, home, neite** por noite, **le** por lhe, etc.). De notar que certos aspectos igualmente importantes e distintivos, como o entoação da frase e a articulação peculiar de alguns fonemas (**s** e **z,** por exemplo), esses ficam irremediavelmente prejudicados. Aliás, ficariam sempre, fosse qual fosse o código utilizado. E é pena».

A transcrição parecerá inútil, mas dará conta do tipo de trabalho que aqui se faz e dos motivos de interesse com que os seus resultados se propõem.

Para além de que estamos perante um trabalho bem feito, releve-se o lugar-comum, não saberemos que mais dizer.

Maria Alzira Seixo, na **Colóquio-Letras** de Março, fala de **O Diabo** (num balanço ao ano literário de 1985, de quando o livro data) e diz que o livro de Pires Cabral «renova a concepção do conto regionalista (entre aspas, de Maria Alzira Seixo), pela aliança fecunda que estabelece entre tradição e imaginação». Mas é evidente que tal só se consegue com extremo cuidado e grande exigência de qualidade estética e rigor processual — certamente aqui patentes.

Só mais isto. É possível que o livro venha a passar despercebido nos meios onde mereceria e deveria ser divulgado e lido. A tiragem, de mil exemplares, talvez tenha reduzido a isso por conta de tal previsão. Julgamos saber que o livro não foi amplamente distribuído, talvez pelo mesmo motivo. Nada garante que, muito divulgado e até mesmo publicitado, fosse o que poderia dizer-se sucesso de livraria. Mas também nada garante que as previsões que porventura se fizeram não tenham sido um erro. Antes o fosse.

Luís de Miranda Rocha

Uma nova geração de escritores da RDA

«*A nova literatura reflete uma nova consciência social, a consciência de uma juventude que já não pode nem quer ser o objecto de uma civilização cuja herança recebeu*», escreve Elke Erb na sua introdução a uma antologia da **Nova Literatura da Alemanha do Leste** (1) que acaba de ser publicada na RFA. Com Sascha Anderson, outro escritor da RDA, Elke Erb reuniu os textos de vinte e nove jovens autores, que à excepção de Uwe Kolbe e de Lutz Rathenow (2), nunca foram publicados no seu país.

Quem são eles? Escritores «underground»? Seria demasiado fácil. Alguns traços da sua biografia, tal como eles se descrevem: «*Afastado da universidade devido a dissensões e a seu próprio pedido... desde então associal; entre 1974-1977 assistente de encenação no Berliner Ensemble... em 1980 jardineiro no cemitério São Jorge, em Berlim; organizador de um círculo literário, em Iena; afastado da universidade em 1977...; motorista na fábrica Zeiss...; desde 1980 escritor independente; até 1980 engenheiro... desde 1980 escritor independente.*» Porque renunciaram eles a tudo para se consagrar às letras? Por que recusaram uma «carreira» seguindo o percurso oficial que a sociedade alemã de leste podia oferecer-lhes? Conseguir viver em vez de triunfar tornou-se a sua aposta, a literatura o meio de o conseguir. «**Eles escrevem para viver.**» (Elke Erb), para poderem, enfim, encontrar a sua própria identidade. «*Tenho o direito de escolher. «Eu»* é o mais importante» (Volker Palma). Um «eu» consciente, mas também vulnerável, um «eu» que tira o pião à ideologia existente. «*Quero textos que tenham a ver comigo*» (Michael Bozenhard).

Escrever como acto

Uma literatura nova no seu conteúdo mas também por provir da primeira geração de escritores nascidos na RDA, e que cresceu no «socialismo real». As suas experiências, os seus sonhos, os seus medos, a sua linguagem e os seus temas literários têm as suas raízes neste país, o seu. São os «*Hineingeboren*», como os definiu, no termo tão exacto quanto equívoco, Uwe Kolbe. Se pressões demasiado fortes levam alguns a abandonar o país, a maioria deles quer ficar, mas afirmam com Lutz Rathenow: «*Nós estamos sistematicamente isolados*»; um isolamento no seu próprio país. Mas «**não capitulam. Escrevem, pintam, compõem, produzem um novo pensamento responsável, uma nova literatura, uma nova forma de arte** (Elke Erb). A sua maturidade provém da sua vontade de fugir às normas oficiais. O seu percurso não é voltar-se para dentro. Eles querem, pelo contrário, encontrar o seu lugar no presente e não viver «**voltados para o futuro**» e menos ainda para o «**no future**». Proibidos de ser publicados, organizam leituras privadas em casa e no seio da Igreja evangélicva, que lhes abre as suas portas e lhes oferece, se necessário, um emprego, como a outros «excluídos» do sistema (pacifistas, associais, homossexuais). É aí que os encontramos, em círculos de discussão e em reuniões do movimento pacifista independente.

Dissidentes? Recusam a etiqueta. A contestação ideológica ou directamente política, como a de Robert Havemann ou de Wolf Biermann, já não é a sua principal preocupação. *Escreve as tuas palavras nos muros e eles farão uma lei que proibirá os muros* (Sandra Anderson). Situam-se no terreno quotidiano. Quer se queira quer não, estão ali. *Schreiben als Aktion* — escrever como acto. É a consciência de toda uma geração e já não o fruto de alguns, mais velhos, que eles, de resto, respeitam.

A vida é poder sempre criar algo de novo, é pôr em cena a paixão (Leonhard Lorek); a vida é a violeência, a raiva, a exacerbação das emoções, mais do que o amor, estranhamente ausente dos seus textos muitas vezes negros. Escrevem a maior parte das vezes histórias curtas, como a de Rüdiger Rosenthal: «*Domingo/ .sete horas menos dez/ a hora do sono/ uma criança ficou/ na rua, com o triciclo ao lado/ pediu que lhe reparassem o carro*. Estilo despojado, sensibilidade à flor da pele, agressividade só levemente mascarada. *Saúdo as pessoas com uma faca entre os dentes/ perturbadas elas olham-me fixamente. É assim que gosto dos homens* (Lutz Rathenow). A explosão dos sentimentos, o desencadear das palavras traduzem a necessidade da escrita, o desejo irreprimível de dizer: *Grita contra o muro, escreve-o no muro, passa através do muro* (Bert Papenfuss-Gorek). Omnipresença do muro, claro, mas não só; antes um grito contra os muros, as fronteiras, os obstáculos à livre expressão. Eles querem comunicar, permutar. É *o muro da boa consciência hipócrita, da mentira, da recusa, da repressão* (...) *o muro-prisão da arrogância, o muro de vidro da não-realidade, o muro-ilusão do desespero que devemos ultrapassar* (Elke Erb). É *o isolamento* de Lutz Rathenow, e no seu caso as interdições muitas vezes reiteradas de aceitar os convites para participar em colóquios no estrangeiro sobre a literatura, a pretexto de que não representa dignamente a RDA e que a publicação de alguns contos não justifica uma actividade literária válida.

O QUOTIDIANO É A SOBREVIVÊNCIA

A vida resume-se ao presente dos actos. A acção não está no condicional, mas no indicativo. *Fiquemos no quotidiano. O quotidiano é a vida. Não (...). O quotidiano é a sobrevivência* (Leonhard Lorek). A escrita «objectiva» é adaptada à realidade existencial: faz-se amor como se faz trabalho, como se descansa, como se bebe... A própria solidão não é uma privação; é assumida, exacerbada. *Relações florescentes e nada para além delas/ (...) Uma materialização de coisas impenetráveis e extravagantes vacila na luz pálida e pesa mais do que a consciência/ mas no interior ou para além da imagem nada a que nos agarrarmos: sob o sol sempre a penumbra de um vermelho ardente de antes da manhã do dia seguinte, e nada, sempre nada até ao horizonte* (Thomas Günther).

Um piscar de olho sincero a Brecht: *Aquele que diz sim, aquele que diz não, corre sempre o risco de ser o que se renega/ ou que as suas convicções paralisam/ que fala alto demais nos cafés/ ou que nunca faz perguntas (...) Na verdade/ quer não afastes os perigos do caminho/ ou chegues a mostrar as coisas ao contrário/ continuas sempre a correr um risco* (Thomas Günther). Mas hoje já não há nenhuma «boa solução» pronta.

A sua nova maturidade social também fez com que esses autores passassem os limites convencionais da linguagem. Este material codificado, empobrecido, traído (*a mentira colectiva da linguagem dominante*, Uwe Kolbe) é a língua que eles escolhem. Cada um deles redescobre-se, reinventando uma linguagem que inclui, se necessário, que sacrilégio, palavras de origem anglo-saxónica, porque cresceu na música disco, *rock* e *punk*. Abandona então maiúsculas e regras gramaticais. Pálidos *remakes* «vanguardistas», «à maneira de»? São influenciados por correntes — o dadaísmo, a escola de Viena, por exemplo.

Essa redescoberta da escrita será um dos motivos alegados pela editora de Berlim-Leste, Aufbau Verlag para se recusar a publicar estes escritores e decidir também que a jovem literatura da RDA deve continuar ignorada no país de que é, no entanto, o autêntico produto.

Eu sou um escritor/ Tenho agora a certeza disso/ sou um escritor que não é publicado/ sou um escritor que nunca contou com essa possibilidade./ Sou um escritor que tranquilamente conseguiu/ começar a sua obra e terminar a sua vida (Jan Faktor). Escrever é a sua principal exigência, escrever a todo o preço, mas até quando serão eles mantidos na sombra?

L. Siad

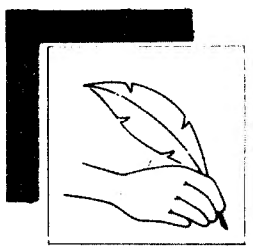
Acabados de chegar

■ **Safo**, de Marion Giebel, Distri. Ed.

Excelente monografia sobre «uma das desconhecidas mais famosas da literatura mundial». Safo, a poetisa de Lesbos, viveu na primeira metade do séc. VI (ela deve ter vivido, aproximadamente, entre 617 e 560 AC). Este estudo de Marion Giebel trá-la para mais perto de nós, apesar de «um poeta grego arcaico não ter biografia nem precisar dela»...

■ **Psicanálise de Crianças**, Francoise Dolto, Dom Quixote, Col. Plural.

Françoise Dolto não precisa de ser apresentada aos leitures familiarizados com a psicanálise. Este livro resulta dos registos, «a quente», do seu seminário parisiense, em que Dolto responde a questões de terapeutas sobre casos difíceis de crianças em tratamento. Trata-se, igualmente, de material em bruto em que age a grande «linguagem de fundo», a do corpo.

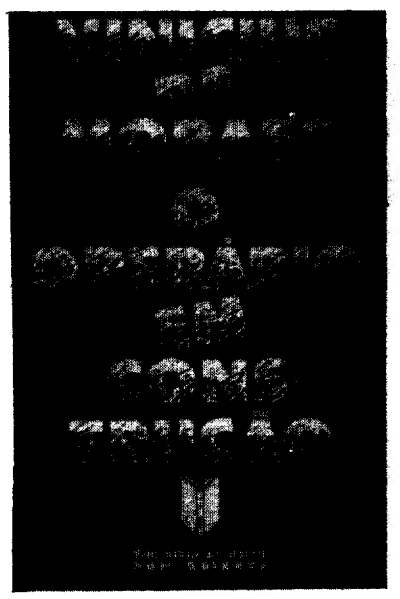


■ **Testamento de Um Poeta Judeu Assassinado**, Elie Wiesel, Dom Quixote, Col. Ficção Universal.

A «Ficção Universal», que revelou Kundera e publicou Tournier, Sarraute e Yourcenar, continua a jogar muito forte: a narrativa de Wiesel é o testamento de um judeu preso em Krasnograd, escrita no tom sublime que adopta o homem lutando pela sua individualidade num universo onde ela é recusada. Como sugere a epígrafe do Talmude: «O que é a vida de um homem? Uma sombra. Mas que sobra? A de um edifício, imutável? Ou a de uma árvore que sobrevive às estações? Não, a vida de um homem é comparável à sombra de um pássaro em pleno vvo: mal se adivinha, já desapareceu». Voltaremos a ocupar-nos deste Elie Wiesel.

■ **Orwell para Principiantes**, David Smith e Michael Mosher, Dom Quixote, Col. Para Principiantes.

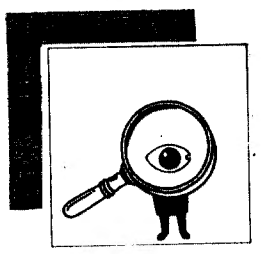
Texto e desenho em fusão, é uma apresentação biográfica, bibliográfica e temática do autor de **1984**. Aspectos menos conhecidos, pelo público vortuguês, da vida de George Orwell, pomeadamente a sua participação no POUM, em 1937, na Guerra de Espanha, são aquim apreciavelmente desenvolvidos.



...E aqui estão «O Siciliano», de Mario Puzo, e «O operário em construção», de Vinicius de Morais que, conforme já noticiámos, abriram este mês a «biblioteca de bolso» da Dom Quixote, ambos por 450$00 e distribuídos, também, em tabacarias. Aqui ao lado, Nelson de Matos conta a «aventura».

■ **Cartas a Um Jovem Poeta**, Raine-Maria Rilke, Ed. Contexto, trad. e introdução de Fernanda de Castro.

Imeroriais cartas: elas nada perderam do seu carácter de breviário e livro de cabeceira para quem renova a infindável aventura poética. Nos tempos do «Juvenil» do «DL», era o livro que Mário Castrim passava a vida a recomendar aos jovens que lhe enviavam poemas para publicação. Renovamos o seu convite: «Venho outra vez converar consigo, senhor Kappus...».



■ **Sá-Carneiro em «Azulejos»**, Contexto.

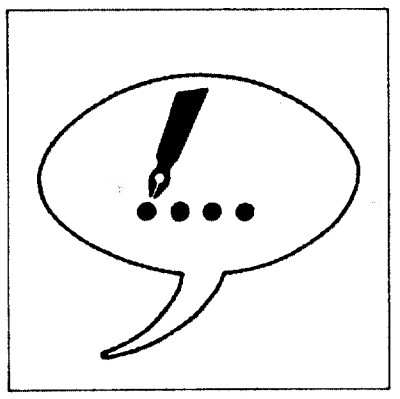
Pela primeira vez, reunidos em livro os oito contos que Mário de Sá-Carneiro publicou entre 1980 e 1909 na revista «Azulejos». O poeta tinha, então, 18 anos. Eis os seus títulos: «O Caixão», «Maria Augusta», «Ladislau Ventura», «A Mendiga», «Amor Vencido», «Recordar é Viver», «Página dum Suicida», «Tragédia».

■ **Dicionário Cronológico de Autores Portugueses** organizado pelo Instituto Português do Livro, Europa-América.

Um precioso manual em formato de bolso, contendo sintéticas fichas bio-bibliográficas. É o primeiro volume de um trabalho que só caberá em três. Prefaciado por Eugénio Lisboa, são seus colaboradores, aqui, Eduíno de Jesus, Luís Francisco Rebello, Luís de Sousa Rebelo, Manuel João Gomes, Margarida Vieira Mendes, Maria Pacheco de Miranda e Maria Teresa Arsénio Nunes, além de Sérgio Campos Matos, Teresa Amado e Tom Earle.

■ **Parece Mal**, adaptado do inglês por Henrique Lopes de Mendonça, com capítulo especial sobre «falar», por Cândido de Figueiredo, Europa-América.

De como o contrato social era levado ao imperativo pelos vitorianos, e de como aprouve a lusos coevos tomarem-no à letra. Um sabroso manual repressivo que se toma a sério, e que a editora apresenta a sorrir. Data do ano 13 do século XX. O adaptador é o autor da **Portuguesa** (versos; que a música, como mais geralmente se sabe, é de Alfredo Keil).



ÚLTIMAS • ÚLTIMAS • ÚLTIMAS

Dom Quixote:

O que o editor pensa sobre o «bolso»

SOBRE o lançamento da Biblioteca de Bolso da Dom Quixote, pedimos a Nelson de Matos, o editor, o seguinte depoimento:

«Não foi uma decisão fácil, esta que as Publicações Dom Quixote tomaram de conceber uma colecção de bolso, lançada com grandes tiragens, a um preço acessível a quase toda a gente, distribuída não apenas pelas livrarias mas por todas as tabacarias do País e pensada, por conseguinte, se não para um público objectivamente muito numeroso, ao menos para o maior dos grandes públicos que os editores portugueses podem ambicionar atingir, a fim de divulgar alguns dos grandes autores e bastantes das grandes obras da ficção internacional.

«Tanto mais que, com alguma frequência, optámos por não fazer desta **Biblioteca de Bolso** um simples repositório de projectos com êxito já testado noutras colecções, conforme tem sido hábito fazer-se, quer em Portugal quer no estrangeiro, e uma certa prudência comercial talvez aconselhe, transformando pelo contrário esta nossa nova iniciativa num ponto de lançamento sem rede de algumas novidades muito significativas. Apenas como exemplo, posso referir que ainda durante este ano publicaremos três volumes inéditos de Alberto Moravia, Stefan Zweig e Marguerite Yourcenar e que, entre outros títulos já contratados, temos em carteira para lançar no início do próximo ano os últimos romances de John Le Carré e de Ray Bradbury — devendo sublinhar-se que, neste último caso, se trata do primeiro romance a ser publicado pelo autor de há vinte cinco anos a esta parte.

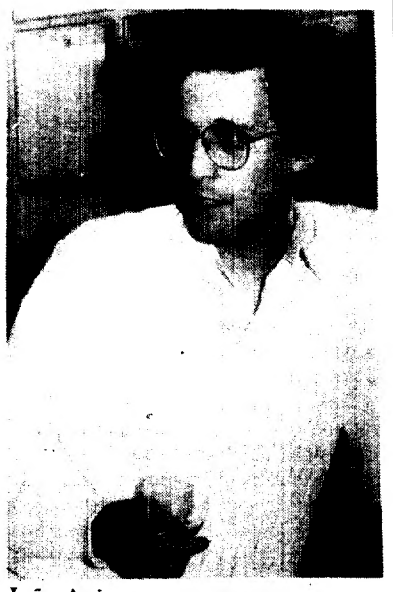
Nelson de Matos

«Como é evidente, uma aventura como esta comporta necessariamente alguns riscos. Nisso, aliás, não difere da generalidade do trabalho editorial que, sem qualquer exagero, é feito do sobressalto quotidiano com que se procura prever o imprevisível e planear o aleatório. Mas os perigos agravam-se, é claro, e não vale a pena escondê-lo de cada vez que a dimensão dos nossos projectos implica um acréscimo significativo do investimento. Acreditamos porém, contra o derrotismo genuíno ou **snob** dos que apreciam estadear desprezo por tudo o que é nacional, que o público merece que corramos esses riscos e saberá corresponder com o seu interesse ao prazer que temos em bem fazer o nosso trabalho.»

Nelson de Matos

Caminho aposta em Aniceto

A Editorial Caminho apresentou à Comunicação Social e à crítica literária o livro de ficção científica «O Quarto Planeta», da autoria do jovem João Aniceto, que será posto à venda no próximo dia 21, com o n.º 29, na colecção «Caminho de Bolso». João Aniceto, médico de profissão, pode ser considerado o único autor português no campo da ficção científica: em 1982 ele ganhou o 1.º Prémio Caminho de Ficção Científica com o seu primeiro trabalho neste domínio, «Os Caminhos nunca acabam». «O Quarto Planeta» é o seu segundo livro, mas João Aniceto não esteve todo este tempo inactivo. Também a mesma editora, há uns meses, seleccionou um conto de João Aniceto para uma colectânea de contos, que incluiu originais de Natália Correia, Mário Cláudio e Maria Teresa Horta, entre outros nomes conhecidos das letras portuguesas.



João Aniceto

O eu nos outros

Leonardo da Vinci

CONTA-SE que Leonardo da Vinci, em pleno Renascimento, tão na perfeição imitou os pintores da Antiguidade Clássica, que, tolhido de surpresa, um cão ladrou. Ora porque ladrou o cão? O cão ladrou porque, olhando o retrato do seu senhor feito por Vinci, persuadiu-se que a imagem era o modelo. Ladrou de contentamento — e Vinci regozijou-se e foi aplaudido pelos seus discípulos.

O traço e as cores de Leonardo, apoiando-se nos ensinamentos dos antigos, haviam riscado toda a criação dos artistas da Idade Média. Vinci regressara, pois, ao passado, refugiara-se junto das obras de Gregos e Latinos — e, de acordo com os tempos que então se viviam, menosprezara a invenção plástica dos artistas medievais. O problema posto inconscientemente por Vinci merece umas linhas de consideração. Pois quantos de nós não se contentam ainda com as formas do passado, se refugiam num tempo de frutos já maduros, e não sabem colher, nos dias que lhes é dado viver, o **novo** das coisas, o **enigma** do hoje, o **verde** do que sempre está nascendo...?

Visitando outro dia uma exposição de arte moderna (aquela arte que já entra em conta com a imponderabilidade do homem no espaço), pensei para mim que um cão ali não ladraria face a nenhum dos quadros expostos. Mas no mais íntimo das minhas entranhas, no mais escondido do meu sangue, na linha mais recôndita do meu pensamento, **aí**, sim, nascia um uivo ladrado pelos tempos vindouros. **Aí** eu era o homem que se projectava (e se projecta) nos actos futuros dos outros. E não sabendo ainda, ó minha amada, qual o teu acto a vir, tão sentido me senti que, encontrando-te, me fiquei sentado a olhar para ti...

Pedro Alvim